

# NVMMVS

2.<sup>A</sup> SÉRIE — VOLUME XIV / XV



PORTO  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA  
1991 - 1992

# NVMMVS

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

---

REDACÇÃO: Rui M. S. CENTENO  
A. M. de FARIA  
J. M. S. Mendes PINTO  
J. M. Valladares SOUTO

## SUMÁRIO

— <i>Novos elementos para o estudo das moedas romanas carimbadas</i> — A. Marques Faria .....	7
— <i>Um Tesouro de Aurei Romanos da antiga Índia Portuguesa: Aditamento</i> — Rui M. S. Centeno .....	19
— <i>Moedas Árabes de Beja invocando Ibn Qasi. Nova leitura e interpretação histórica</i> — Miguel Telles Antunes e Adel Sidarus .....	25
— <i>Fracção de Dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o Emir Almorávida Ishaq Ibn`Ali. Significado histórico e político</i> — Miguel Telles Antunes e Adel Sidarus	41
— <i>Escavações no templo romano de Évora — Acerca da relevância cronológica de uma série de moedas</i> — Felix Teichner .....	53
— <i>Ainda sobre a moeda de X réis de 1799</i> — José Rodrigues Marinho .....	67
<b>ACHADOS MONETÁRIOS</b>	
— <i>Três tesouros monetários romanos da época republicana</i> — A. Marques Faria .....	79
— <i>Tesouro monetário Tardo-Romano de Fermentões (Guimarães)</i> — Carlos Monteiro, Cristina Silva, Pedro Barbedo e Teresa Gomes .....	95
— <i>Notícia de um tesouro aparecido em Beja: Aditamento</i> — J. M. Valladares Souto e J. M. Ferreira Leite .....	119
— <i>Achados monetários em Idanha-A-Velha</i> — A. Marques Faria .....	121
— <i>Novas moedas de prata das oficinas muçulmanas de Beja e de Silves</i> — José Rodrigues Marinho .....	169

Toda a correspondência deve ser dirigida a:

NVMMVS  
Sociedade Portuguesa de Numismática  
Rua de Costa Cabral, 664  
4200 PORTO — PORTUGAL





NUMMVS



# NVMMVS

2.ª SÉRIE — VOLUME XIV / XV



PORTO  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA  
1991 - 1992

© Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto

ISSN 0871 - 2743

Dep. Legal N.º 71 824 / 93

Tiragem 1500 ex.

Fotocomposição, Impressão e Acabamento — *Imprensa Portuguesa* — Porto



## NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DAS MOEDAS ROMANAS CARIMBADAS

A. Marques de Faria

### INTRODUÇÃO

O principal objectivo deste trabalho é o de dar a conhecer alguns carimbos monetários romanos fabricados durante as primeiras décadas do Império, com particular relevo para os de procedência hispânica. Um dos factores que confere maior interesse ao conjunto de sete moedas carimbadas a seguir apresentado reside no facto de todas as contramarcas em estudo revestirem um conteúdo local, apesar de só um dos numismas ter sido cunhado em território provincial. Passadas mais de três décadas sobre a edição do *corpus* de contramarcas hispânicas organizado por Guadán (1960), torna-se necessário actualizá-lo, publicando, agora com o recurso a documentação fotográfica, não só os carimbos apostos em moedas ibero-romanas mas também os que, tendo uma origem assumida ou supostamente hispânica, hajam sido aplicados em moedas imperiais. Um primeiro passo no sentido da actualização do supracitado trabalho foi recentemente dado em apêndice ao *RPC I* (index 7.1, p. 809-810), mas abrangeu apenas os carimbos colocados em moedas hispânicas emitidas após a morte de César. Muito é, pois, o que ainda há a fazer.

### CATÁLOGO

1. Sestércio. *C. Cassius Celer*.

Anv./ OB CIVIS SERVATOS; a palavra CIVIS dentro de uma coroa de carvalho colocada entre dois ramos de loureiro; carimbo: SAL

Rev./ C CASSIVS C F CELER III VIR A A A F F; no centro: S C; carimbo: golfinho.

Peso: 21, 07 g.

Mód.: 36,1 mm x 32,8 mm.

Data: 16 a.C.

Ref.: *RIC* I, p. 70, n° 374.

Ceca: Roma.

Proveniência: Herdade da Barrosinha (Santiago, Alcácer do Sal).

Colecção: Fernando José Soares Gomes.

2. Sestércio. *C. Asinius Gallus*.

Anv./ OB CIVIS SERVATOS; a palavra CIVIS dentro de uma coroa de carvalho colocada entre dois ramos de loureiro; carimbo: SAL

Rev./ C ASINIVS C F GALLVS III VIR A A A F F; no centro: S C

Peso: 19,95 g.

Mód.: 34 mm x 34,7 mm.

Data: 16 a.C.

Ref.: *RIC* I, p. 69, n° 370.

Ceca: Roma.

Proveniência: Necrópole de São Francisco (Santiago, Alcácer do Sal).

Colecção: João Carlos Lázaro Faria.

3. Sestércio. *Cn. Piso Cn. f.*

Anv./ OB CIVIS SERVATOS; a palavra CIVIS dentro de uma coroa de carvalho colocada entre dois ramos de loureiro.

Rev./ CN PISO CN F III VIR A A A F F; no centro: S C; carimbo: M

Peso: 22,18 g.

Mód.: 34,9 mm x 34,3 mm.

Data: 23/22 a.C. (Burnett 1977, p. 51)

Ref.: *RIC* I, p. 70, n° 380.

Ceca: Roma.

Proveniência: Olheiro, Faião (Terrugem, Sintra).

Colecção: Museu Regional de Sintra (n° de inv. F/R/75/1).

4. Sestércio. *P. Licinius Stolo*.

Anv./ OB CIVIS SERVATOS; a palavra CIVIS dentro de uma coroa de carvalho colocada entre dois ramos de loureiro; carimbos: APRONI e AL

Rev./ P LICINIVS STOLO III VIR A A A F F; no centro: S C; carimbo: APRONI

Peso: 12,50 g.

Mód.: 34 mm.

Data: 17 a.C.

Ref.: *RIC* I, p. 67, n° 345.

Ceca: Roma.

Proveniência: Tróia (Melides, Grândola).

Colecção: desconhecida (ex-colecção Francisco Finura).

5. Dupôndio. Cláudio (em nome de Antónia).

Anv./ ANTONIA AVGVSTA - Busto drapeado de Antónia à direita; carimbo: golfinho.

Rev./ TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP - no campo: S C

Cláudio de pé à esquerda, velado e vestido com a toga, segurando um *simpulum* na mão direita e um rolo na esquerda.

Peso: 10, 67 g.

Mód.: 28, 0 mm.

Data: 41-42 d. C. (Giard, 1988, p. 27).

Ref.: *RIC* I, p. 127, nº 92.

Ceca: Roma.

Proveniência: Beja.

Colecção: Museu Nacional de Arqueologia, sem nº de inv. (tabuleiro 131, nº 65).

6. Dupôndio. Cláudio (em nome de Antónia).

Anv./ ANTONIA AVGVSTA - Busto drapeado de Antónia à direita; carimbo: caduceu.

Rev./ TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP - no campo: S C

Cláudio de pé à esquerda, velado e vestido com a toga, segurando um *simpulum* na mão direita e um rolo na esquerda.

Peso: 10, 30 g.

Mód.: 28, 6 mm.

Data: 41-42 d. C. (Giard, 1988, p. 27).

Ref.: *RIC* I, p. 127, nº 92).

Ceca: Roma.

Proveniência: desconhecida.

Colecção: Museu Nacional de Arqueologia, sem nº de inv. (tabuleiro 74, nº 44) (ex-colecção Arsénio da Silva).

7. Asse. Tibério.

Anv./ TI CAESAR DIVI AVG F AVGVSTVS - Cabeça laureada de Tibério à direita; contramarca: S S

Rev./ MVNICIP CASCANTVM - Touro à direita.

Peso: 10, 47 g.

Mód.: 26, 6 mm.

Cronologia: 14-37 d.C.

Ref.: *RPC I 427*.

Ceca: *Cascantum* (Cascante, Navarra).

Proveniência: desconhecida.

Colecção: Museu Nacional de Arqueologia, sem nº de inv. (tabuleiro 100, nº 37).

## COMENTÁRIOS

Tanto a abreviatura SAL como o golfinho, as duas contramarcas presentes no sestércio de *C. Cassius Celer*, figurando igualmente a primeira na moeda nº 2, remetem para *Salacia*, cidade que, décadas antes, havia albergado uma ceca. Naquele sestércio, ambas as contramarcas devem ter sido colocadas simultaneamente, no intuito de reforçar a mensagem a veicular, *i. e.*, a revalidação, por meio de símbolos municipais, de numismas dificilmente identificáveis, dado o desgaste que apresentavam.

Os locais onde foram recuperadas as moedas nºs 1 e 2 não permitem duvidar do sentido a dar à abreviatura SAL. O modo como o topónimo é abreviado leva-nos a crer que, no momento em que os carimbos foram fabricados, possivelmente durante a primeira metade do século I d.C., o título *Imperatoria* já havia desaparecido da denominação oficial da cidade (Faria, 1993, p. 135), atendendo à conotação que podia ser estabelecida entre aquele título e Sexto Pompeio, o putativo responsável pela sua criação (Faria, 1989, p. 79-80).

Para além desta contramarca — que as duas moedas em questão mostram ter sido distribuída, pelo menos, por dois punções —, conhece-se uma outra, de produção gaditana, que parece ostentar as mesmas letras; porém, nesta abreviatura de significado desconhecido, o A e o L encontram-se em nexa (Alfaro, 1988, lám. 40, nº 2340).

A utilização do golfinho como motivo da contramarca aplicada no reverso da moeda de *C. Cassius Celer* relaciona-se naturalmente com a tipologia das moedas salacienses batidas em 45/44 a.C. (Faria, 1989, p. 79). Também em *Corcira* (Howgego, p. 172, nº 356), no reino do Bósforo (Howgego, p. 172, nº 357) e em *Gades* (Alfaro, 1988, p. 66-67, n.ºs 2 e 3) foram fabricados carimbos com aquele mamífero, tal como em *Salacia*, simultânea ou anteriormente utilizado como tipo monetário por aquelas cecas. Ainda que sem relação com a tipologia monetária respectiva, *Emporia(e)* carimbou igualmente com golfinhos diversos exemplares aí produzidos (*RPC I* p. 809, nº 3); ao contrário dos exemplos aduzidos, não se conhece, até hoje, nenhuma moeda salaciense que tenha sido carimbada.

Relativamente à contramarca M, presente no exemplar nº 3, à esquerda da dita letra, é visível um ponto cortado pela margem da cartela. Cremos, porém, que esse pequeno círculo não deve passar de uma falha no fabrico do carimbo. Considerando as

afinidades entre esta contramarca e outras duas, recentemente dadas a conhecer por García-Bellido (1986, p. 44, figs. 18 e 19), aventamos a hipótese de a abreviatura M poder ser desdobrada em M(*etalla*) (García-Bellido, 1986, p. 23). As semelhanças entre os três carimbos abrangem não apenas a letra reproduzida mas também o formato trapezoidal da cartela. Em face da ausência de vestígios de minas na área onde o numisma foi recolhido, é provável que a contramarcacão tenha decorrido fora do *ager Olisiponensis*.

Considerando que o 4º espécime foi por nós publicado de forma incipiente numa revista de circulação limitada, destinada sobretudo a colecionadores de moedas (Faria, 1984), achámos oportuno voltar a publicá-lo; para tanto, tivémos de recorrer às fotografias reproduzidas naquele trabalho, devido ao furto de que, há alguns anos, foram alvo todas as moedas recolhidas pelo Sr. Francisco Finura ao largo de Tróia.

Sobre o carimbo APRONI e o responsável pelo seu fabrico, *L. Apronius*, importa referir os trabalhos de Mackensen (1978-1979) e de Manganaro (1987). Este último tentou demonstrar que o numerário contramarcado por aquele procônsul em terras africanas foi em parte novamente carimbado na Sicília, num processo que envolveu aproximadamente uma dúzia de cidades, de estatutos diversos, e outros tantos carimbos (Manganaro, 1987, p. 582-583; *RPC* I, p. 166); cremos, porém, que, ao contrário do que pretende Manganaro, as moedas dos *tresuiri a.a.a.f.f.* foram carimbadas na Sicília antes de passarem pelas mãos dos moedeiros de *Apronius*. Baseamos esta nossa afirmação na moeda em apreço, porquanto o carimbo APRONI sobrepõe-se parcialmente a AL, que pode ser a abreviação do nome de uma cidade siciliana. Não obstante a inexistência de um ponto a separar estas duas letras, propomos, com as necessárias ressalvas, o seu desdobramento em *\*Augusta/um Lilybaeum*. A utilização de um tal carimbo seria necessariamente posterior à municipalização da cidade, ocorrida entre 12 a.C. e 14 d.C., constituindo a primeira data o *terminus ante quem* do relato pliniano, que enuncia o estatuto peregrino de *Lilybaeum*. Se esta hipótese vier um dia a ser confirmada, o carimbo [LI?]LYB (Giard, 1976, Pl. C, 7) terá sido utilizado antes daquele ano pela mesma cidade, quando esta não passava de um *oppidum stipendiarium* (Brunt, 1971, 605).

O golfinho ilustrado no exemplar nº 5 nada tem a ver com as representações do mesmo animal, que encontramos nos carimbos hispânicos (v. *supra*). Tendo em conta os exemplos conhecidos, evocados a propósito dos carimbos salacienses, é de admitir que, não obstante estarmos perante uma moeda cunhada em Roma, esta tenha sido revalidada por uma cidade-ceca do Litoral, por agora indeterminada, mas não necessariamente situada na Península Ibérica.

Compulsada a bibliografia disponível, pudemos encontrar apenas um paralelo para a contramarca aposta na moeda nº 6: trata-se de uma emissão de *Olbia* (*RPC* I 1946), que apresenta o mesmo carimbo em muitos dos seus exemplares, com a

diferença de o caduceu ser enquadrado por uma cartela rectangular, facto que não se verifica no nosso dupôndio. Registe-se ainda que a efigie de Antónia parece ter sido propositadamente desfigurada. Falta agora saber se a contramarcação e a martelagem do anverso são fenómenos susceptíveis de serem relacionados; parece, contudo, ser possível afirmar com alguma segurança que a aplicação do carimbo ocorreu após a martelagem do retrato da sobrinha de Augusto.

Encerramos este nosso trabalho com um asse de *Cascantum*, a única das sete moedas que foi batida em território hispânico. Esta reveste-se de um interesse muito especial, já que se vem juntar a quatro outras peças peninsulares que ostentam uma contramarca semelhante: duas de *Cese*, uma de *Carmo* e a outra de *Iulia Traducta* (García-Bellido, 1986, p. 20-21). Apesar de a metade inferior dos SS não ter sido gravada na sua totalidade a fim de perfazer uma curva completa, não vemos qualquer razão para propor uma leitura diversa da que agora apresentamos. Segundo García-Bellido (1986, p. 20), este carimbo poderá aludir à *S(ocietas) S(isaponensis)* referida por Plínio, exploradora do minio que abundava na região de *Sisapo*, cidade a localizar em La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real) (Abascal e Espinosa, 1989, p. 28-29 e p. 33, nota 80).

## AGRADECIMENTOS

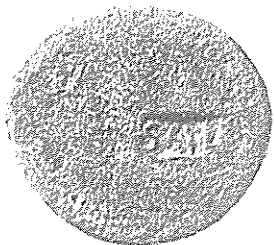
Agradecemos a gentileza demonstrada por Fernando Gomes e por João Carlos Lázaro Faria, de Alcácer do Sal, que, mais uma vez, connosco colaboraram, disponibilizando as peças de que são possuidores; estamos igualmente gratos a José Cardim Ribeiro (Museu Regional de Sintra) e a Francisco Alves (Museu Nacional de Arqueologia), por terem permitido o estudo das moedas guardadas nas instituições que dirigem.

## BIBLIOGRAFIA

- J. M. Abascal e U. Espinosa, *La ciudad hispano-romana: privilegio y poder*, Logroño 1989.  
 C. Alfaro Asins, *Las monedas de Gadir/Gades*, Madrid 1988.  
 P. A. Brunt, *Italian Manpower: 225 B. C.-A. D. 14*, Oxford 1971.  
 A. M. Burnett, "The Authority to Coin in the Late Republic and Early Empire", *NC* 137 1977 p. 37-63.  
 A. M. de Faria, "Uma moeda romana carimbada", *Moeda* 9 1984 p. 9-10.  
 A. M. de Faria, "Numária de \*Cantnipo", *Conimbriga* 28 1989 p. 71-99.  
 A. M. de Faria, "[Sobre] M. A. Marín Díaz, Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana, Granada, Universidad, 1988", *Vipasca* 2 1993 p. 131-135.  
 M. P. García-Bellido, "Nuevos documentos sobre minería y agricultura romanas en Hispania", *Archivo Español de Arqueología* 59 1986 p. 13-46.

- J.-B. Giard, *Bibliothèque Nationale: Catalogue des monnaies de l'Empire romain. I. Auguste*, Paris 1976.
- J.-B. Giard, *Bibliothèque Nationale: Catalogue des monnaies de l'Empire romain. II. De Tibère à Néron*, Paris 1988.
- A. M. de Guadán, "Tipología de las contramarcas en la numismática ibero-romana", *NH* 1960, 9, p. 7-122.
- C. J. Howgego, *Greek Imperial Countermarks: Studies in the Provincial Coinage of the Roman Empire*, London 1985.
- M. Mackensen, "Gegenstempel des L. Apronius aus der Provinz Africa Proconsularis", *JNG* 28-29 1978-1979 p. 11-20.
- G. Manganaro, "Tacfarinas e la Sicilia (ovvero L. Apronius e il santuario ericino)", *L'Africa romana. Atti del IV convegno di studio (Sassari, 12-14 dicembre 1986)*, Sassari 1987, p. 581-585.
- RIC I* = C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage. I: From 31 BC to AD 69*, London 1984.
- RPC I* = A. Burnett, M. Amandry e P.P. Ripollès, *Roman Provincial Coinage. Vol. I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, London-Paris 1992.

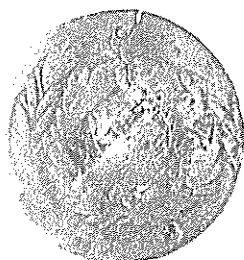
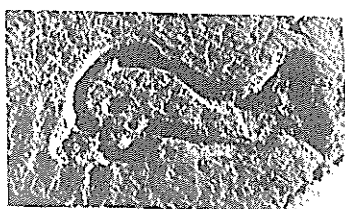
ESTAMPA I



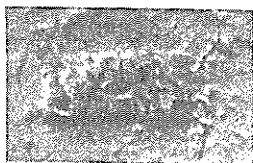
1



2



3



4

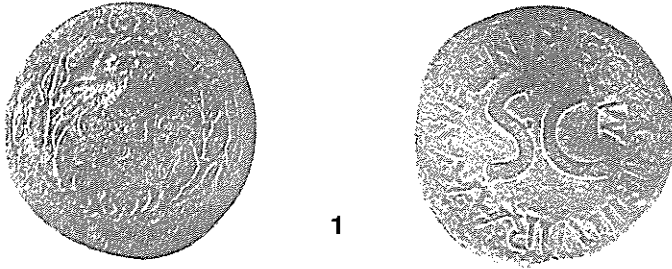
1 — Sestércio de *C. Cassius Celer* (nº 1 do catálogo) (esc. aprox.: 1:1).

2 — Contramarcas da moeda anterior (ampliações).

3 — Sestércio de *C. Asinius Gallus* (nº 2 do cat.) (esc. aprox.: 1:1).

4 — Contramarca da moeda anterior (ampliação).





1



2



3

1 — Sestércio de *Cn. Piso Cn. f.* (nº 3 do cat.) (esc. aprox.: 1:1).

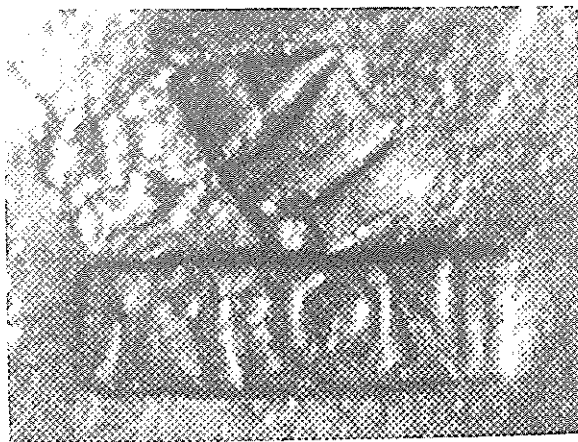
2 — Contramarca da moeda anterior (ampliação).

3 — Anverso do sestércio de *P. Licinius Stolo* (nº 4 do cat.) (esc. aprox.: 2:1).

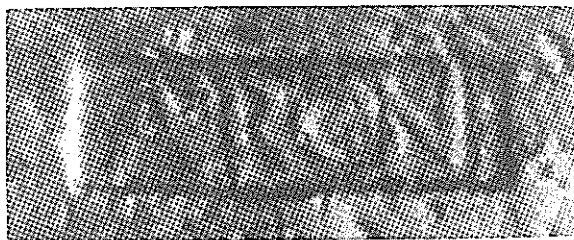
ESTAMPA III



1



2



3

- 1 — Reverso do sestércio de *P. Licinius Stolo* (nº 4 do cat.) (esc. aprox.: 2:1).  
2 — Contramarca do anverso da moeda anterior (ampliação).  
3 — Contramarca do reverso da moeda anterior (ampliação).



1 — Dupôndio de Cláudio (em nome de Antónia) (n.º 5 do cat.) (esc. aprox.: 2:1).

2 — Contramarca da moeda anterior (ampliação).

3 — Dupôndio de Cláudio (em nome de Antónia) (n.º 6 do cat.) (esc. aprox.: 2:1).

ESTAMPA V



1



2

1 — Contramarca da moeda anterior (ampliação).

2 — Asse de Tibério (nº 7 do cat.) (esc. aprox.: 2:1).

## UM TESOURO DE *AUREI* ROMANOS DA ANTIGA ÍNDIA PORTUGUESA: ADITAMENTO

Rui M. S. Centeno

Em 1985, quando publicámos uma pequena nota sobre um *aureus* de Septimius Severus (Roma, 206; *RIC* 274), guardado no Museu do Abade de Baçal (Bragança) e pertencente a um tesouro aparecido em Pondá (Goa) (1), estávamos muito longe de pensar que, cerca de dez anos passados, haveríamos de voltar a tratar deste importante achado.

Este aditamento é o corolário de novas e preciosas informações sobre este tesouro que nos foram gentilmente fornecidas pelo Dr. Rui Alcântara de Melo residente em Torres Vedras, na sequência da leitura casual do nosso artigo já citado. Após um primeiro contacto(2), o Dr. Alcântara Melo revelou-nos, em carta de 7 de Novembro de 1993, elementos que nos permitem conhecer melhor a data e as circunstâncias do achado, bem como a sua composição, tendo-nos ainda facultado fotografias de três *aurei* que foram oferecidos a seus pais por ocasião da descoberta deste conjunto monetário.

O tesouro apareceu na vila de Pondá, cerca de 1916 (3), quando alguns operários abriam valas numa propriedade vizinha da residência dos Pais do Dr. Alcântara de Melo que, verificando da janela uma fuga precipitada dos trabalhadores, avisaram o proprietário do terreno que encontrou numa das valas 13 moedas em ouro e um pote. É natural que o tesouro, ao contrário do que os dados disponíveis em 1985 faziam pensar, fosse constituído por um número bem superior de moedas, levadas pelos operários e razão da fuga apressada do seu local de trabalho.

---

(1) «Um tesouro de *aurei* romanos da antiga Índia Portuguesa, *Nvmmvs* 2.<sup>a</sup> série VII/VIII 1984-1985, p. 43-46.

(2) Carta de 27 de Outubro de 1993.

(3) Informações por nós coligidas em 1985 situavam a descoberta do tesouro em tempos anteriores a 1932 (R.M.S. Centeno, *op. cit.*, p. 44). Num trabalho recentemente editado sobre os achados de moedas romanas na Índia, já se encontra referenciado o nosso tesouro mas com a indicação, incorrecta, do seu achamento em 1984 (?) (Paula J. Turner, *Roman Coins from India*, London 1989, p. 53).

As três novas peças deste conjunto monetário são de Septimius Severus, tal como a já anteriormente publicada, que passamos a descrever:

1. *Anv.)* **SEVERVS PIVS-AVG PM TR P X**  
Busto laureado à direita com manto e couraça  
*Rev.)* **AETERNIT IMPERI**  
Bustos confrontados de Caracalla, laureado à direita com manto e couraça, e de Geta, com cabeça nua à esquerda e manto  
*Peso:* 7.2  
*Centro emissor e cronologia:* Roma, 202  
*Bibliografia de referência* (4): cf. Cohen (Severus, Caracalla e Geta) 5 (mas com cabeça laureada à direita no *Anv.*)  
*RIC* —  
*BMCRE* —  
Hill —
  
2. *Anv./* **SEVER P AVG PM-TR P XI COS III**  
Busto laureado à direita com manto e couraça  
*Rev./* **FOR-TVNAE RE-DVX**  
Severus velado, em pé à direita, sacrificando sobre trípede em frente de Fortuna, sentada à esquerda, segurando leme e cornucópia; uma roda sob o trono  
  
*Peso:* 7.6  
*Centro emissor e cronologia:* Roma, 203  
*Bibliografia de referência:* Cohen 183  
*RIC* 188  
*BMCRE* 431  
Hill 609

---

(4) Abreviaturas utilizadas:

- Cohen* H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain communément appelées médailles impériales*, vol. IV, Paris 1884 (reimpr. anast., Graz 1955).
- RIC* H. Mattingly e E.A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage*, vol. IV Part I: Pertinax to Geta, London 1936 (reimpr. 1972).
- BMCRE* H. Mattingly, *Coins of the Roman Empire in the British Museum*, vol. V: Pertinax to Elagabalus, 2.<sup>a</sup> ed. preparada por R.A.G. Carson e Ph. V. Hill, London 1975.
- Hill* Ph. V. Hill, *The Coinage of Septimius Severus and his Family of the Mint of Rome, A. D. 193-217*, London 1977<sup>2</sup>.

3. *Anv./* **SEVERVS-PIVS AVG**  
Cabeça laureada à direita

*Rev./* **LIBERALI-TAS AVGG V**  
Liberalitas, em pé à direita, segurando *abacus* e cornucópia

*Peso:* 7.2

*Centro emissor e cronologia:* Roma, 205

*Bibliografia de referência:* Cohen 295

*RIC* 277

*BMCRE* 346

Hill 703

O exemplar n.º 1 apresenta uma combinação de anverso/reverso não registada na bibliografia de referência utilizada, o que poderia indiciar uma possível origem irregular, situação bem documentada em diversos achados indianos <sup>(5)</sup>. Apenas Cohen refere um *aureus*, cotejado de um «ancien catalogue» (?) <sup>(6)</sup>, semelhante ao nosso, mas apresentando no anverso uma cabeça laureada à direita, que não mereceu quaisquer comentários em *RIC*, *BMCRE* e Hill, talvez, por se julgar esta referência pouco fidedigna. Contudo, o estilo, qualidade de cunhagem e o peso evidenciado pela nossa peça sugerem a sua origem oficial, impressão confirmada por uma provável ligação de anversos entre o nosso exemplar e um *aureus* do Museu Britânico com o reverso *Felicitas/Saeculi* <sup>(7)</sup>.

No referente à cronologia do ocultamento do tesouro de Pondá, os novos dados agora revelados parecem reforçar a sua datação dentro do período severiano, já sugerida em 1985 <sup>(8)</sup>. Das três moedas aqui publicadas, a mais recente é uma emissão contemporânea da 5.ª *Liberalitas* do reinado de Septimius Severus, comemorativa do consulado conjunto de Caracalla e de Geta e datada de 205 <sup>(9)</sup>, ou seja, com uma cronologia muito próxima da primeira peça conhecida deste tesouro, cunhada por volta de 206 <sup>(10)</sup>.

---

<sup>(5)</sup> Cf. Paula J. Turner, *op. cit.*, p. 37-41, Peter Berghaus, «Roman Coins from India and their Imitations», *3rd International Colloquium, Coinage, Trade and Economy*, ed. A.K. Jha, Anjaneri 1991, p. 108-121 e a recensão crítica ao trabalho de Turner, recentemente publicada por Berghaus, «Zu den römischen Fundmünzen aus Indien», *SNR* 71 992, p. 237-239.

<sup>(6)</sup> Vol. IV, p. 102, n.º 5.

<sup>(7)</sup> *BMCRE* 379 e Est. 37.5.

<sup>(8)</sup> R.M.S. Centeno, *op. cit.*, p. 46.

<sup>(9)</sup> *BMCRE* p. cxlviii e cli.

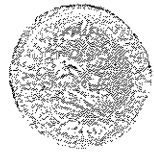
<sup>(10)</sup> R.M.S. Centeno, *op. cit.*, p. 43 e nota 2.

Os ligeiros vestígios de desgaste, provocados pela circulação, visíveis nos quatro *aurei* apontam para um ocultamento do conjunto monetário, talvez, ainda dentro do reinado de Septimius Severus, inserindo-se no já numeroso grupo de tesouros severianos que parecem testemunhar, como assinalou Berghaus, o último grande período de importação de moeda romana pelos indianos que terminará cerca de 215 <sup>(11)</sup>.

---

<sup>(11)</sup> P. Berghaus, «Funde severischer Goldmünzen in Indien», *Migratio et Commutatio: Studien zur Alten Geschichte und deren Nachleben, Festschrift Thomas Pekáry*, St. Katarinen 1989, p. 91-101 e, do mesmo autor, o artigo já citado na nota 5, «Zu den römischen Fundmünzen...», p. 232, onde é criticada a análise, exageradamente ligeira, de Turner (*op. cit.*, p. 27) acerca dos tesouros do século II e inícios do III.





1



2



3





## MOEDAS ÁRABES DE BEJA INVOCANDO IBN QASI NOVA LEITURA E INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Miguel Telles Antunes (\*) e Adel Sidarus (\*\*)

### INTRODUÇÃO

Escavações na Lapa do Fumo (Sesimbra) dirigidas por E. da Cunha Serrão (cf. SERRÃO, 1968) resultaram, em 1956, na descoberta de moedas árabes, particularmente interessantes por se tratar de um dos raros casos, em Portugal, de achado de proveniência bem conhecida. São quirates, espécie monetária de prata, adoptada e largamente produzida pelos Almorávidas, e que persistiu ainda algum tempo depois.

Umás são do soberano almorávida ‘Ali ibn Yusuf (500-537 AH/1106-1142 AD). Porém, a maioria foi cunhada no Sudoeste peninsular após o colapso do poder almorávida, no período em que se constituíram efémeros reinos dissidentes ou taifas (2.<sup>as</sup> taifas, ou taifas almorávidas), antes de ser adoptado o novo sistema monetário da dinastia em ascensão, a dos Almóadas.

As moedas recuperadas na Lapa do Fumo e conservadas no Museu Municipal de Sesimbra foram estudadas por J. FIGANIER (1958). Um dos resultados mais notórios foi a caracterização de Silves, pela primeira vez, como sede de oficina monetária.

Em revisão, J. MARINHO (1968, p. 18-22) identificou Beja como outra localidade onde foi cunhada moeda árabe; baseou-se no espécime n.º 7 desta colecção, então único do seu tipo. Refere-se-lhe, também, em nota de rodapé (MARINHO, 1985, p.183). Nas obras citadas, são produzidas críticas à leitura de FIGANIER e avançadas interpretações, que variaram, acerca da palavra que se segue ao nome Abu Talib: *al-Zahra* (?). Em 1968, como apelido deste desconhecido emir; em 1985, como atributo de Beja - “a brilhante de brancura”.

Surgiu novo elemento, outro quirate de Beja, brevemente descrito por MARINHO (1988). Foi adquirido por um de nós (M.T.A.), que mais não apurou

---

(\*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

(\*\*) Secção de Estudos Árabes, Univ. de Évora, Apartado 94, 7001 Évora Codex, Portugal.

quanto à proveniência, senão que proviria da região de Beja. Pertenceria, talvez, ao “grande achado de moedas em terras ao Sul de Beja, em 1954” referido por MARINHO (1985, p.192). Como no primeiro quirate bejense, é invocado Ahmed Ibn Qasi, o auto-proclamado Mahdí que, durante breve período, foi Rei de Mértola e de todo o Sudoeste peninsular <sup>(1)</sup>. Porém, se as palavras das legendas são as mesmas, a disposição não é idêntica. Aqui, o termo duvidoso segue-se, na mesma linha, a Abu Talib; daí nova inflexão de opinião - “Agora a dúvida voltou a instalar-se, pelo facto de o abridor do cunho, ... , ter escrito ... <<Abu Talib>> e <<al-Zahra’>> numa só linha, como se, em conjunto, ... figurassem o nome do emir, personagem ... que não foi possível encontrar mencionada em qualquer outro documento, ... “ (MARINHO, 1988, p. 3-4).

Entretanto, surgiram documentos, epigráficos (BORGES, 1987) e numismáticos (ANTUNES & SIDARUS, 1991), referentes a Ibn Wazir, Senhor de Évora que, a certo passo, aderiu e se aliou a Ibn Qasi para, depois, com ele romper e o destronar, convertendo-se no chefe de um estado que englobava aproximadamente os actuais Alentejo e Algarve. Dado o excepcional interesse de uma moeda de ouro, inédita, de Ibn Wazir invocando o último emir almorávida, Ishaq ibn ‘Ali, elaborámos (*idem*) um estudo em que, além da componente numismática, foram aclarados aspectos histórico-políticos e apresentado um novo quadro cronológico dos acontecimentos principais.

Os percursos políticos de Ibn Qasi e de Ibn Wazir interferiram. A época, conturbada, é rica de acontecimentos relacionados com a progressão dos reinos cristãos, entre os quais o Portugal nascente, e, por outro lado, as contra-pressões das dinastias berberes: Almorávidas, que tentavam recuperar o seu poderio na Península; e Almóadas, em plena ascensão.

Estas pesquisas evidenciaram a necessidade de re-estudar ambas as moedas de Beja, e o novo espécime em particular, já que é mais esclarecedor que o primeiro. Não só foi rectificada, agora, a leitura da palavra em causa, confirmando que se trata do sobrenome do emir Abu Talib, como se conseguiu datar rigorosamente a cunhagem e progredir no conhecimento do contexto histórico.

## DESCRIÇÃO

### a) *Quirate da col. M. T. Antunes*

— moeda geralmente bem conservada, com legendas inteiramente legíveis; periferia algo incompleta, não por cerceio mas talvez por defeito do disco, fracturado aquando da cunhagem e com perda de matéria (houve esmagamento, evidente junto da superfície de fractura e na face com os nomes do imam e do emir, onde parece ter havido dobramento de uma porção de metal); pode ter resultado de recunhagem, o que

(1) Literatura mais recente: *EI*, III, p.893-894; GOODRICH, 1978.

não podemos demonstrar; mostra indícios de ter circulado, e de alguma corrosão; cunhagem cuidada, com disco circular quase perfeito; caligrafia cúfica evolucionada, ornamentada, bem desenhada e gravada.

— metal: prata.

— métrica: não é possível a determinação dos valores máximo e mínimo absolutos do módulo, devido ao estado incompleto; máximo observado, 14.2 milímetros; estes e outros elementos constam do Quadro I, que igualmente contém informação acerca de mais 19 quirates do período das taifas almorávidas, incluindo do de Beja encontrado na Lapa do Fumo.

— ornamentação: legendas contidas num círculo interno liso, em relevo, rodeado por um círculo externo granulado, com cerca de 2 grânulos por milímetro; alguns pequenos círculos e semi-círculos, no campo e no exergo, aliás pouco espaçoso; os pontos diacríticos das letras são colocados de modo irregular e fora dos locais próprios, de acordo com as necessidades estéticas de preencher os espaços interlineares; no anverso, há um crescente em cima da palavra *nabiyuna* (vide Quadro II).

— legendas: apresentadas comparativamente às do espécime da Lapa do Fumo no Quadro II; o estilo da caligrafia de ambos os lados parece diferente.

#### b) *Quirate da Lapa do Fumo*

A menos que seja necessário, e assim é, por exemplo, no que concerne à métrica, não repetiremos matérias já tratadas; os dizeres foram considerados noutras publicações.

— métrica: vide Quadro I.

— ornamentação: semelhante à do exemplar acima descrito e de estilo idêntico, com círculos concêntricos (liso envolvido por outro de grânulos) a envolver as legendas, pequenos círculos e semi-círculos, porém com diferenças quanto ao número e à disposição; vale a mesma observação já apresentada quanto aos pontos diacríticos e o crescente (vide Quadro II).

— legendas: mesmas observações que para a moeda precedente (vide Quadro II).

#### c) *Composição química das ligas*

Análise por dispersão de raios X no microscópio electrónico de varrimento (SEM) JEOL 300 A do CEPUNL, equipado com microsonda TRACOR, efectuada por J. C. Pais, revelou cloro, prata e cobre. O Cl não foi doseado por se tratar evidentemente de elemento introduzido por alteração, comum em moedas de prata quando se forma cerargirite, Ag Cl. A relação ponderal Ag : Cu da liga é de 97.06 : 2.94 % no quirate da Col. M.T.A.; e de 95.54 : 4.46 % no da Lapa do Fumo. Trata-se, pois, de ligas de excelente qualidade, o que também se verifica em numerosos quirates almorávidas (CABRAL & MARINHO, 1988).

Quadro I — Métrica de *Quirates das Taifas almorávidas*

(Col. M.T.A., salvo um exemplar (\*) do Museu Municipal de Sesimbra)

EMIR	Local de cunhagem	Vives n.º	Proveniência	Módulo (mm)* máx. - min.	Espessura (mm)* máx. - min.	Peso (g)
Ibn Qasi	Mértola	1916	?	13.3 - 12.8	0.9 - 0.7	0.941
Abu Talib (com Ibn Qasi)	Beja	—	S de Beja	(14.2)	0.8 - 0.7	0.802
<i>idem</i> (*)	Beja	—	Lapa do Fumo	13.8 - 13.0	0.9 - 0.6	0.976
Ibn Hamdin	Córdova	1907	?	11.3 - 10.6	1.2 - 0.8	0.908
Ibn Wazir (com Ibn Hamdin)	?	1909	Lapa do Fumo (oferta de E. C. Serrão)	11.9 - 11.3	1.2 - 0.9	1.013
<i>idem</i> ( <i>id.</i> )	?	1909 var.	?	10.8 - 10.1 (cerceada)	1.2 - 0.8	>0.721
Ibn Wazir	?	1911	?	12.3 - 11.9	0.9 - 0.6	0.791
<i>idem</i>	?	1911	castelo de Messejana	13.5 - 12.3	0.8 - 0.5	0.901
Ibn Wazir	?	1912	castelo de Messejana	11.4 - 10.9	1.0 - 0.7	0.898
Banu Tashfin	?	1980	?	11.0 - 10.4	1.1 - 0.9	0.849
Ibn 'Ali	Badajoz	1988	?	10.7 - 10.3	1.0 - 0.7	0.781
Califa abácida anónimo	?	2003	?	12.2 - 11.6	1.2 - 0.7	0.883
Mohammed ibn Sa'd	Múrcia	1969	?	13.0 - 12.6	0.9 - 0.6	0.907
Mahdi (Ibn Qasi)	n. indicado mas Silves	—	castelo de Sesimbra ou Lapa do Fumo? (oferta de J. C. Fernandes)	11.7 - 11.2	0.9 - 0.7	0.789
Mahdi anónimo (tipo A)	?	—	?	11.6 - 11.2	1.0 - 0.7	0.913
<i>idem</i>	?	—	?	11.0 - 10.8	1.2 - 0.7	0.912
<i>idem</i>	?	—	arredores de Almeida	12.0 - 11.4	1.1 - 0.8	0.899
<i>idem</i>	?	—	imediações de Pinhel	11.0 - 10.6	1.2 - 0.8	0.857
Mahdi anónimo (tipo B)	?	—	?	11.3 - 11.1	1.0 - 0.7	0.866
<i>idem</i>	?	—	imediações de Pinhel	11.5 - 11.0	1.2 - 0.8	0.801

(\*) Medidas tomadas com craveira susceptível de avaliação até 0.05 mm; no caso do módulo, foram efectuados numerosos ensaios em cada espécime, indicando-se o máximo e mínimo observados; quanto à espessura, procedeu-se semelhantemente, mas apenas nos 3 mm periféricos, para evitar medidas sem significado quando havia deformação significativa do disco. Quanto aos locais de proveniência, há casos diversos: em que são conhecidos precisamente; outros de maneira vaga mas certamente de determinada região; ou em que a região é indicada com dúvida; enfim, aqueles que foram adquiridos no comércio sem quaisquer indícios da proveniência primária.

Quadro II — *Legendas dos quirates de Beja*

Anverso		Reverso	
Col. M.T.A.	L. do Fumo	Col. M.T.A.	L. do Fumo
الله ربنا و محمد نبينا و المهدي امامنا باجة	الله ربنا و محمد نبينا و المهدي امامنا باجة	الامام القائم بامر الله احمد بن قسي و الام[بير] ابو طالب الزهر [؟]	الامام القائم بامر الله احمد بن قسي و الامير ابو طالب الزهر؟

d) *Observação sumária no SEM*

São frequentes as cavidades entre cristais, que sugerem trabalho a temperatura relativamente baixa. É possível que pesquisas sistemáticas neste domínio revelem dados interessantes quanto às técnicas metalúrgicas e às próprias cunhagens.

e) *Comparações*

São notáveis, do ponto de vista da métrica, o módulo e o peso relativamente elevados, ainda que tenhamos observado alguns quirates comparáveis da primeira fase (sem designação de herdeiro) do reinado de 'Ali ibn Yusuf. Alguns de Ibn Wazir tendem a ter módulo menor com disco mais espesso, portanto sem diferença de peso significativa. Ainda outros de idade próxima não se afastam muito (ver Quadro I).

Há algumas diferenças (ver figuras e Quadro II): de caligrafia, com letras geralmente mais esbeltas no exemplar da Lapa do Fumo; de ornamentação, em particular quanto a pequenos círculos e a pontos ornamentais; reverso em 4 e 5 linhas. Os dizeres são os mesmos, com a significativa diferença de o exemplar da col. M.T.A. ostentar, numa só linha, o que se demonstrará ser o nome completo do emir.

A comparação epigráfica entre os aversos sugere que, nas primeira e última linhas da moeda da col. M.T.A., os pontos decorativos resultam da transformação dos pontos diacríticos (do *qaf* e do *ba*) existentes no quirate da Lapa do Fumo. Daí se pode depreender que o cunho daquele é ulterior ao do da moeda da Lapa do Fumo. Portanto, a moeda da col. M.T.A. representa, provavelmente, uma emissão mais moderna.

## LEITURA

As legendas de ambos os quirates são idênticas quanto ao teor, mas diferem pelo desenho.

O texto dos aversos encontra-se distribuído da mesma maneira: *Allah rabbuna / wa-Muhammad nabiyyuna / wa-l-Mahdi imamuna / Baja* (Deus é nosso Senhor / e

Muhammad é nosso Profeta / e o Mahdi é nosso Imã / Beja). É de notar, nos anversos, o crescente que encima a palavra *nabiyyuna* (“o nosso profeta”).

Nos reversos a distribuição diverge:

— (Col. M.T.A.) - *Al-Imam / al-Qa'im bi-amr Allah / Ahmad Ibn Qasi wa-l-Amir / Abu Talib al-Zhr[?]* (O Imã / O Estabelecido por ordem de Deus (título) / Ahmad Ibn Qasi e o Emir / Abu Talib al-Zhr?).

— (Lapa do Fumo) - *Idem / idem / Ahmad Ibn Qasi / wa-l-Amir Abu Talib / al-Zhr [?]* (mesmo significado).

Salvo a menção do emir, as legendas são conhecidas doutras moedas de Ibn Qasi (Vives nº 1915-8; MARINHO, 1985 e 1986).

A leitura da última palavra dos reversos não é óbvia. Se, quanto à moeda da Lapa do Fumo, FIGANIER (1958, p.181) não avançou com nenhuma proposta, MARINHO (1968, p.19-21) leu, com reservas, *al-Zahra'*: nesta publicação como apelido do Emir Abu Talib; numa outra (1985, p. 183, n.5), como atributo - “a brilhante de brancura” - de Beja, o topónimo que figura na mesma posição na face oposta da moeda. No entanto, aquando da descrição do exemplar da col. M.T.A., que apresenta a palavra na mesma linha que o nome Abu Talib, MARINHO (1988, p. 3-4) confessa que “a dúvida voltou a instalar-se”.

Na verdade, mesmo que não tivesse aparecido este último exemplar, é indubitável que se trata de um apelido ou cognome. Em primeiro lugar, porque apenas personalidades muito notórias podem, em árabe, ser referidas pelo nome próprio (*ism al-'alam*) ou pelo sobrenome de paternidade (*kunya*) sem mais elementos onomásticos (CAETANI & GABRIELI, 1915, p. 115-118). Note-se que, no caso em apreço, a *kunya* “Abu Talib”, que significa literalmente “Pai do que procura [atingir a meta]”, não tem carácter genealógico mas sim metafórico (um ápodo de cavalo), com valor antonomástico (*id.*, p.104-107, 120-121). De qualquer modo, a conclusão a que chegamos é que a palavra em dúvida deve mesmo representar um elemento onomástico complementar.

Por outro lado, as cidades islâmicas não costumam receber atributos. Apenas, em certos casos e com intuito distintivo, um sobrenome relacionado com a sua topografia ou seus recursos naturais, construído sintacticamente no estado de anexação e não de juxtaposição (*id.*, p. 257). No caso de Beja, é conhecido o seu sobrenome de *al-Zaytun* (“das Oliveiras / Azeitonas”), em oposição a *Baja al-Qamh* (“Beja do Trigo / dos Cereais”), que é a Beja tunisina (2).

Tendo ficado assente que o último termo da legenda do reverso dos nossos dois quirates deve representar um elemento antroponómico a juntar à *kunya* Abu Talib, resta estabelecer a sua leitura correcta.

---

(2) Ver *El*, II, p.886-887. Lembre-se, a propósito da sugestão de Marinho, que *al-Zahra'* foi a célebre cidade palatina dos califas de Córdoba, depois de ter sido o nome da “favorita” de 'Abd al-Rahman III.



A proposta de Marinho, que deu *al-Zahra'*, não é aceitável como sobrenome por ser palavra feminina. E nem o exemplo invocado em abono desta interpretação retira esta objecção, já que o nome figura ali sem artigo; quer dizer, não funciona como sobrenome mas como simples apelido, consoante a prática moderna.

A origem de todo o malentendido deve-se ao facto de se ter interpretado o desenho da letra que, na moeda de Sesimbra, fecha a palavra, como um *alif* em vez de um *ya* final. Correctamente lida, a legenda dá a conhecida *nisba* (gentílico) *al-Zuhri* <sup>(3)</sup>. Ora, segundo o grande polígrafo e genealogista do século XI, IBN HAZM (1977, p.132; trad., p.86), os lares dos Zuhris no Andaluz - descendentes de 'Abd al-Jabbar Ibn Abi Salma, do clã qurayshita dos Banu Zuhra - eram Beja e Badajoz. Se bem que encontramos um dos seus ramos na Sevilha do século XII (IBN 'IDHARI, 1980, p.65; TERÉS, 1957, p.86), é lícito pensar que o nosso Abu Talib al-Zuhri <sup>(4)</sup>, pertencendo a esta antiga família, era natural da cidade que veio a governar, durante breve lapso de tempo, em meados desse século. Mais não podemos acrescentar acerca desta personagem, pois nenhum outro documento o menciona.

Cabe aqui, antes de encerrar este capítulo, breve referência a outro numisma atribuível a Ibn Qasi e cuja leitura é interpretada por MARINHO (1985, p.190-191; 1986, p.433, n.7) na mesma perspectiva, aqui refutada, que adoptou relativamente aos quirates de Beja: a de ler complementarmente as últimas linhas de cada face da moeda, corrigindo, graças a isso, a leitura algo problemática da linha do reverso. Nesta base, se no anverso temos *al-Imam al-haqq* (a traduzir mais correctamente por "O verdadeiro Imã", e não "O imã, a verdade"), teríamos no anverso *Ray' al-Din* ("Resplendor da Religião", segundo Marinho), enquanto título honorífico de Ibn Qasi, em vez de *rub al-dinar* ("quarto de dinar"). Mas, também aqui, considerações de ordem histórico-filológica não corroboram de modo nenhum esta interpretação. De facto, a combinação *Ray' al-Din* <sup>(5)</sup> é totalmente desconhecida em títulos ou atributos político-religiosos islâmicos (CAETANI & GABRIELI, 1915, p.200). *Ray'* não entra, do mesmo modo, em outras composições com o mesmo carácter (*id.*, p.202-207). Temos de aceitar, portanto - apesar das dúvidas de cariz gráfico ou monetário apontadas por Marinho - a leitura da legenda em causa no sentido indicado por outros numismatas e recusar a ligação semântica entre as últimas linhas de ambas as faces da moeda.

<sup>(3)</sup> CAETANI & GABRIELI, 1915, p. 226, em conjugação com: IBN HAZM, 1977, p. 128-135; *El*, vol. *Index I-V*, p. 295 s.v.; ÁVILA, 1985, p. 192 s.v.; OLIVER ASIN, 1974, p.37. As informações desta última referência a respeito dos Banu Zuhri devem ser corrigidas em função dos dados fornecidos por IBN HAZM (1977, p. 132, 327; trad., p. 86, 110) e, indirectamente, por IBN 'IDHARI (1980, p. 65).

<sup>(4)</sup> A ler "az-Zúhri", com assimilação do *l* do artigo e acento tónico no *u*. Quanto a Abu Talib, onde o *t* de qualquer modo é enfático, deve ler-se "Abu-Táleb". Lembremos, também, que a pronúncia de Ibn Qasi é "Ibn(e)/Ib(e)n-Qáci", com ênfase do *q*.

<sup>(5)</sup> *Ray' al-Din* daria eventualmente "Primor/Excelência da Religião" e não "Resplendor...". Deve ter havido, por parte do autor, uma confusão com a palavra *raw'a*, derivada de uma raiz muito próxima.

## DATAÇÃO

Como os demais quirates, os dois espécimes cunhados em Beja não têm data. Para se lhes atribuir uma, e na ausência de qualquer informação directa acerca da governação desta cidade por Abu Talib al-Zuhri, é forçoso abordar a história das peripécias do governo da mesma no âmbito do reino mahdista de Ibn Qasi.

Sabe-se que este cedeu o governo de Beja a Ibn Wazir de Évora, que contribuiu para a submissão de Beja à causa dos Muridines. A nomeação de Ibn Wazir, bem como a de Ibn al-Mundhir para Silves, teve lugar no princípio de Rabi' II 539/ Out. 1144, apenas um mês após a proclamação de Ibn Qasi como Mahdi, em Mértola <sup>(6)</sup>. Assim, MARINHO (1968, p.21, n.2) quer fixar o *terminus post quem* da governação de Abu Talib por conta de Ibn Qasi “após a defecção de Ibn Wazir” em relação a este - defecção que ele data (*id.*, p.35) de Rajab ou Ramadan do mesmo ano (Jan./ Mar. 1145), seguindo a cronologia adoptada por FIGANIER (1958, p.175). Não interessa aqui discutir esta datação específica, pois não é por esta pista que lograríamos atingir o nosso objectivo <sup>(7)</sup>.

De facto, após a ruptura entre o Mahdi e o caudilho eborense, este manteve sempre Beja sob seu domínio. Nela derrotou e aprisionou o prestigioso braço militar da revolução dos Muridines, Ibn al-Mundhir de Silves, despachado contra ele pelo Mahdi (IBN AL-ABBAR, 1964, p.207; trad., p.337). Depois deste revés, Ibn Qasi não conseguirá subjugar, por outros meios, o vassalo rebelde, nem reintegrar o “Alentejo” no seu reino. Pelo contrário, será destronado por ele, alguns meses mais tarde, e os seus domínios viriam juntar-se à já grande área que Ibn Wazir se tinha talhado no Ocidente peninsular. E, quando o sufi silvense volta a governar, mercê do apoio militar dos Almóadas, a sua soberania - à sombra deles, no princípio; sem tutela alguma, mais tarde - limita-se claramente a Silves e seu território (*id.*, p.200 e 207/ p.333 e 337; Ibn Khaldun *apud* LOPES, 1910, p.350). Évora e Beja continuam nas mãos de Ibn Wazir, tal como Badajoz e Niebla nas de Ibn al-Hajjam e al-Bitruji.

Houve, porém, ainda durante a vigência do reinado mahdista de Ibn Qasi, um breve lapso de tempo durante o qual Ibn Wazir não teve poder sobre Beja, e que escapou à atenção dos investigadores portugueses que temos vindo a citar. Isto aconteceu quando Ibn Qasi o mandou encarcerar em Mértola, enquanto Ibn al-Mundhir se encontrava em campanha contra Sevilha (IBN AL-ABBAR, 1964, p.207/ p.337).

---

(6) IBN AL-ABBAR, 1963, p. 203. A tradução de LOPES (1911, p. 334) - ou o seu original - tem erradamente Rabi' I. Há mais um erro na tradução desta passagem: o sujeito da segunda oração (*já lá - i.e. em Mértola - tinha estado antes durante um mês*), refere-se, do ponto de vista sintáctico - e cronológico, aliás - a Ibn Qasi e não a Ibn al-Mundhir.

(7) A. S. está a preparar um estudo monográfico sobre Ibn Wazir. Ver o quadro cronológico inserido na nossa anunciada contribuição: ANTUNES & SIDARUS, 1991-1992.

Ora, esta campanha deve ter decorrido durante o mês de Jumada I 539/ Nov. 1144, porque, segundo a mesma fonte (*id.*, p.206/ p.336), a contra-ofensiva almorávida contra as tropas dos Muridines acabou por um cerco de Niebla que durou três meses, no “auge do Inverno” (8), tendo sido levantado por causa da rebelião de Ibn Hamdin em Córdoba, em princípios de Ramadan 539/ Mar. 1146 (9).

Deste modo, deve ser precisamente naquele mês de Jumada I 539/ Nov.1144 que o Emir Abu Talib al-Zuhri governou Beja em nome do Mahdi Ibn Qasi e, conseqüentemente, cunhou os quirates objecto do presente estudo.

### IBN QASI E AS PRIMEIRAS CECAS DE BEJA E DE SILVES

Não é inédito encontrar, em moedas daquela época, o Mahdi Ibn Qasi associado a outros chefes locais do Andaluz. Temos o caso interessantíssimo, ainda não suficientemente realçado nem explorado do ponto de vista da história política de Ibn Qasi, de um dinar de Múrcia, de 540, onde a legenda do reverso o menciona (*al-Imam al-Qa'im bi-(A)llah Ibn Qasi*) juntamente com o famoso Safadola das crónicas cristãs, *al-Amir al-Mustansir bi-(A)llah Ahmad Ibn Hud* (MARINHO, 1985, p.191-2, n.28).

Neste caso, contudo, a legenda do anverso deixa transparecer uma certa relativização das pretensões político-religiosas do Mahdi de Mértola. Em vez da fórmula tripartida típica das cunhagens de Mértola e Beja, com referência explícita à categoria de Mahdi, temos a tradicional profissão de fé islâmica e a invocação do califa abácida. Esta invocação, feita em termos genéricos e sem menção específica do califa reinante, segue a prática corrente dos Almorávidas, continuada pela quase totalidade dos chefes autónomos da Península. É sabido que tinha carácter meramente formal: reconhecia-se a autoridade suprema, de cariz político-religioso, do califa, sem que isso se traduzisse em qualquer exercício efectivo de poder por parte deste.

Há que assinalar, aliás, que Ibn Hud cunhou, em Múrcia e no mesmo ano, outro tipo de dinar sem referência a Ibn Qasi (Vives nº 1920), sucedendo o mesmo com as suas várias moedas de prata, que não indicam data nem ceca (Vives nºs 1921-3). Muito curiosamente, estas amoedações murcianas devem ter sido realizadas nos escassos 30 dias que medeiam entre a entrada do impetuoso caudilho na cidade levantina, a 18 Rajab 540/ 4 Jan.1146, e a sua morte em combate, a 20 Sha`ban/ 5 Fev. (IBN AL-ABBAR, 1964, p.250-1; CODERA, 1899, p.83-87).

---

(8) Assim, a campanha nunca poderia ter tido lugar no fim deste ano islâmico (fim da Primavera de 1145), como quer LOPES (1910, qu. cron.), seguido por FIGANIER (1958, p.174), sem nenhum suporte documental.

(9) IBN AL-ABBAR, 1964, p.218, onde se confirma o nexó temporal com o cerco de Niebla (mais uma referência na p.220).

De qualquer modo, aquela moeda do *Sharq al-Andalus* vem juntar-se às de Beja para nos informar que, a par de numismas batidos em Mértola com a menção exclusiva de Ibn Qasi (Vives nº 1915-8; MARINHO, 1985, p.182-3, n.5), circulavam outros cunhados em sedes de províncias, que associavam o seu nome aos dos respectivos chefes locais, quando estes reconheciam a sua autoridade. Coloca-se, então, a questão de saber se não foram emitidas também, no Sudoeste peninsular que representava a base do estado “mahdista” de Ibn Qasi, moedas onde figuravam, ao lado dele, os governadores de Silves e Beja, Ibn al-Mundhir e Ibn Wazir.

No caso deste último, a pergunta parece duplamente pertinente. De facto, como explicar a amoedação de Abu Talib al-Zuhri, nomeado governador em circunstâncias conflituosas e, afinal, por lapso de tempo muito reduzido, sem existência prévia de uma ceca islâmica em Beja que teria dado à luz moedas mais ou menos semelhantes às que foram cunhadas em seu nome? Em nossa opinião, Ibn Wazir - o chefe luso-muçulmano que mais tipos e maiores quantidades de moeda emitiu - pode (e talvez deve) ter criado a primeira casa da moeda árabe em Beja. Do ponto de vista numismático, a observação de um dos exemplares objecto desta nota, o encontrado a Sul de Beja (col. M.T.A.), revela possível recunhagem. Não se teria procedido à sistemática recolha de moedas anteriormente batidas para as converter noutras, com o nome do novo governador?

Para Silves, a questão põe-se em termos inversos. Que saibamos, os mais antigos - por enquanto conhecidos - espécimes muçulmanos cunhados nesta prestigiosa cidade são de Ibn Wazir de Évora (Lapa do Fumo nº 11, e talvez o nº 10). Datam da sua primeira conquista de Silves, entre finais de 539 e princípios de 540 (Maio-Ago.1145), e da sua aliança com Ibn Hamdin de Córdoba, a qual deve ter cessado pouco após a destronação deste pelo governador almorávida Ibn Ghanyia, a 12 Sha`ban 540/28 Jan.1146 (IBN AL-ABBAR, 1964, p.199-200; trad., p.333; CODERA, 1899, p.59). As moedas, anónimas, emitidas por Ibn Qasi em Silves (MARINHO, 1985) datam da sua recuperação desta cidade com o apoio do exército almóada, chegado ao Andaluz em Muharram 541/ Jun.1146.

Ora, é sabido que antes e depois de integrar Silves nos seus domínios - e, a nosso ver, também durante este período - o caudilho eborense cunhava moedas sem indicação de local. As razões deste procedimento não estão ainda esclarecidas, e não será aqui o lugar apropriado para discutir pormenorizadamente o assunto. O que interessa, no contexto, é que não se pode explicar a menção específica de Silves nas suas moedas acima citadas sem que já tivesse havido, ali, amoedação árabe. Muito provavelmente, à semelhança dos exemplares de Beja, os numismas mencionariam conjuntamente o Mahdi Ibn Qasi e o Emir Ibn al-Mundhir (ou o seu substituto, quando estava preso em Beja).

Uma nota final antes de passarmos às conclusões. Se os quirates aqui estudados representam as únicas moedas árabes conhecidas que referem explicitamente Beja como local de cunhagem, conhecem-se outras onde figura o gentílico *al-Baji* (“o

bejense”). Trata-se dos dirhemes <sup>(10)</sup> e semi-dirhemes (Vives nº 2120) batidos em Sevilha, quase um século mais tarde, nas chamadas Taifas almóadas, por Abu Marwan Ahmad ibn Muhammad al-Baji, da ilustre família oriunda de Beja <sup>(11)</sup>. Referido nas moedas com o título de “al-Amir al-Mu’tadid bi-(A)llah”, chegou a governar Sevilha, entre 629 e 631/1232 e 1234, como chefe supremo do respectivo órgão soberano <sup>(12)</sup>.

## CONCLUSÕES

Sintetizemos, para concluir, os principais resultados decorrentes do presente estudo.

Em primeiro lugar, do ponto de vista da cunhagem:

1. Os dois quirates batidos em Beja em nome de Abu Talib al-Zuhri e do Mahdi Ibn Qasi (coleções do Museu Municipal de Sesimbra e de M.T.Antunes) têm módulo que muito excede a média observada em 20 quirates das taifas almorávidas e, bem assim, na generalidade dos quirates almorávidas; o segundo atinge o maior valor absoluto que conhecemos.

2. Apesar de o peso ser de considerar com precaução, visto poder ser afectado por cerceio, uso, acidente, corrosão e eventual acreção de matéria (por via química: Cl e S, no caso de Ag; também C, O, H quanto ao Cu), podemos concluir que os pesos dos quirates de Beja são semelhantes aos dos demais (almorávidas e das taifas almorávidas); o peso foi mantido com grande constância em  $\approx 0.85$  gramas, com desvios +/- não excedendo  $\approx 8\%$  em exemplares bem conservados (nossas observações).

3. A espessura dos quirates de Beja é claramente inferior à média que observámos em 20 espécimes das taifas almorávidas, o que está em relação com os pontos 1 e 2.

4. Determinações com microsonda indicam, para as ligas, as seguintes composições: Lapa do Fumo, Ag, 95.54 % - Cu, 4.46 %; col. M.T.A., Ag, 97.06% - Cu, 2.94 % (foi detectado Cl, presente por alteração). Trata-se de ligas de excelente qualidade.

5. O quirate da col. M.T.A. pode ter resultado de recunhagem a partir de outro.

6. Os quirates de Beja em estudo foram produzidos com dois cunhos do “reverso” diferentes (o que era conhecido), e com cunhos também diferentes do “anverso” (o que agora evidenciamos).

<sup>(10)</sup> Dois exemplares: Vives nº 2119 (= RIVERO, 1951, fig.14); BEL, 1933, p.55-56.

<sup>(11)</sup> Lembremos, a propósito, a figura do jurista, teólogo e literato do séc.XI, Abu l-Walid al-Baji (*Et. I*, p.889; DOMINGUES, 1960; ALVES, 1991).

<sup>(12)</sup> BEL, 1933, p.56-57; RIVERO, 1951, p.734; BOSCH, 1984, p.178-179.

7. Considerações de ordem epigráfica apontam no sentido de o quirate da col. M.T.A. ser ulterior relativamente ao da Lapa do Fumo.

Dos pontos de vista histórico e onomástico, assinala-se:

8. Os quirates batidos em Beja em nome de Abu Talib al-Zuhri e do Mahdi Ibn Qasi devem ser datados de Jumada I 539/ Novembro de 1144, o mês durante o qual a primeira personagem foi governador de Beja (em substituição de Ibn Wazir de Évora).

9. A leitura do nome completo desta personagem (que até agora aparece exclusivamente nas moedas em apreço) foi definitivamente estabelecida; foi também apurada a sua provável origem bejense.

10. Esta leitura definitiva, conjugada com análises filológico-onomásticas, permitiu afastar a hipótese segundo a qual Beja teria sido apelidada por *al-Zahra'*, assim como a referente ao título *Ray' al-Din* como tendo sido atribuído a Ibn Qasi.

11. Foi demonstrado que devem ter circulado, no Sudoeste peninsular, outras moedas do mesmo tipo, associando Ibn Qasi com os nomes de um Ibn Wazir, para Beja, ou de um Ibn al-Mundhir, para Silves.

12. Consequentemente, a primeira ceca árabe de Beja pode ter sido criada por Ibn Wazir, concomitantemente com a criação da de Mértola por Ibn Qasi e da de Silves por Ibn al-Mundhir, logo nos princípios do estado mahdista dos Muridines.

#### ADITAMENTO

Após a entrega do original para publicação, tomámos conhecimento do achado de uma moeda de prata na «Structure 1», num quarto incluído na área queimada, em Alcaria Longa (Concelho de Mértola) — cf. BOONE, J. L. (1992) — *The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: a caliphal-taifal period rural settlement in the Lower Alentejo of Portugal*, in *Arqueologia medieval*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 51-64, Edições Afrontamento, Porto.

Segundo o autor (idem, pp. 61-62, fig. 11A, p. 64), a moeda foi perfurada para a converter em botão, tendo sido «unfortunately damaged to the extent that a positive identification of the ruler and the date has not been made, but stylistically, the coin is consistent with the taifal or Almoravid periods. It certainly predates the Almohad period» (p. 62).

Apesar dos dois furos, que danificam a legenda, a figuração é suficiente para reconhecer que se trata de um quirate cunhado em Beja por Abu Talib al-Zuhri em nome do Mahdi Ibn Qasi. É aparentemente idêntico ao da colecção M. T. Antunes, atrás descrito, com quatro linhas na face com aqueles nomes (e, nisso, diferente do da Lapa do Fumo, que tem cinco linhas).

Como vimos, a data pode ser determinada com rigor: Jumada I de 539 / Novembro de 1144. A moeda em causa constitui, pois, um dado cronológico interessante.

## AGRADECIMENTOS

Testemunhamos o nosso reconhecimento ao Prof. Doutor João C. Pais, autor das análises com microsonda, bem como (MTA) ao falecido Dr. Eduardo da Cunha Serrão e ao Coronel José Alves de Carvalho Fernandes, pela oferta de espécimes numismáticos. Agradecemos, outrossim, ao Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Sesimbra e, em particular, às respectivas Vereadora, Dra. Odete Graça, e Técnica, Dra. Luísa Maria C. S. Carvalho, a pronta cedência para estudo do quirate de Abu Talib al-Zuhri da Lapa do Fumo, pertença do Museu daquela Municipalidade; e a Ana T. Antunes, pelas fotografias.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, [José] Adalberto [Coelho] - *Um humanista árabe do século XI: Abu al-Walid al-Baji*. Câmara Municipal, Beja 1991.
- ANTUNES, Miguel Telles, SIDARUS, Adel- "Fracção de dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn 'Alí: Significado histórico e político". *Nummus* 2º s. XIV-XV 1991-1992. p. 35-45.
- ÁVILA, María Luisa - *La sociedad hispanomusulmana al final del Califato: Aproximación a un estudio demográfico*. C.S.I.C., Madrid 1985.
- BEL, Alfred - "Contribution à l'étude des dirhems de l'époque almohade d'après un groupe important de ces monnaies, récemment découvert à Tlemcen". *Hespéris* 16 1933 p. 1-68. Rabat.
- BOSCH VILÁ, Jacinto - *La Sevilla Islámica -712-1248*. Colección de Bolsillo, 92, Universidad, Sevilla 1984.
- CABRAL, João M. Peixoto, MARINHO, José Rodrigues - "Analysis of the Almoravid silver coinage: the qirats", in *Problems of medieval coinage in the iberian area*, 3, p. 145-173, Santarém 1988.
- CAETANI, Leone; GABRIELI, Giuseppe - *Onomasticum arabicum*. Vol. I: *Fonti - Introduzione*, Roma 1915.
- CODERA, Francisco - *Decadencia y desaparición de los Almorávides en España*. Zaragoza 1899.
- DOMINGUES, José D. Garcia - "A obra jurídica e teológica de Abu' l-Walid al-Baji (O de Beja)", *Ocidente* LIX/267 p. 37-49, Lisboa 1960. (Existe também em separata).
- El = Encyclopédie de l'Islam*. Nova ed. Laida: E.J.Brill; Paris: Maisonneuve et Larose, 1960 ss.
- FIGANIER, Joaquim - "Moedas árabes do século XII encontradas no Concelho de Sesimbra", *Anais (Acad. Port. Hist.)* 2º s. 8 p. 161-195, Lisboa 1958.
- IBN AL-ABBAR - *Kitab al-Hulla as-siyara'*. Ed. Hussayn Mu'nis II, Cairo 1963 : Lajnat al-Ta'lif (*recte*: 1964; trad. = Lopes 1910).
- IBN HAZM - *Jamharat ansab al-'Arab*, Ed. 'Abd al-Salam M. Harun, 4ª ed. Cairo 1977: Dar al-Maaref (Dakha'ir al-'Arab, 2; trad. = Terés 1957).
- IBN 'IDHARI al-Marrakushi - *Al-Bayan al-mughrib*, Ed. Ihsan 'Abbas, 2ª ed. Beirute 1980: Dar al-Thaqafa, 1400 H.
- Lapa do Fumo n°** = Coleção descrita por FIGANIER (1958) e por MARINHO (1968).

- LOPES, David - "Os Árabes na obra de Alexandre Herculano", *Bol. da II Classe* (Acad. Ciênc.) III/4 p. 323-377, Lisboa 1910. (Existe também em separata. Cita-se, sobretudo, a trad. de fontes árabes; qu. cron. = quadro cronológico entre as p. 330 e 331).
- MARINHO, José Rodrigues - *Moedas muçulmanas de Beja e Silves: Um achado monetário no Concelho de Sesimbra*. Câmara Municipal, Sesimbra 1968.
- "Moedas de Ahmad ibn Qasi batidas em Silves", *AP* sér. IV 3 1985 p. 177-196.
- "The beginning of the characteristic Almohad coinage: Some hypotheses". *Proceedings of the 10th International Congress of Numismatics/ Actes du 10ème Congrès International de Numismatique* p. 429-435 International Association of Professional Numismatists (Publication N.º 11). London 1986.
- "Moeda muçulmana batida em Beja". *Numisma* 48 1988 p. 1-4, Lisboa.
- MOLINA, Luis - "Familias andalusíes: Los datos ... de Ibn al-Faradi". II. Maria Luisa Ávila (ed.). *Estudios onomástico-bibliográficos de Al-Andalus* III 1990 p. 13-58, Madrid: C.S.I.C./ Escuela de Estudios Árabes.
- OLIVER ASÍN, Jaime - *En torno a los orígenes de Castilla: Su toponimia en relación con los árabes y los beréberes*. Real Academia de la Historia, Madrid 1974.
- RIVERO, Casto María del - "Los reinos menores de Taifas y sus cecas en los siglos XII y XIII". *Las Ciencias* (Madrid) 16 1951 p. 724-735.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha - "A Lapa do Fumo", *Geographica* (Lisboa) 15 1968 p. 68-92.
- TERÉS, Elias - "Linages árabes en al-Andalus según la *Yamhara* de Ibn Hazm", *Al-Andalus* 22 1957 p. 55-111, 337-376. Granada e Madrid.
- Vives nº = Inventário de VIVES (1893).
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio - *Monedas de las dinastias árábigo-españolas*. Madrid 1893 (Reimpressão, 1978).





Anverso



Reverso

Ampl. 4 x

Quirate de Abu Talib al-Zuhri, de Beja

(Colecção M. T. Antunes; fotografias de A. T. Antunes)



Anversos



Reversos

Desenhos à Câmara clara, à mesma escala (escala gráfica representada), comparando os anversos (em cima) e os reversos (em baixo) dos quirates de Beja da Col. M. T. A. (à esquerda) e do Museu Municipal de Sesimbra (à direita).

(Desenho de M. T. Antunes)

FRACÇÃO DE DINAR DE IBN WAZIR DE ÉVORA  
INVOCANDO O EMIR ALMORÁVIDA ISHAQ IBN ‘ALI  
(SIGNIFICADO HISTÓRICO E POLÍTICO)

M. Telles Antunes (\*) e Adel Sidarus (\*\*)

INTRODUÇÃO

Em meados do século XII, depois de quase meio século de domínio na Península Ibérica, a dinastia berbere dos Almorávidas declinava rapidamente, devido, entre outros, à progressiva ascensão, no Norte de África, do poder político-militar dos Almóadas: um agrupamento de tribos berberes, de origem diferente, mobilizados pelo movimento “unitário” e reformista do Mahdi Ibn Tumart. À semelhança do que aconteceu no século anterior, a seguir à queda do califado de Córdova, formaram-se vários estados independentes, ou semi-independentes, de tamanho e duração muito variáveis, até que os Almóadas alcançaram a hegemonia absoluta em todo o Andaluz. É o breve período das chamadas “taifas almorávidas” ou “segundas taifas” (CODERA, 1879).

No Extremo Ocidente do Andaluz, na zona que corresponde aproximadamente ao Portugal meridional de hoje, formou-se também um destes reinos ou principados. De início, entre os verões dos anos de 1144 e de 1145, foi sob a égide da figura carismática do místico silvense Ahmad Ibn Qasi, proclamado Mahdi em Mértola. A seguir, foi sob a chefia do caudilho eborense Sidray Ibn Wazir, com sede em Évora e Beja, tendo-se mantido, no meio de várias peripécias políticas, até a primavera de 1157 (*id.*, p. 33 - 52).

---

(\*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte da Caparica, Portugal.

(\*\*) Secção de Estudos Árabes, Universidade de Évora, Apartado 94, 7001 Évora Codex.

Desde que LOPES (1910, p. 331-351) recolheu o essencial das fontes árabes sobre a matéria, não tem surgido documentação radicalmente nova (COELHO, 1989, p. 291-304; HUICI, 1956, p. 145-160; ENAN, 1964, p. 304-352). Mesmo a tão aguardada edição do manual de iniciação mística de Ibn Qasi não mudou em nada o panorama histórico (GOODRICH 1978).

Apenas os achados numismáticos das últimas três décadas - pois aquele período histórico parece ter sido o único a conhecer moedação luso-árabe - trouxeram elementos inéditos quanto à existência de várias cecas no Extremo Ocidente do Andaluz e bem assim quanto a certos pormenores da respectiva história política (FIGANIER, 1958; MARINHO, 1968 e 1985). A moeda que se dá a conhecer hoje, pertencente à colecção particular do primeiro autor destas páginas, vem trazer mais uma nova achega respeitante aos sucessivos laços políticos de dependência nominal que Ibn Wazir de Évora teve que tolerar para manter a sua autonomia efectiva no meio das conturbações políticas que sofreu o Andaluz de então.

Em relação a este patrício luso-muçulmano, em especial, há que referir a recente descoberta de uma inscrição lapidar de Évora, comemorativa de fundação, que veio trazer à luz um dado capital, até agora desconhecido, na sua carreira política (BORGES, 1987, p. 25-33). A menção do seu nome aparece precedida do duplo título de *al-Imam al-Mansur bi-(A)llah*, indicando claramente uma soberania absoluta.

O segundo título era já conhecido em moedas variadas com o nome exclusivo de Ibn Wazir (Vives nº 1913; Lapa do Fumo nº 12). Foi interpretado, no entanto, como se dissesse respeito a Ibn Hamdin de Córdoba, por este figurar com este título, juntamente com a nossa personagem, em certas legendas numismáticas, e “por não haver conhecimento de que Ibn Wazir tenha tomado tal laqab” (MARINHO, 1968, p. 33). Já CODERA (1899, p. 43, n. 1; p. 58, n.1) se mostrava menos céptico. Agora que a inscrição eborense veio fornecer a informação que faltava, deve rectificar-se aquela interpretação, como frisa correctamente BORGES (1987, p. 29, n. 12). De facto, com base em ambos os testemunhos documentais, pode afirmar-se, sem sombra de dúvida, que Ibn Wazir foi “rei de taifa”. E, considerando a cronologia global dos acontecimentos políticos da região (ver quadro anexo), este seu reinado deve ter vigorado, aproximadamente, entre Abril-Junho de 1147 e Janeiro-Março de 1151.

## DESCRIÇÃO

Moeda de ouro pálido (Est. I e II), facto que, aliado à presença de fendas na periferia e à aparente perda de matéria do disco pela própria pancada do cunho, sugere liga de baixo teor. Não há vestígios de cerceio. Observada ao microscópio electrónico de varrimento (Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL) mostra uma estrutura

muito porosa, sugerindo trabalho metalúrgico grosseiro a temperatura relativamente baixa.

*Dimensões* (em milímetros): diâmetros, de 9.9 a 10.9; espessura, 1.0.

*Peso* (em gramas): > 0.79 (o peso não excederia muito este valor, nem talvez uns 10%).

*Desvio dos eixos do anverso e reverso*: 51 graus, aproximadamente.

*Disco*: elíptico ostentando, no anverso e no reverso, uma circunferência lisa envolvida por outra de grânulos, uns 3 a 4 por milímetro.

*Composição*: análise por dispersão de raios X com microsonda TRACOR em conexão com microscópio de varrimento JEOL 300 A do CEPUNL, efectuada pelo Prof. J.C.Pais, mostrou a seguinte composição ponderal - Au, 80.85 %; - Ag, 19.15 %, aproximadamente 19.4 quilates.

*Proveniência*: moeda adquirida no comércio, proveniente, segundo informação obtida, de antiga colecção reunida em Messejana. Terá sido encontrada, tal como diversas moedas de prata algo mais antigas (almorávidas) ou aproximadamente contemporâneas (das taifas almorávidas, inclusivé de Ibn Wazir) no castelo daquela localidade, e certamente no Baixo Alentejo.

*Legendas:*

Anverso		Reverso	
لا اله الا الله	(Profissão	ابن وزير	Ibn Wazir
محمد رسول	de	امير المسلمين	Amir Al-Muslimin
الله	Fé)	اسحق بن علي	Ishaq ibn 'Ali

A caligrafia é cúfica, com algumas particularidades. É de notar certo geometrismo, realçado pelo desenvolvimento de linhas horizontais. Por outro lado, e apesar da evidência de ressaltos, da descentragem e do arranque (aquando da batida ?) de parte da superfície do disco, pode reconhecer-se que o desenho é elegante, mesmo com ornamentação algo sobrecarregada. Há glóbulos puramente ornamentais, como no centro do anverso, ou nos extremos de letras como o Alif e o Lam. Pela exiguidade do campo, a caligrafia foi simplificada a ponto de o Ya estar reduzido a um glóbulo, e o Sin a um conjunto de três glóbulos dispostos em triângulo.

## DISCUSSÃO

A moeda em estudo surpreende pelas seguintes razões:

— de Ibn Wazir eram conhecidas moedas de prata, mas até agora, que saibamos, nenhuma de ouro (nem de cobre);

— nem uma só das suas moedas invoca o soberano almorávida, o que também sucede com os outros chefes andaluzes da época;

— não parece condizer com a métrica habitual dos Almorávidas;

— destoa das cunhagens de ouro das taifas almorávidas, que continuam a seguir os mesmos padrões (Ibn Hamdin de Córdoba e Ibn Sa'd de Múrcia, por exemplo) até à implantação do sistema almóada;

— tem indubitável significado histórico-político, envolvendo relações de poder, alianças ou solidariedade de Ibn Wazir, na medida em que revela uma vertente até agora desconhecida.

Como se vê, o caso é profundamente original, justificando a discussão do ponto de vista numismático e histórico-político.

### a) *Significado numismático*

O sistema almorávida comportava, basicamente, dinares com cerca de quatro gramas, de boa liga, muito apreciados, mesmo nos reinos cristãos. Disso é exemplo Portugal, onde a cotação chegou a ser bem definida, como vemos na Lei da Almotaçaria de 26 de Dezembro de 1253 (PINHEIRO/RITA 1983).

Muitos dinares almorávidas sobrevivem. O mesmo não pode dizer-se dos meios e quartos de dinar (BROOME, 1985, p. 146). LAVOIX (1891, p. 208, nº 532-533) cita apenas dois quartos de dinar de Sigilmessa em nome de Yusuf ibn Tashfin, contra numerosos dinares. Nenhuma fracção é recenseada por CODERA (1879), nem por VIVES (1893), salvo, talvez, as moedas de electro n.ºs 1849-50 (p. 302), em nome de 'Ali ibn Yusuf e do emir Sir.

A moeda em estudo, mesmo supondo o peso real algo superior, parece aquém do quarto de dinar, mas, consideradas as variações das pequenas moedas, não choca que o fosse. Será ainda menos motivo de surpresa se considerarmos as flutuações de critério em épocas de crise, económica e política, bem como a tradição no Andaluz. Durante as primeiras taifas, foram produzidas apreciáveis quantidades de fracções de dinar (reinos de Sevilha, Badajoz, Toledo, etc.), a par de (excepto Sevilha) poucos dinares. Estas fracções eram conhecidas; a moeda em estudo - que saibamos, única no seu género para a época que nos ocupa - surge como uma ressurgência ditada por necessidades e conveniências semelhantes.

As aparentes anomalias que representam as moedas de electro recenseadas por VIVES (vide supra) mostram que as havia desde, pelo menos, o reinado de 'Alí ibn Yusuf. Acrescentaríamos o caso de uma moeda de Fez, datada de 537, em nome do emir 'Alí e do sucessor designado, o emir Tashfín, a qual se encontra na colecção particular do primeiro autor da presente contribuição. Aparentemente, é de uma liga de prata forrada de ouro. É apresentada na própria legenda como dinar, fabricada com cunhos (bem gravados, mas o do anverso corroído, talvez por estar enferrujado) correspondentes e os mesmos módulo e desenho, apesar de pesar só 1.13 gramas, ou seja, cerca de 1/4 do peso normal. Estes exemplos são indícios de que a crise afectava as emissões monetárias.

#### b) *Data*

A data não consta, mas pode ser determinada com boa aproximação.

A referência ao emir almorávida Ishaq ibn 'Alí, enquanto *Amir al-Muslimin*, limita a datação, genericamente, aos parâmetros do seu reinado: último mês de 539 ou primeiro de 540/Junho-Julho 1145 e 18 Shawwal 541/24 Março 1147 (ver quadro cronológico).

A primeira data coincide aproximadamente com a ruptura de Ibn Wazir com Ibn Qasi. Porém, tanto as fontes históricas como os dados numismáticos referem, claramente, uma aliança entre Ibn Wazir e Ibn Hamdin de Córdoba, ulterior a esta ruptura. Deve ter-se mantido até a perda de Córdoba por este, a favor dos Almorávidas, em 12 Sha`ban 540/28 Janeiro 1146. Só a partir deste momento teria sentido cunhar moeda em nome do soberano almorávida.

Por outro lado, o Senhor de Évora e de todo o Sudoeste Peninsular teve de submeter-se aos Almóadas poucos meses após o seu desembarque no Andaluz em Muharram 541/Junho 1146, quer dizer, nove meses antes do fim trágico do reinado de Ishaq ibn 'Alí. Isto reduz consideravelmente o lapso de tempo no qual a moeda em apreço podia ser batida por Ibn Wazir invocando este soberano.

Ficam assim limitados os parâmetros cronológicos desta cunhagem ao período de nove ou dez meses que medeia entre Sha`ban 540/Janeiro-Fevereiro de 1146 e o 2º semestre de 541/Outono de 1146.

#### c) *Significado histórico e político*

Ibn Wazir governava Évora, ou pelo menos tinha uma posição de destaque nesta cidade, antes da rebelião generalizada contra o domínio almorávida, em 539/1144-45. Não lhe eram indiferentes as circunstâncias que minavam este império, cuja queda próxima era cada vez mais de prever e que a morte do emir Tashfín apressou. Aderiu, assim, ao levantamento político-religioso de Ibn Qasi, surgido no Ocidente do Andaluz.

Contudo, decepcionado com as atitudes do Mahdi, o caudilho eborense rompe com ele, antes de o vir a derrotar. Tenta a aliança tutelar de Ibn Hamdín, o outro protagonista da independência hispano-muçulmana, sediado na prestigiosa Córdoba. Mas este, por sua vez, é afastado do poder pelo governador almorávida do Andaluz, o célebre Ibn Ghaniya, cujas hostes recuperam posições no Centro e no Ocidente da Península. Além de Córdoba, cunham-se moedas de ouro e prata em nome do emir Ishaq ibn ‘Ali em Sevilha e Granada, pelo menos (Vives nº 1888-94). Os territórios que Ibn Wazir governava não tinham obviamente recursos suficientes para defrontar com êxito os norte-africanos e os cristãos agressivos, a Norte. No Magrebe, o movimento reformista dos Almóadas ainda não é vitorioso e nem deve entusiasmar muito o chefe luso-muçulmano.

Neste contexto global, não há lugar para proclamar a sua autonomia absoluta, invocando nas suas amoedações a soberania espiritual, teórica, e anónima, do califa de Bagdade, como fazia o seu ex-aliado Ibn Hamdín e continuam a fazer os outros “reis” do Oriente Peninsular (Vives nº 1903-5, 1920, 1926 ss.), na senda, de resto, da prática corrente dos próprios Almorávidas. Recorrerá a este procedimento (Lapa de Fumo nº 14-15), mais tarde, aquando da defecção generalizada dos caudilhos andaluzes em relação aos Almóadas e tendo o domínio almorávida acabado, de vez, no Magrebe (ver quadro cronológico). Para já, não há lugar para tal acto e ainda menos para se auto-proclamar soberano supremo, outorgando-se os títulos de *Imam* e de *al-Mansur bi-Allah*. Virá a fazê-lo a seguir àquela fase, de acordo com o que vimos a propósito da inscrição eborense, a confirmar os dados da documentação numismática.

O estadista cauteloso que é Senhor do Sudoeste andaluz prefere, antes, reconhecer a autoridade suprema, se bem que algo teórica, do soberano almorávida; invoca-o nas moedas que manda bater nos seus territórios, mas procede deste modo enquanto verdadeiro chefe autónomo. O seu nome aparece associado ao do emir, situação que não se verifica na numária almorávida, na qual jamais eram mencionados nomes além dos de dinastas e, eventualmente, de seus futuros sucessores. Facto também ímpar, que sabemos, no quadro da amoedação das taifas almorávidas.

## CONCLUSÕES

1. Descreve-se, que sabemos pela 1ª vez, uma moeda de ouro cunhada por Ibn Wazir, senhor de Évora e de outras localidades no Andaluz ocidental: o que parece ser um quarto de dinar, de ouro pálido, com 80.85 % de Au e 19.15 % de Ag.

2. Neste numisma, aparece associado, igualmente pela 1ª vez, o nome de Ibn Wazir com o do último Emir almorávida, Ishaq ibn ‘Ali.

3. A moeda data de 540 AH (parte) a 541 AH (parte), no período correspondente aos primeiros nove a dez meses de 1146 AD.



4. A mesma sai dos cânones habituais das cunhagens dos Almorávidas, que raramente produziram submúltiplos do dinar, ou dos reis de taifas pós-almorávidas, que geralmente continuaram a utilizar o mesmo sistema monetário.

5. O facto indicado em 4., conjugado com a óbvia desvalorização da liga de ouro, devem ser reflexo da crise económica e política de então.

6. Nesta perspectiva, a moeda aproxima-se, pelo módulo e peso, das fracções de dinar das primeiras taifas.

7. O facto assinalado em 2., absolutamente inédito na numária almorávida e na das segundas taifas, revela uma faceta nova na carreira política sinuosa de Ibn Wazir, ao mesmo tempo que evidencia a sua clara propensão à independência, aliada a uma grande habilidade diplomática.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. J.C.Pais a análise da moeda em estudo, efectuada no CEPUNL, e a Ana T.Antunes as fotografias.

## BIBLIOGRAFIA

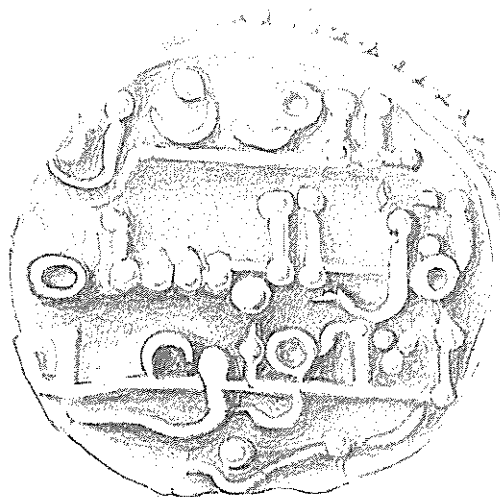
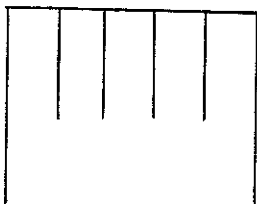
- BORGES, A. Goulart de Melo - "Duas inscrições árabes inéditas no Museu de Évora" *A Cidade de Évora* 67-68 (anos 1984-85). 1987, p. 21-32. 198.
- BROOME, M. - *A handbook of Islamic coins*. Seaby, London 1985.
- COELHO, A. Borges - *Portugal na Espanha Árabe*. 2<sup>a</sup> ed. Vol. 2: *História*. Lisboa. 1989. (Colectânea de fontes árabes).
- CODERA Y ZAIDIN, F. - *Tratado de Numismática árabe-española*. Madrid, 1879 (Reimpressão, 1977).
- *Decadencia y desaparición de los Almorávides en España*. Zaragoza, 1899.
- ENAN/INAN, M. `A. - *Asr al-Murabitin wal-Muwahhidin fi l-Maghrib wal-Andalus*. Vol.1: *Asr al-Murabitin wa-bidayat al-dawla al-muwahhidiyya*. Cairo 1964. Lajnat al-Ta`lif. 1384 H. (Sobre os Almorávidas e os princípios da dinastia almóada).
- FIGANIER, J. - "Moedas árabes do século XII encontradas no Concelho de Sesimbra". *Anais. Academia Portuguesa de História* 2<sup>a</sup> série Vol. 8 p. 161-195, 1958.
- GOODRICH, D.R. - *A Sufi Revolt in Portugal. Ibn Qasi and his "Kitab Khal' al-na`layn"*. (Tese de doutoramento, Columbia Univ., Nova Iorque 1978).
- HUICI MIRANDA, A. - *História política del Imperio Almohade*. Vol. 1. Instituto General Franco de Est. y Investig. Hispano-Árabe; Ed. Marroquí. Tetuan 1956.
- Lapa de Fumo n<sup>o</sup>* = Colecção descrita em FIGANIER 1958 e MARINHO 1968.
- LAVOIX, H.- *Catalogue des Monnaies musulmanes de la Bibliothèque Nationale/ Espagne et Afrique*. Paris 1891 (Reimpressão 1977).

- LOPES, David - "Os Árabes na obra de Alexandre Herculano, IV", *Boletim da 2ª Classe, Academia das Ciências* Vol. III/4 p. 323-377, Lisboa 1910.
- MARINHO, J. Rodrigues - *Moedas muçulmanas de Beja e Silves. Um achado monetário no Concelho de Sesimbra*, Câmara Municipal, Sesimbra 1968.
- "Moedas de Ahmad ibn Qasi batidas em Silves". *AP 4ª série* Vol. 3 p. 177-196. 1985.
- PINHEIRO, A. / RITA, A. (trad.) - *Lei da Almotaçaria*. Banco Pinto & Sotto Mayor, Lisboa 1983.
- Vives n°* = Catálogo de moedas de VIVES Y ESCUDERO 1893.
- VIVES Y ESCUDERO, A. - *Monedas de las dinastías árabe-españolas*. Madrid 1893 (Reimpressão 1978).

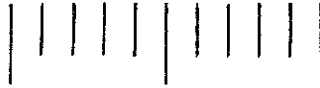
*Quadro Cronológico: Ibn Wazir de Évora e as Taifas Almorávidas no ocidente do Andaluz*

DATAS		ACONTECIMENTOS
Hégira (AH)	Cristã (AD)	
539, Safar/Rabi' I	1144, Ago./Set.	Mértola é tomada aos Almorávidas pelos adeptos de Ibn Qasi (IQ), o qual é proclamado Mahdi. Segue-se o levantamento de Ibn Wazir (IW) em Évora e de Ibn al-Mundhir (IM) em Silves. Ambos conquistam Beja por conta de IQ.
Rabi' II	Out.	IW e IM juram fidelidade ao Mahdi de Mértola e recebem dele, respectivamente, o governo de Beja e de Silves com seus territórios.
Jumada I	Nov.	Durante a campanha de IM contra Sevilha, IW é encarcerado em Mértola e substituído no governo de Beja por Abu Talib al-Zuhri (nome agora identificado por A. S.).
Jumada II	Dez.	IW é libertado e volta ao governo de Beja. Uns tempos mais tarde, terá juntado Badajoz aos seus domínios «alentejanos».
5 Ramadan	1145, 3 Mar.	Proclamação em Córdova do cadi da cidade, Ibn Hamdin, como soberano supremo. IQ envia tropas comandadas por IM e Ibn al-Qabila, com o intuito de ganhar os cordoveses à sua causa.
27 Ram. (Jayla)	24-25 Mar.	Morte do emir almorávida Tashfin Ibn 'Ali. Sucede-lhe o filho Ibrahim, ainda criança, por 2-3 mescs. A este sucede o tio, Ishaq Ibn 'Ali, o derradeiro dinasta almorávida.
Shawwal	Abr.	Na sequência do falhanço da aventura cordovesa e da notícia da morte de Tashfin, IQ convoca os seus «vassallos»; IW recusa comparecer. Despachado contra ele, IM é derrotado e encarcerado em Beja. Deve ser por esta altura que IW rompe com IQ e reconhece a autoridade suprema, se bem que nominal, de Ibn Hamdin de Córdova.
539 (finais)/ /540 (princípios)	Mai./Ago.	IW conquista Silves e Mértola, e põe fim ao reinado mahdista de IQ, o qual vai ao Norte de África procurar apoio dos Almóadas.
540, 12 Sha'ban	1146, 28 Jan.	Ibn Hamdin é expulso de Córdova pelo almorávida Ibn Ghaniya. A sua aliança com Afonso VII, com o intuito de recuperar a capital andaluz, não dá fruto.
541, Muharram	1146, Jun.	Chegada do primeiro exército almóada à Península, acompanhado por IQ. Mértola e Silves são reconquistadas a IW e entregues a IQ, que governará doravante a partir de Silves. Depois da sua submissão, IW consegue permanecer no governo de Beja. O mesmo acontece com Ibn 'Ali al-Hajjam, que conserva Badajoz, entretanto arrebatada a IW.
Sha'ban	1147, Jan./Fev.	Conquista de Sevilha pelos Almóadas, com a participação de IQ, IW e outros chefes andaluzes.
Ramadan	Fev./Mar.	Delegação andaluz sai para o Norte de África.
18 Shawwal	24 Mar.	Conquista de Marraquexe e fim da dinastia almorávida com a morte de Ishaq ibn 'Ali.
541 (finais)/ /542 (princípios)	Abr./Jul.	Expulsão dos Almóadas de Sevilha e levantamento generalizado contra eles em Marrocos. Segue-se a defecção dos caudilhos andaluzes, os quais se declaram independentes. Pouco mais tarde, IW deve ter-se proclamado soberano supremo.
542, Jumada I	Out.	Conquista de Lisboa pelos cristãos. Parece ter havido um pedido de auxílio dirigido a IW pelos seus correligionários.
543	1148/49	Chegada à Península do 2.º exército almóada (?). A situação das regiões de Gharb al-Andalus, quanto à autonomia, parece continuar sem alteração.
545 (finais)/ /546 (princípios)	1151 (1.º Trim.)	O califa almóada intima os chefes andaluzes a prestarem-lhe homenagem em Salé. IQ não obedece e procura aliar-se a Afonso Henriques.
546, Jumada I	Ago./Set.	IQ é assassinado em Silves e substituído por IM. Pouco depois, com a anuência dos Almóadas, IW conquista Silves e depõe IM.
549	1154	IW vai a Marraquexe prestar homenagem ao califa almóada e pedir-lhe reforços para melhor resistir aos avanços cristãos nos seus domínios.
552 (2.º bimestre)	1157 (primavera)	Na sequência da tomada pelos Almóadas dos encraves rebeldes de Tavira e Mértola, IW deixa o governo do «Algarve» e serve os Almóadas a partir da capital sevilhana.
566 (princípios)	1170, Out.	Ainda neste ano, IW participa no famoso cerco berbero-castelhano de Badajoz, então nas mãos de Afonso Henriques e Giraldo Sem Pavor.

ESTAMPA I



Fracção de dinar de Ibn Wazir: em cima, anverso, Profissão de Fé; em baixo, reverso, Ibn Wazi(r)/ Amir al-Muslim(in)/ Ishaq ibn 'Ali. Desenhos à câmara clara com microscópio binocular Wild M5. Escala comum, x 6.5. Des. de M. T. Antunes.



Fracção de dinar de Ibn Wazir: anverso (à esquerda) e reverso. Escala comum, x 4.  
Fotografias de A. T. Antunes.



## ESCAVAÇÕES NO TEMPLO ROMANO DE ÉVORA — ACERCA DA RELEVÂNCIA CRONOLÓGICA DE UMA SÉRIE DE MOEDAS

Felix Teichner

No centro da actual cidade de Évora, no ponto mais elevado da colina e nas imediações da catedral encontram-se os restos monumentais de um templo romano. Sobre um pódio de blocos de granito lavrados, cascalho e «opus caementicium», conservam-se até hoje catorze colunas com bases e capitéis coríntios, de um períptero clássico.

Neste templo, considerado aliás, como o melhor conservado da Península Ibérica, efectuaram-se desde 1987 pesquisas sistemáticas, que se tornam possíveis graças à colaboração existente entre o Instituto Arqueológico Alemão, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e ainda a Câmara Municipal de Évora (1).

Escavações metódicas em vários cortes, assim como documentação pormenorizada sobre a construção do templo, permitiram analisar as edificações circundantes.

Deste modo, pôde verificar-se que a construção do templo não estava isolada no topo da colina. Em diversos cortes, comprovou-se a existência de um muro de um «porticus» à volta do templo, bem como a edificação de um «criptoporticus» situado por baixo do mesmo, assim como parte de um forum pavimentado com mármore e um espelho de água com 4 m de largura, o qual cercava o templo em três dos seus lados.

Sobre as construções mais antigas e a grandiosa marmorização na época flávia, que remontam provavelmente à era Augusta da cidade, já se falou anteriormente (2). Para a história mais recente do monumento e a sua localização na cidade, os achados

---

(1) Por último: Th. Hauschild, «Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel, 1989-1992. Die Konstruktionen», *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

(2) F. Teichner, «Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel, 1986-1992. Stratigraphische Untersuchungen und Aspekte der Stadtgeschichte», *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

numismáticos são de relevante importância. Quer-se, por isso, — em parte com o auxílio dos métodos estatísticos — expôr alguns conceitos acerca da importância cronológica dos achados de moedas medievais <sup>(3)</sup>.

Sob a égide do bibliotecário eborense J. H. da Cunha Rivára, já em meados do século passado foram descobertos largos espaços da disposição antiga em frente do templo romano. Não havendo dados exactos sobre os feitos naquela altura, no decorrer das recentes escavações, pôde verificar-se a parte das terras já escavadas por Cunha Rivára no século passado: directamente em frente do pódio foi desaterrada uma área com 10 m de largura indo até à superfície do pavimento.

Consequentemente, durante as novas escavações nesta zona, só foram recolhidos achados medievais secundários.

Devido à autenticidade condicional dos solos de uma parte dos achados, resta saber qual a importância do testemunho cronológico dos achados de moedas portuguesas da época pós-reconquista. O facto destes achados serem feitos em povoações, não deixa dúvidas de que se trata de moedas ocasionalmente perdidas (em oposição a depósitos de achados) representando quantidades aleatórias, isto é, uma mostra representativa para a análise de uma parte da população <sup>(4)</sup>. A perda de um objecto valioso não poderá ser, evidentemente, interpretado globalmente com um acto intencional <sup>(5)</sup>.

Permanece, por isso, a questão sobre que quantidade global (parte da população) é reflectida pelo achado das 54 moedas, ou seja (e resumindo nas palavras do notável historiador da época pré-histórica H. J. Eggers): Se — como no presente caso — os bens extintos são representativos pelos bens em extinção, qual é o bem existente representado por ambos? <sup>(6)</sup>. Trata-se, neste caso, de uma amostragem de moedas divisionárias que estiveram em circulação entre 1128 e 1992 no reino de Portugal, ou meramente de uma emissão regional ou mesmo local? O último caso citado daria aso a conclusões muito em voga nas investigações arqueológicas, de acontecimentos e particularidades locais de uma estratigrafia («ocorrência de catástrofe»).

A base da presente análise é representada por simples histogramas, baseados por sua vez no índice monetário para a análise de moedas antigas propostas por Ravetz no

---

<sup>(3)</sup> Agradeço ao meu irmão Maximilian Teichner as inúmeras e úteis informações fornecidas na área de estatística.

<sup>(4)</sup> Em princípio para a representatividade das amostragens e levantamento de Bias/erros sistemáticos: M. Rutsch, *Statistik I* — «Mit Daten umgehen»/*Statistik II*: «Daten modellieren», Basel 1986. — B. Bamberg, *Statistik*, München/Wien 1991 7.

<sup>(5)</sup> H. Chr. Noeske, «Bemerkungen zur Problematik der Siedlungsfunde» in M. R. — Alföldi (edição), *Studien zu Fundmünzen der Antike I* (Berlin 1978) pp. 157-165. — R. Reece, «Zur Auswertung und Interpretation römischer Fundmünzen aus Siedlungen», *idem* pp. 175-195.

<sup>(6)</sup> H. J. Eggers, *Einführung in die Vorgeschichte* (München 1986) pp. 258-262.



Numismatic Chronicle (7). A representação baseia-se no coeficiente de moedas perdidas e período de reinado de cada soberano, para levar em conta os diferentes períodos de emissão e, no caso de mau estado de conservação, as tolerâncias na indicação de datas. Para garantir uma comparabilidade de diferentes e avultadas séries de moedas, calcula-se, finalmente, a frequência relativa de cada moeda. Deste modo, aplica-se na ordenada (eixo y) a quantidade relativa das moedas estatisticamente perdidas. A abcissa (eixo x) representa um eixo cronológico linear dos meados do séc. XII até finais do séc XIX. Deste modo, especifica-se para cada moeda uma parte proporcional uniforme da área no plano da coordenada.

Das 54 moedas encontradas nas escavações efectuadas no templo romano em Évora, 41 exemplares foram atribuídos inequivocamente a um soberano. As restantes 13, devido ao seu mau estado de conservação, puderam apenas ser atribuídas a períodos mais latos. Estas peças, que aparecem fundamentalmente no período da Era cristã, foram imputadas proporcionalmente, isto é, conforme os respectivos períodos de cada reinado, aos respectivos soberanos.

A série de moedas baseada neste método (Fig. 1, coluna 1) e o respectivo histograma (Fig. 2) principiam em Évora com alguns dinheiros de bolhão. Característica desta moeda clássica da primeira dinastia portuguesa é a cruz equilátera ou cruz floreada no verso. Nos cantos encontram-se frequentemente pequenas reproduções de diversos astros (sol, lua, estrelas). No reverso, na maioria dos casos, vêm-se, dispostas em forma de cruz, as cinco quinas portuguesas e nestas a delineação de cinco portas.

Das moedas extremamente raras do primeiro rei português, Afonso Henriques (1128-1185), não se encontraram, até à data, provas nesta cidade, que foi reconquistada no seu reinado em 30 de Novembro de 1165. A primeira moeda da época pós-árabe, provém do reinado do seu filho, D. Sancho I (1185-1211). A série de moedas alcança o ponto culminante na primeira metade do séc. XII, com a cunhagem de dinheiros do rei D. Sancho II (1223-1248). A seguir o índice monetário tem um declínio nítido, atingindo o ponto mais baixo durante o reinado de D. Pedro I (1357-1367). Também as moedas posteriores se encontram com uma frequência relativamente baixa, até à falta notável (por completa) das moedas de D. Duarte (1433-1438) quando o índice monetário, na 2.<sup>a</sup> metade do séc. XV, torna a subir consideravelmente. Trata-se nomeadamente de ceitis de D. Afonso V (1438-1481) e de D. Manuel I (1495-1521). Estes ceitis de cobre comemoram a conquista de Ceuta no ano de 1415.

A representação característica, no verso, da muralha da cidade de Ceuta com três torres e em primeiro plano as ondas do mar, foi concebida pela primeira vez sob o

---

(7) A. Ravetz, «The Fourth-century Inflation and Romano-British Coin Finds», *NC* 1964, pp. 201-231., nom. 206.

### Índices das moedas de Évora, Conímbriga e São Cucufate

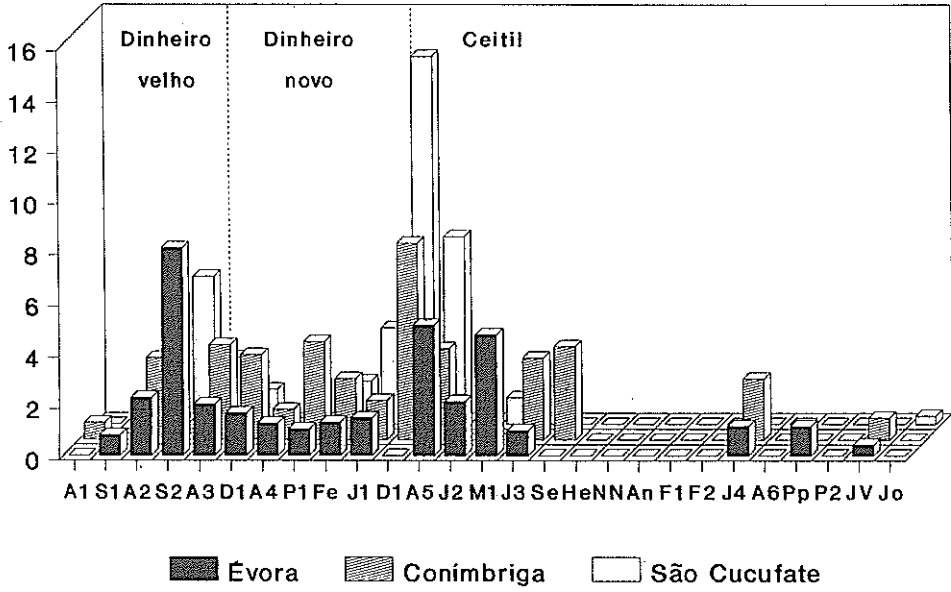


Fig. 1

### Índice numismático de Évora

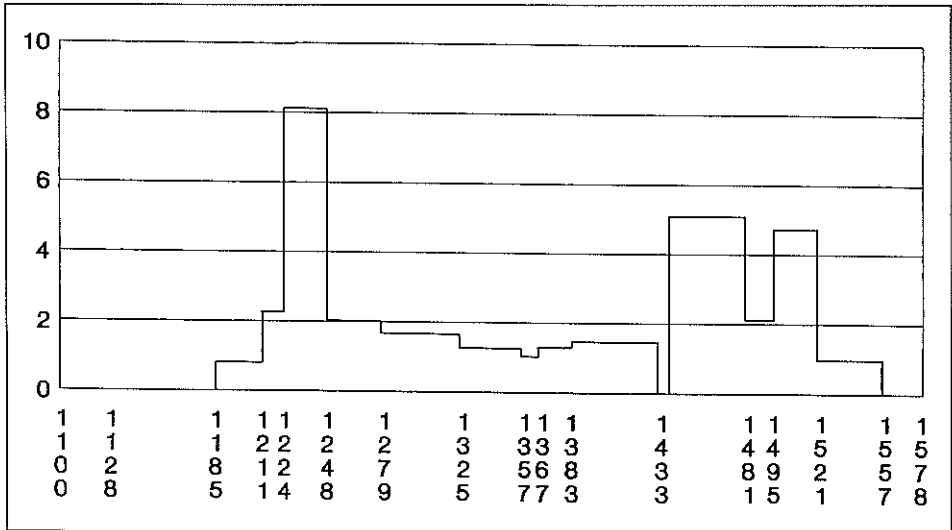


Fig. 2

reinado de D. Afonso V, continuando inalterada, durante pouco mais de 150 anos, até à época de D. Sebastião. Esta moeda, cunhada principalmente em Lisboa e Porto (em parte também em Ceuta), torna-se rapidamente a base da próspera economia colonial portuguesa daquela época <sup>(8)</sup>.

Em Évora, as perdas contínuas de moedas terminam com as moedas de D. João III (1521-1557). Seguem-se somente alguns achados de moedas da dinastia de Bragança. Trata-se aqui de peças da cunhagem de D. João V (1640-1656), do príncipe regente, D. Pedro, (1676-1683) e de D. João VI (1706-1750).

Observando a evolução da série de moedas de Évora, podemos reconhecer que a característica mais acentuada é a da oscilação extrema do índice de moedas do séc. XII (dinheiros) e XV (ceitis). É nesta observação que se baseiam as investigações seguintes.

Para analisar a questão anteriormente esboçada, referente aos critérios locais e transregionais para a composição das séries de moedas, deverão ser analisados outros achados numismáticos. Significativo para a situação da arqueologia medieval, torna-se o facto de ambas as séries de moedas a serem analisadas provirem de escavações de época romana. Por um lado, trata-se da série de moedas <sup>(9)</sup> (Fig. 3) provenientes das

### Índice numismático de Conímbriga

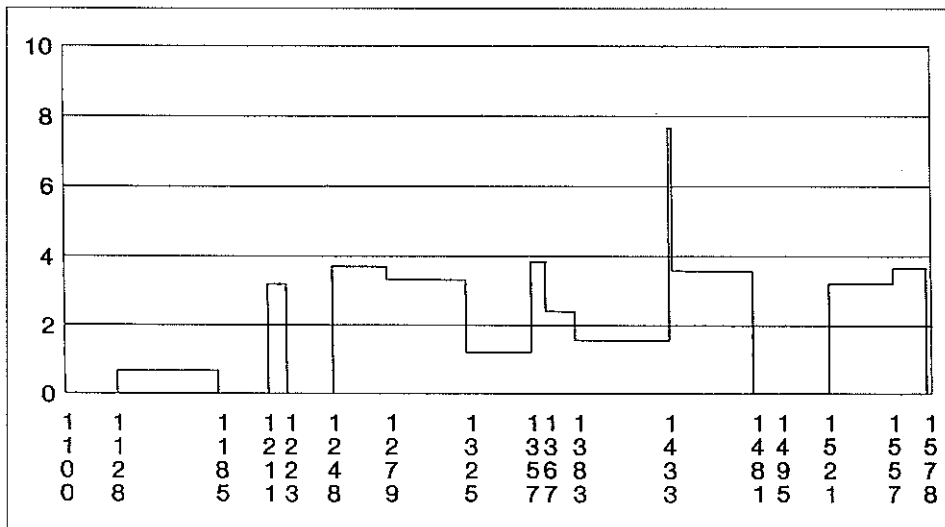


Fig. 3.

<sup>(8)</sup> F. Mendes Magro, «The metrology and Dating of the Ceitis», in M. Gomes Marques (Edição), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*. Simpósio do Instituto Politécnico de Santarém, 1984, pp. 257-274. — F. A. Costa Magro, *Ceitis*, Sintra 1986.

<sup>(9)</sup> Foram consideradas somente as 26 moedas inequivocamente classificadas.

escavações franco-portuguesas no município romano de Conímbriga (Condeixa-a-Velha, Douro) <sup>(10)</sup>. Por outro lado, existem 117 moedas <sup>(11)</sup> provenientes da vila romana de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira, entre Évora e Beja, Alentejo) <sup>(12)</sup>. (Fig. 4).

### Índice numismático de São Cucufate

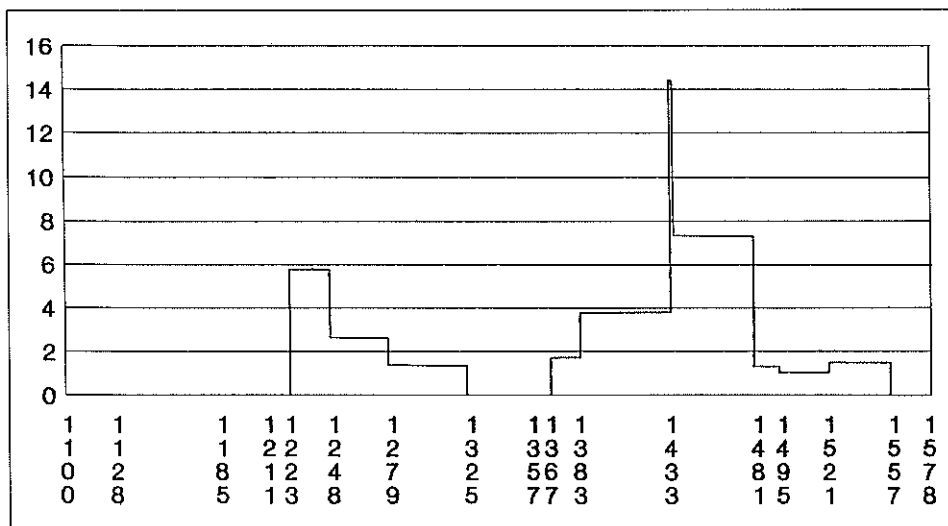


Fig. 4

Pelas representações gráficas, evidenciam-se as primeiras conformidades entre os três locais (Évora, Conímbriga, São Cucufate). Apenas a série de moedas da cidade de Conímbriga, reconquistada dos mouros em 1064, apresenta uma moeda do primeiro soberano português, D. Afonso Henriques. No Alentejo, as séries de moedas iniciaram-se apenas no séc. XIII, uma vez que a Reconquista foi aí mais tardia <sup>(13)</sup>.

No entanto, em ambas se podem reconhecer as observações referentes a Évora. Um primeiro máximo deste diagrama é alcançado no decorrer do séc. XIII (dinheiros). Após uma baixa relativa de perda de moedas, só em meados do séc XV as novas

<sup>(10)</sup> I. Pereira, J. P. Bost, J. Hienard. *Fouilles de Conímbriga III — Les Monnaies*. Paris 1974. pp. 315-318.

<sup>(11)</sup> Apenas se consideram as 111 moedas inequivocamente classificadas.

<sup>(12)</sup> J. Alarcão, R. Étienne, F. Mayet. *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris 1990. pp. 279-286.

<sup>(13)</sup> Sobre a repovoação de São Cucufate: Alarcão/Étienne, *op. cit.*, p. 269. — No caso de Évora: F. Teichner, *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

moedas — ceitil alcançam valores máximos. Por motivos diversos da história local, as séries de moedas acabam em princípios do séc. XVI.

Desta forma, podemos questionar-nos se as três séries de moedas poderiam, independentemente dos factores locais, provir da mesma base total das moedas portuguesas em circulação nos anos de 1123-1992.

O método ultimamente utilizado pelo arqueólogo alemão D. Baatz, usado para verificação de tais hipóteses, é representado pelo teste de adaptação Chi-Quadrado. Por meio deste teste estatístico pode verificar-se, no presente caso, (e apenas com uma probabilidade do erro ao nível dos 5%), a hipótese das moedas pertencerem teoricamente a uma suposta base total <sup>(14)</sup>.

A progressão pormenorizada deste teste pode depreender-se da Fig. 5 <sup>(15)</sup>. Conforme as opções escolhidas à priori, isto é, independentemente do respectivo resultado, as duas séries de moedas encontradas em ambos os locais urbanos, continuamente povoados, de Conímbriga e Évora, apresentam-se, de facto, bastante idênticas. O diagrama poligonal (Fig. 6) mostra uma evolução semelhante de ambas as funções de distribuição. Em comparação com isso, parece-nos que a série de moedas encontradas em São Cucufate, vila romana transformada na Idade Média em convento, são mais representativas de uma amostragem baseada em critérios locais.

A envolvente local foi fortemente influenciada pela frequência diversificada do local do achado.

Como resultado dos exames estatísticos, pode, por isso, determinar-se que nas séries de moedas encontradas em Évora e Conímbriga, existem indicações das moedas que estiveram em circulação em Portugal. Quer dizer, e falando em termos estatísticos, a função de distribuição de ambas as massas aleatórias, poderá ser considerada uma função de avaliação fiável para a massa base.

Isto parece confirmar-se quando comparado com uma outra série de moedas. Devido ao reduzido número de publicações de achados em povoados, e não obstante as já conhecidas restrições metódicas <sup>(16)</sup>, o presente caso deverá basear-se num achado

<sup>(14)</sup> D. Baatz, Ein Beitrag der mathematischen Statistik zum Ende des rätischen Limes. In: Studien zu den Militärgrenzen Roms (Forsch. u. Ber. z. Arch. in Baden-Württemberg 20) (Stuttgart 1980) pp. 78-89. — Idem: L. Villaronga, «Metodologia», *Numisma* 186/191. 1984, pp. 15-21. — D. M. Metcalf, «The Application, of statistics to numismatics», *FACT* 5. 1981, pp. 3-24. — A análise de Cluster para achados numismáticos, aplicada por Reece, parece pouco adequada, devido à densidade dos nossos dados: R. Reece, «Clustering of coins finds in Britain, France and Italy», in J. Casey, R. Reece (edição), *Coins and the archeologist*, Oxford 1974 (Brit. Arch. Rep. 4), p. 64. — Novamente: R. Reece, «Methodos de Comparación entre las monedas precedentes de Hallazgos», in *Symposium Numismático de Barcelona I*, Barcelona 1979, pp. 17-28.

<sup>(15)</sup> Quanto ao método: P. Ihm, *Statistik in der Archäologie*. Köln 1978 (Archaeo-Physika 9) pp. 136-249, nom., p. 206. — J. Bley Müller, G. Gehlert, *Statistische Formeln, Tabellen und Programme*, München 1992.

<sup>(16)</sup> Resum. aprox.: J. Gorecki, «Studien zur Sitte der Münzbeigaben in römerzeitlichen Körpergräbern zwischen Rhein, Mosel und Somme», *Ber. RGK* 56, 1975. pp. 179-467.

### Teste estatístico Chi-Quadrado

Suposições: Os achados de Évora e de Conímbriga provêm da mesma totalidade básica.

Formação de grupos:

I	Afonso I	Sancho I	
II	Afonso II	Sancho II	Afonso III
III	Dinis I	Afonso IV	Pedro
IV	Fernando I	João I	Duarte
V	Afonso V	João II	Manuel I

VI	João III	Sebastião	Henriques
VII	Interregno	António	Filipe I
	Filipe II/III	João IV	Afonso VI
	Pedro princ.	Pedro II	João V
	José I		

Suposta Função de probabilidade hipotética da totalidade básica:

$f(x) =$	0,027	para x do grupo I
	0,248	para x do grupo II
	0,161	para x do grupo III
	0,114	para x do grupo IV
	0,301	para x do grupo V
	0,086	para x do grupo VI
	0,062	para x do grupo VII
	0	restante

Classificação dos dados:

Grupo	Achados de Évora	Valor previsto	$(h^* - h(e))^2$	Achados de Conímbriga	Valor previsto	$(h^* - h(e))^2$
			$h(e)$			$h(e)$
I	1,140	1,445	0,064	1,000	0,695	0,133
II	15,820	13,378	0,445	4,000	6,441	0,925
III	6,920	8,722	0,372	6,000	4,198	0,773
IV	5,120	6,156	0,174	4,000	2,964	0,362
V	20,100	16,268	0,902	4,000	7,832	1,875
VI	1,910	4,665	1,627	5,000	2,245	3,379
VII	3,000	3,375	0,042	2,000	1,625	0,087
	54,010		3,627	26,000		7,534

Daí resulta um valor para Chi-Quadrado de:

11,161

**Resultado:** Para uma distribuição de Chi-Quadrado com 6 graus de liberdade é de esperar em ca. 8% dos casos um factor de distribuição superior do Chi-Quadrado. Isto é, a composição de ambas as séries numismáticas não apresenta nenhuma diferença significativa (risco de erro 5%).

Por isso a tese de que ambas as séries numismáticas serão provenientes da mesma totalidade básica, não poderá ser rejeitada.

Fig. 5.

de sepultura. Ao pé da Serra de Sintra, próximo da costa atlântica, existe a pequena povoação de São Miguel de Odrinhas. Devido à sua ampliação, supostamente da época cristã primitiva, esta vila romana suscita rapidamente o interesse dos cientistas. Sobre as antigas ruínas, D. F. de Almeida descobriu durante as suas escavações um cemitério

## Comparação: Évora / Conímbriga

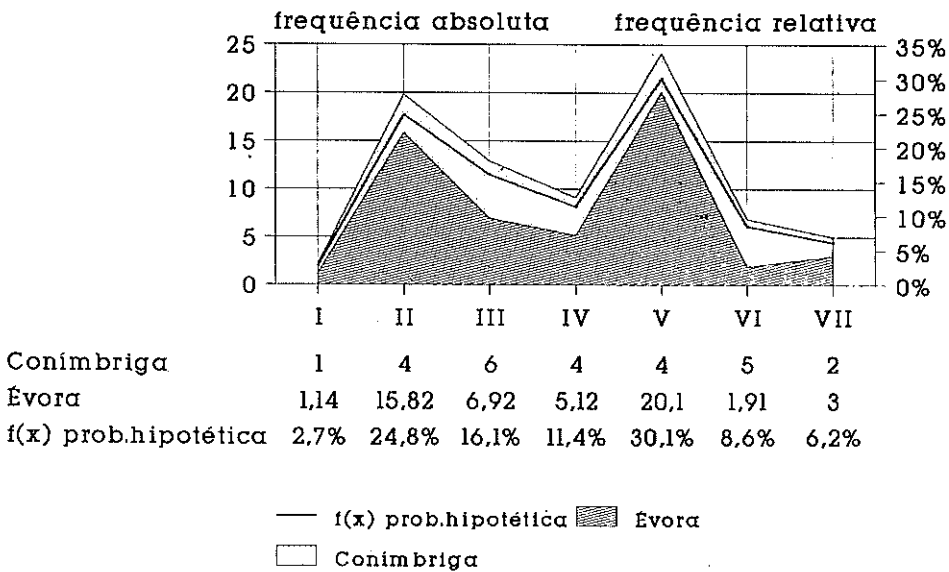


Fig. 6.

com ca. de 200 túmulos, de onde provém o considerável achado de 445 moedas portuguesas (17). Segundo os seus relatórios prévios, a série de moedas vai de D. Sancho I (1185-1211) até D. Sebastião (1557-1578). Neste contexto, lamentavelmente, podemos mencionar apenas as 87 moedas provenientes da primeira dinastia portuguesa (18). Como seria de esperar, também neste caso, a comparação estatística da composição

(17) F. de Almeida, «Escalações em Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 39, 1958, p. 11.

(18) M. Gomes Marques, M. M. Gomes Marques, «The relative size of the issues of the portuguese Dinheiros», in Gomes Marques (1984) *op. cit.*, p. 185.

destas moedas cunhadas entre 1128 e 1383, encontradas em Évora e Odrinhas, não apresenta diferenças significativas.

A concordância nítida entre ambas as séries advém da semelhante distribuição temporária dos dinheiros velhos.

Uma derradeira possibilidade de colocar estas importantes observações numa base mais ampla, é a sua comparação com a compilação feita por Lemos, da frequência de dinheiros portugueses em catálogos de leilões (1942-1982) <sup>(19)</sup>. Também neste caso, o teste de comparação Chi-Quadrado confirma a nítida concordância entre as duas amostragens (Fig. 7).

## Comparação: Évora / freq. nos catálogos de leilões

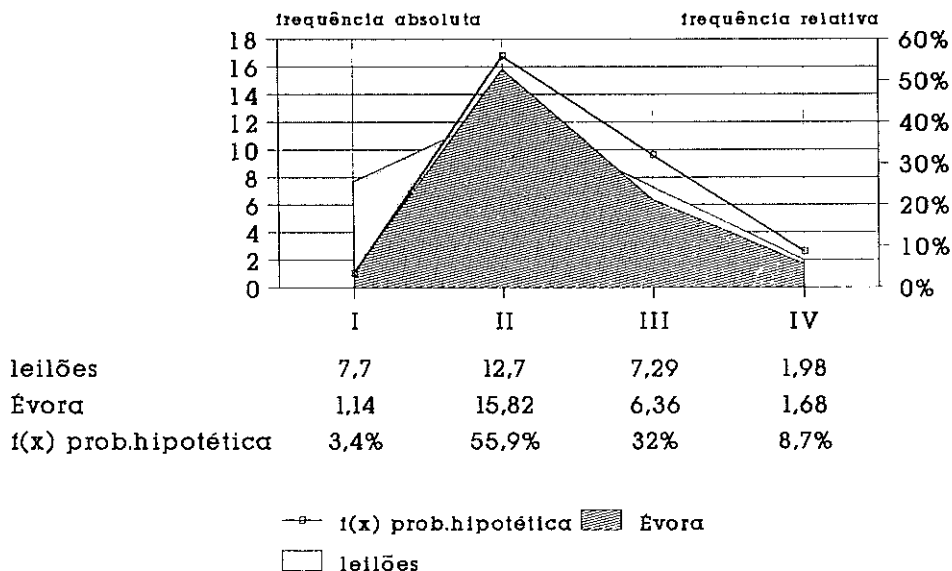


Fig. 7.

As razões da oscilação, já observada por várias vezes, entre as frequências da antiga e nova cunhagem das duas moedas medievais mais importantes do reino de Portugal (dinheiro e ceítel), poderão ser muito diferentes.

<sup>(19)</sup> P. Ferreira de Lemos, «Frequencies of Appearance of the Dinheiro of the first Dynasty (1128-1383)», in Gomes Marques (1984) *op. cit.*, pp. 173-183.



O peso e conteúdo em prata do dinheiro de bolhão introduzido pelo primeiro soberano português, D. Afonso Henriques, oscilava grandemente nestes decénios (dinheiro velho). Os valores médios durante o reinado de D. Sancho II situavam-se entre 0,72 g com 7-8% de prata (20). O seu sucessor, D. Afonso III, tenta melhorar esta desoladora situação económica, determinando por decreto, em 11 de Abril de 1261, o peso do dinheiro em 0,797 g (21). Como demonstram os ensaios metrológicos e químicos, os pesos destes dinheiros novos (afonsinis) estavam muito próximos dos novos valores-padrão estipulados. O mesmo se verifica quanto ao teor de prata, situado entre 8,3% e 9% (22).

Se não se adoptar o princípio de que em Évora, São Cucufate e Odrinhas ocorreram ocasionalmente as mesmas oscilações no abastecimento local monetário, deve admitir-se que os dinheiros novos estiveram em circulação em quantidade bastante menor (23). Em comparação com a maioria das bem representadas peças de D. Afonso III, prevalecem nos sítios dos achados (com excepção de Conímbriga) as moedas antigas de D. Sancho II. Os dinheiros compreendidos entre os reinados do D. Dinis e D. Fernando, inclusivé, estão, de modo geral, fracamente representados. A suposição evidente de que a baixa monetária acentuada se devia a ocorrências de destruições no decorrer das disputas ao trono entre D. Sancho II e D. Afonso III, poderá ser olvidada devido ao quadro de distribuição semelhante no cemitério e catálogos de leilões. Outra explicação seria que a necessidade básica de valores numéricos estaria saturada pelos dinheiros velhos antes de 1621 na já conquistada zona meridional de Portugal. Devido a pressões exercidas na corte, Afonso III foi obrigado a conservar em circulação as moedas antigas, devendo o volume de novas emissões cobrir, teoricamente, apenas o índice de inflação e perda na circulação anual.

Alguns achados de tesouros tornam evidente a lentidão com que se processava a renovação de dinheiro descrita por Marques (24). Os achados em povoações de moedas ocasionalmente perdidas, deverão ser considerados de uma forma diferente dos da tesaurização, em que uma selecção sistemática de moedas com elevado valor e teor de metais preciosos deve ser pressuposta.

Analisemos primeiro um achado de tesouro em Castelo de Atalaião (Portalegre) no norte do Alentejo (25). Este tesouro, composto por uma considerável quantidade de

---

(20) M. Gomes Marques, G. F. Carter, «On the Metrology and chemical composition of portuguese Dinheiros». In: M. Gomes Marques, M. Crusafont i Sabater (edição), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Qrea 2.* (Aviles 1986) pp. 239-263.

(21) *Port. Mon. Hist.*, leg. et. Cons. I. p. 210.

(22) *Ibid.* (20).

(23) P. Ferreira Lemos, *op. cit.*

(24) Gomes Marques; Gomes Marques, *op. cit.*

(25) J. Ferraro Vaz, *Numária medieval portuguesa*, Lisboa 1960, p. 47.

3643 dinheiros<sup>(26)</sup>, compreende 2967 dinheiros velhos (81,5%) de D. Sancho II e somente 668 dinheiros (18,5%) de D. Afonso III (Fig. 8)<sup>(27)</sup>. Uma composição muito semelhante apresenta o tesouro N.º 2 achado em Santarém (73,6% : 26,4)<sup>(28)</sup>. Conclui-se assim, que na altura, quando foram enterrados estes dois achados, provavelmente nos anos 80 do séc. XII<sup>(29)</sup>, e apesar duma tesaurização planeada, não estariam disponíveis os dinheiros novos de alto valor.

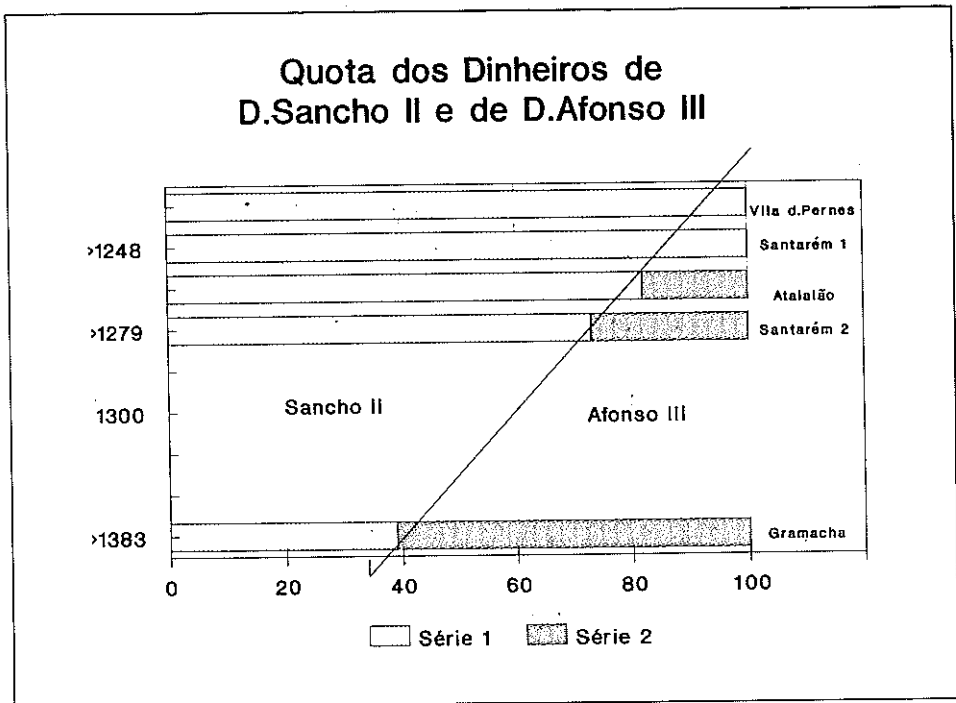


Fig. 8.

<sup>(26)</sup> Por motivos de estandarização, prescindiu-se da inclusão das quatro cunhagens encontradas de D. Afonso VII de Castela.

<sup>(27)</sup> Para esta apresentação consultou-se o achado de tesouro de Santarém 1 (id. nota 28) e Vila de Pernes: Aragão I, p. 145. — F. Vaz *op. cit.*, p. 57 /ca. 200 moedas de D. Sancho II bem como de D. Afonso Henriques).

<sup>(28)</sup> J. L. F. Guedes, «Subsídios para o estudo e arrumação das moedas dos primitivos reinados», *Nummus* 5, 1958-1959, pp. 25-29.

<sup>(29)</sup> Apesar do volume da amostragem, uma indicação de data não parece imprescindível — uma indicação de data anterior a 1279, feita por Marques, devido à falta de moedas mais recentes. Gomes Marques; Gomes Marques, *op. cit.*, p. 187.

Outro achado de tesouro provém das imediações de Évora. Do achado de Gramacha (Herdade da Nossa Senhora de Machede, distrito de Évora), encontrado em 1949, só o conteúdo de um dos possivelmente dois «mealheiros» de argila, do espólio de um colecionador particular, está na posse do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia em Lisboa <sup>(30)</sup>. Enquanto a maior parte das moedas provém de emissões de D. Afonso III (1248-79) e D. Dinis (1279-1325), a moeda final é um dinheiro novo, 50 anos posterior, de D. Fernando I (1367-1383) <sup>(31)</sup>. Esta composição aponta para o facto de que somente ca. de 100 anos após a reforma monetária se conseguiu efectuar uma tesaurização planeada dos valiosos dinheiros novos.

Resultante da presente compilação de achados de moedas, podemos concluir um fenómeno nacional: os dinheiros novos emitidos após a reforma monetária de D. Afonso III são relativamente raros, tanto nos achados de tesouros como em sepulturas, comparados com os dinheiros antigos, havendo, por isso, uma circulação de volume restrito desta moeda.

Tendo-se verificado que tais factores extra-regionais são responsáveis pela distribuição diversificada dos Dinheiros de bolhão, é de supor que a frequência irregular da moeda de cobre, emitida a partir dos anos 1448/1449, é sujeita a leis de circulação muito semelhantes <sup>(32)</sup>. Enquanto que a introdução do dinheiro novo foi planeada para a estabilização dos dinheiros de bolhão, criou-se com o ceitel uma base monetária absolutamente nova. Uma tal reorganização monetária, mesmo quando efectuada sucessivamente, só foi possível em conjunto com um aumento de emissão de moedas. Além disso, e aproximadamente na mesma altura, aumentou nitidamente a necessidade do volume monetário, devido à expansão dos mercados coloniais. As moedas de cobre, de elevado peso, emitidas para satisfazer o aumento desta necessidade, conservaram também posteriormente a primazia perante emissões ulteriores de cunhagem inferior. Depreende-se dos dados compilados por Magros <sup>(33)</sup>, que as séries individuais de moedas com um peso de 1,913 g, correspondentes ao real prato introduzidas, já foram cunhadas sob D. Afonso V com um valor inferior a 20%. Esta «desvalorização» aumentou para 30% nos reinados seguintes, vendo-se D. João III

---

<sup>(30)</sup> J. Ferraro Vaz, *op. cit.*, p. 55. — J. Rodrigues Marinho, «The Gramacha (Évora, Portugal) Hoard of medieval Billon Coins», in M. Gomes Marques, D. M. Metcalf (edição), *Problems of medieval Coinage in the Iberian Area 3*, Santarém 1988, pp. 387-389. Recentemente: J. R. Marinho, «Sobre o achado de dinheiros da Herdade da Gramacha (Évora)», *AP IV*, 6/7, 1988-1989, pp. 272-285.

<sup>(31)</sup> É notável o facto de os dinheiros de D. Fernando I disporem de um peso e teor de prata consideravelmente mais elevado: M. Gomes Marques, G. F. Carter, *op. cit.*, 254.

<sup>(32)</sup> Ainda fundamental à questão da circulação de moedas: H. Gebhardt, K. Kraft, K. Kùthmann et ali., «Bemerkungen zur kritischen Neuaufnahme der Fundmünzen der römischen Zeit in Deutschland», *JNG* 7, 1959, pp. 9-76, nom. p. 45.

<sup>(33)</sup> Nota 8.

obrigado a determinar o peso teórico primeiramente em 1,275 g, e em 16 de Outubro de 1550 em 0,986 g <sup>(34)</sup>.

Este breve ensaio pretende demonstrar com que cautelas deve ser feita a interpretação de séries numismáticas. Tornou-se evidente que as oscilações na série numismática de Évora resultaram em grande parte de influências sobre-regionais. Relacionados com estes factores não ligados ao local, seriam de mencionar em primeiro lugar a política monetária real, o volume de cunhagens, mas também as leis monetárias de circulação e a preferência de certos tipos de moedas, provocadas pela cunhagem de peso inferior.

Um último olhar para as três séries de moedas, mostra também, nitidamente, particularidades na série de Évora que só podem resultar de factores locais, como p. ex. a história da cidade, a localização do achado dentro da urbe <sup>(35)</sup> e a estratigrafia do terreno à volta do templo <sup>(36)</sup>.

---

<sup>(34)</sup> Parece-nos interessante a observação de Magro, de que estes Ceitis de baixo peso foram cunhados somente durante um curto período, o de D. Sebastião.

<sup>(35)</sup> S. Keay, «Circulación monetaria romana urbana y en el Territorium: Estudio e Contraposición, in *Symposium numismatico de Barcelona*, Barcelona 1979, pp. 239-255.

<sup>(36)</sup> Assim, o aumento da perda monetária nos finais do século XII, implica os depósitos maciços de camadas nas antigas instalações criptopórticas romanas (Palácio dos Duques de Cadaval). Evidente é também o fim da série numismática, com a limpeza do local a partir dos meados do século XVI.

## AINDA SOBRE A MOEDA DE X RÉIS DE 1799

José Rodrigues Marinho

Num trabalho apresentado em 1985 ao III Congresso Nacional de Numismática, intitulado «Uma análise das cunhagens portuguesas por balancé» (1), foi estudada, entre outras, a moeda de X réis de 1799, como contribuição para um melhor conhecimento do número aproximado de cunhos necessários ao fabrico de uma qualquer emissão e, bem assim, do presumível número de moedas com eles batidas. O problema então ligado a esta espécie esteve, tão somente, na avaliação da quantidade de cunhos utilizados no seu fabrico, uma vez que o número de exemplares emitidos — 219 729 moedas — já era conhecido através das estatísticas da Casa da Moeda (2).

A parte do estudo relativa aos X réis de 1799 não findou com o trabalho de 1985, mas tem continuado sem desânimo embora com algum enfado, pela pouca receptividade na ajuda à busca de mais espécimes. Achamos agora ser altura de publicar tudo o que se apurou, para que não seja esforço perdido e, principalmente, para ajustamento do que então se escreveu, por crermos que, passados mais de seis anos na pesquisa de novos cunhos, pouco mais se irá futuramente avançar.

No estudo de 1985 foi possível analisar 88 moedas desta série de 1799, que se distribuíam, relativamente às ligações de cunhos, por oito grupos independentes, os quais ordenámos conforme o Mapa I, que voltamos a reproduzir.

Os 14 cunhos de anverso encontrados até 1985 são figurados por cima dos números correspondentes às moedas e os 15 cunhos de reverso são figurados por baixo. Com estes elementos escrevemos então que, no fabrico por balancé, poderia estimar-se uma produção de cerca de 14 000 moedas por cada par de cunhos. Com mais 78 exemplares analisados atingiu-se um conjunto de 166 moedas, que permite já, em nosso parecer, fixar conclusões. Para isso elaborámos o Mapa II e aproveitámos a oportunidade para alterar a sequência de alguns espécimes.

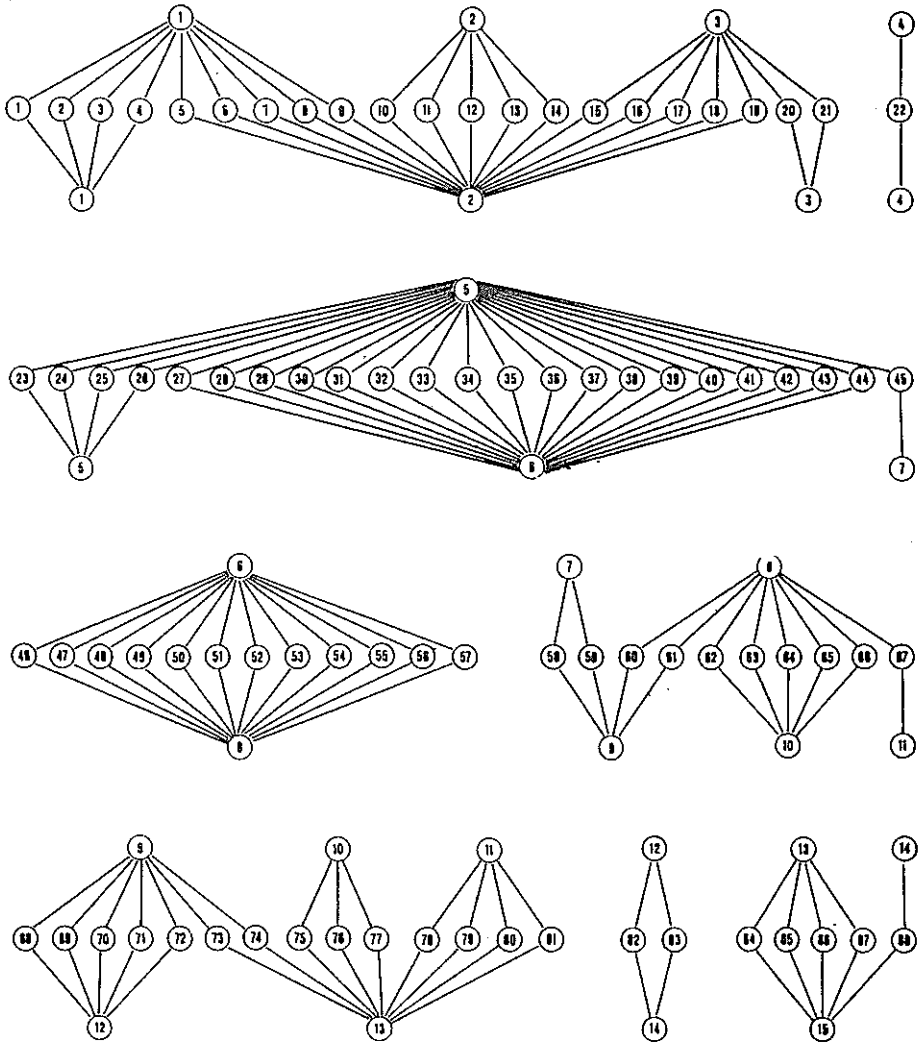
De facto, o bater contínuo dos cunhos no disco de cobre vai-lhes produzindo defeitos, traduzidos, à simples observação, mais frequentemente por obstruções do

---

(1) III Congresso Nacional de Numismática, Actas, Lisboa 1985, p. 255-271, designadamente p. 260-262.

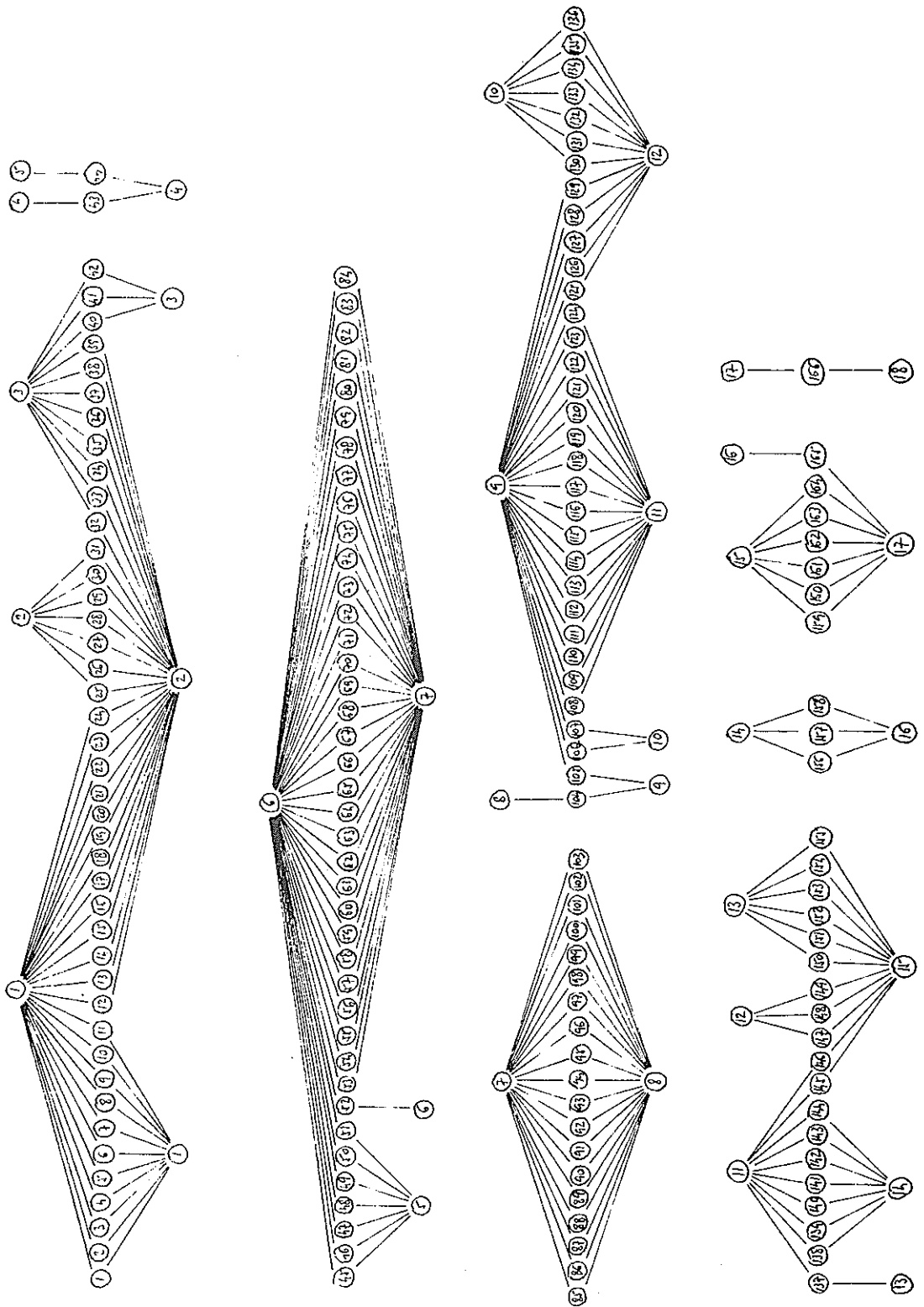
(2) A. C. Teixeira de Aragão, «Descrição geral e histórica das moedas...», Tomo II, Lisboa 1877, página 420 e seguintes, reproduz a «Estatística das moedas de oiro, prata, cobre e bronze...» cunhadas na Casa da Moeda a partir de 1752 e até 1876.

MAPA I — Ligações de cunhos em 88 moedas de X réis da emissão de 1799



desenho em linhas próximas, pequenas aberturas no metal, falhas e, por vezes, concavidade da orla. Todos os defeitos criados são transmitidos às moedas posteriormente cunhadas, e vão aumentando de tamanho com os batimentos seguintes, até que um dos cunhos fica incapaz de produzir peças aceitáveis, sendo substituído por outro. Em outros casos inutilizam-se os dois cunhos, dando lugar à entrada de um novo par e ao conseqüente aparecimento de novo grupo de moedas, sem ligação ao grupo anterior.

MAPA II — Ligações de cunhos em 166 moedas



Deste modo, a existência de qualquer defeito produzido pela cunhagem e a variação da sua dimensão em diversas moedas, permitem-nos agora seriar essas moedas dentro do grupo e, assim, definir a ordem de utilização dos cunhos com interligações. Pelo contrário, a seriação dos diferentes grupos de moedas, tal como a vemos nos Mapas I e II, é perfeitamente arbitrária, por não termos forma de conhecer a sua sequência ou mesmo se alguns deles tiveram origem em outro balancé:

Neste termos, relativamente à posição das moedas nos Mapas I e II, temos:

a) No antigo grupo numerado de 23 a 45 — agora 45 a 84 —, a última moeda foi mudada da posição final para a actual posição 52, por algumas espécies com o agora reverso 7 aparecerem com fractura no R de MARIA, o que aquela não apresenta.

b) Também o antigo grupo de moedas 58 a 67 teve a sequência invertida, por se ter notado que a letra N está fracturada nas peças n.ºs 58 e 59 e também numa outra a seguir, pelo que serão, dentro do grupo, espécies finais e não iniciais. Assim, aquela moeda 67 é agora a 107, tendo aparecido uma nova moeda igual a esta e, neste grupo, ainda duas diferentes, uma a 105, com o anverso daquelas mas com um novo reverso — o n.º 9 —, e a outra com este reverso e um novo anverso, a que demos o n.º 8.

Esclarece-se que a colocação das moedas de reverso 10 dentro do grupo é arbitrária, pois não se tendo notado falhas do seu anverso, ou outras anomalias, o seu posicionamento relativamente às moedas com cunho de reverso numerado 11, tanto pode estar correcto como ser entre as peças números 124 e 125.

Nas moedas observadas posteriormente ao primeiro estudo, além das já citadas, outras mostraram a utilização de mais cunhos no fabrico desta série de 1799, a saber:

1) O aparecimento no Porto de uma espécie com reverso igual ao da antiga n.º 22, mas de anverso ainda não registado, à qual se deu o novo número 44.

2) Ligada ao anterior grupo n.ºs 68 a 81, distribuído no Mapa II pelos n.ºs 138 a 155, apareceu uma moeda com o agora anverso 11, mas com novo reverso — n.º 13 —, que foi colocada no n.º 137. A sua posição foi definida por o R de GRATIA ter a parte superior bem delineada, aparecendo a cheio em algumas das moedas seguintes — presumível lasca ou falha no cunho.

3) Nas últimas moedas que observámos, de uma colecção do Norte do País, foi encontrado um espécime com cunhos de anverso e reverso ainda não conhecidos, o que veio aumentar para nove o número dos grupos; deu-se-lhe o n.º 166.

Neste estudo, tem interesse focar que, com as 88 moedas inicialmente analisadas, ficaram praticamente definidos os grupos de ligações de cunhos. Isto indica que, para estas emissões, um conjunto de, aproximadamente, cem moedas, de proveniências diferentes, será suficiente para determinar, com uma margem de erro que se admite aceitável, a quantidade de cunhos utilizados no seu fabrico e as ligações entre eles.



Se é certo que, com as 78 moedas depois observadas, foi definido um novo grupo, este engloba um exemplar apenas, e a importância de termos continuado a pesquisa até às 166 moedas está na revelação de mais três aversos e três reversos, representados em moedas únicas, de aparecimento casual. Elas trazem consigo o conhecimento mais perfeito da quantidade de cunhos utilizados no fabrico desta série, com reflexo na quantidade de peças produzida por cada par de cunhos.

Assim se, para a emissão desta moeda de X réis, foram utilizados 18 pares de cunhos (concretamente 17 pares e mais um reverso), e não 15 pares (14 pares e mais um reverso) como em 1985 se admitiu, a quantidade média de moedas, produzida por cada par de cunhos, baixará para cerca de 12 200.

O recurso a fórmulas matemáticas, como as de Giles Carter, para o cálculo do número original de cunhos de uma série a partir dos cunhos encontrados numa determinada quantidade de moedas dessa série, conduz no caso vertente, e com as adições agora reveladas, a:

1 — Para o averso, o provável uso de 18 cunhos ( $D = 17,3 \pm 0,44$ );

2 — Para o reverso, o provável uso de 19 ou 20 cunhos ( $D = 18,4 \pm 0,5$ ).

Com base em dados experimentais, recolhidos na observação do comportamento dos cunhos de séries semelhantes, de Pedro II, batidas em 1699 e 1703, e de D. João V, dos anos de 1713 a 1721, temos também a percepção de que, eventualmente, poderão ter sido usados na série de 1799 mais um ou dois cunhos para cada face. Atente-se que o comportamento dos cunhos que foram encontrados nesta série é muito variado, reforçando, igualmente, a possibilidade de existir um ou outro cunho dificilmente documentável hoje. Em 166 moedas, para 35 cunhos que se revelaram, nada menos de 8 (quantidade próxima de 23% do total achado) estão representados por moedas únicas, o que mostra para esses cunhos, um tempo de trabalho bastante curto, se o compararmos com o que foi documentado em 40 espécies (averso n.º 6), ou ainda em 32 (reverso n.º 7), também em 28 (reverso n.º 2), em 25 moedas (averso n.º 9), em 24 (averso n.º 1), ou mesmo em 19 moedas (averso n.º 7 e reverso n.º 8).

O contributo dos cunhos representados por uma só moeda poderá ser melhor apreciado colocando o problema sob outro ponto de vista. Admitindo que a série de 1799 foi produzida apenas pelos 35 cunhos encontrados e que o fabrico se distribuiu proporcionalmente à representação das espécies no Mapa II, o cunho de averso 6 terá atingido uma presença excepcional em 52 947 moedas e, por exemplo, o averso 7 e o reverso 8 terão batido 25 150 peças, mas os cunhos figurados no Mapa II por um único espécime terão, cada um, contribuído, em média, para 1324 exemplares.

A média acima referida, de 12 200 moedas por par de cunhos, corresponde no Mapa II a uma produção que não alcança a do averso 11, documentado por 10 moedas, pois representará, teoricamente, 9,22 exemplares.

Sendo, pois, uma verdade evidente, que os cunhos de maior tempo de utilização foram todos encontrados, já se colocam muitas reservas ao aparecimento de todos os cunhos que tiveram uma produção inferior à média das 1324 moedas.

Com este quadro, não se nos afigura redução exagerada se fixarmos, para a cunhagem do cobre e para aquela época, uma produção média de 11 000 moedas por cada par de cunhos.

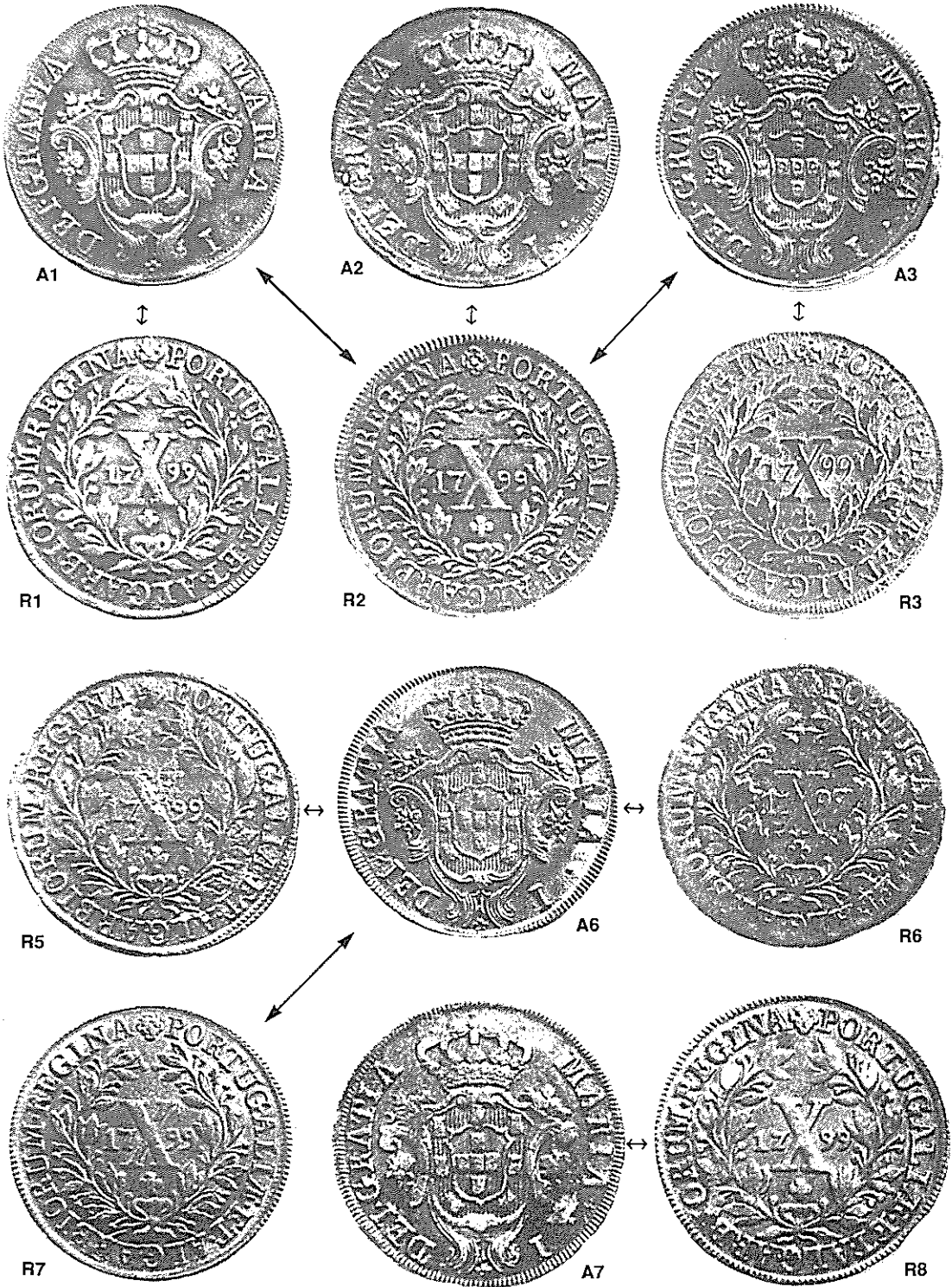
#### AGRADECIMENTO

O autor agradece a colaboração de directores de museus, de coleccionadores e de comerciantes de moedas, os quais facultaram a observação da grande maioria das peças, facilitando também os registos por decalque e fotográfico, sem o que seria impossível a concretização deste trabalho.

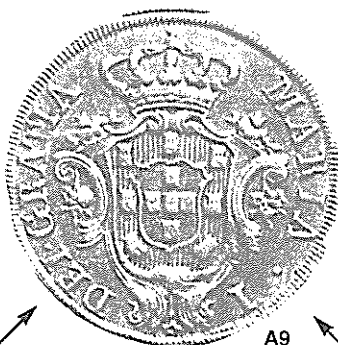
As fotografias apresentadas como comprovativas dos cunhos encontrados, são das seguintes moedas, escolhidas pelo seu estado de conservação:

A 1-R 1:	moeda n.º 2,	com o peso de	12,78g (Dr. João Mendes de Almeida)
A2	: moeda n.º 30,	com o peso de	12,35g (Dr. João Mendes de Almeida)
A 3-R 2:	moeda n.º 35,	com o peso de	14,12g (do autor)
R3	: moeda n.º 41,	com o peso de	12,16g (do autor)
A4	: moeda n.º 43,	com o peso de	11,74g (do autor)
A 5-R 4:	moeda n.º 44,	com o peso de	11,72g (Dr. Jorge Valladares Souto)
R5	: moeda n.º 51,	com o peso de	11,67g (do autor)
R6	: moeda n.º 52,	com o peso de	11,22g (do autor)
A 6-R 7:	moeda n.º 80,	com o peso de	12,95g (do autor)
A 7-R 8:	moeda n.º 86,	com o peso de	11,42g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A8	: moeda n.º 104,	com o peso de	11,52g (do autor)
R9	: moeda n.º 105,	com o peso de	13,87g (Sr. Carlos Marques da Costa)
R10	: moeda n.º 106,	com o peso de	12,64g (do autor)
A 9-R11:	moeda n.º 121,	com o peso de	11,56g (do autor)
A10-R12:	moeda n.º 131,	com o peso de	13,03g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A11-R13:	moeda n.º 137,	com o peso de	13,08g (do autor)
R14	: moeda n.º 142,	com o peso de	11,61g (Eng.º Raúl Moura Antunes)
A12-R15:	moeda n.º 147,	com o peso de	11,97g (Museu Num. Port., n.º inv. 14 734)
A13	: moeda n.º 150,	com o peso de	13,05g (Sr. Carlos Marques da Costa)
A14-R16:	moeda n.º 158,	com o peso de	10,81g (do autor)
A15	: moeda n.º 160,	com o peso de	12,02g (Dr. João Mendes de Almeida)
A16-R17:	moeda n.º 165,	com o peso de	12,28g (Eng.º Raúl Moura Antunes)
A17-R18:	moeda n.º 166,	com o peso de	11,06g (Sr. Francisco Santos)

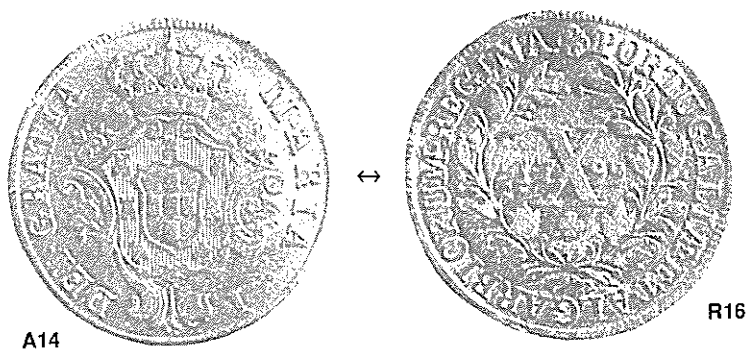
Fotos comparativas dos diferentes aversos e reversos



Fotos comparativas dos diferentes aversos e reversos



Fotos comparativas dos diferentes aversos e reversos





# ACHADOS MONETÁRIOS





## TRÊS TESOUROS MONETÁRIOS ROMANOS DA ÉPOCA REPUBLICANA

A. Marques de Faria

Neste trabalho, trataremos de publicar o que resta de três tesouros monetários encontrados em território nacional. Tendo todos eles sido encontrados há mais de trinta anos, seria deveras difícil poder contar com toda a informação susceptível de individualizar e caracterizar integralmente estes tesouros, os quais, pelo valor intrínseco do respectivo conteúdo, suscitaram o interesse de muitos indivíduos que com eles contactaram. A propósito, valerá a pena perguntar: dos tesouros achados em Portugal nas últimas décadas, quantos foram publicados?

Se é certo que a recuperação e valorização científica dos achados monetários fortuitos continuam e continuarão a ser tributárias do grau de civilidade das populações e do modo como o Estado encara (ou não) esta questão — impondo, por exemplo, a proibição da utilização de detectores de metais —, no que toca aos achados resultantes da actividade arqueológica, a questão assume outras proporções. Com efeito, são raras as escavações que contemplam a publicação dos respectivos espólios monetários em moldes minimamente aceitáveis. Urge modificar esta situação, para bem da Numismática e proveito daqueles que se interessam não apenas por moedas mas também pela História de que elas são testemunhas privilegiadas.

## TESOURO DA HERDADE DA MÍLIA, PORTEL

Todos os elementos respeitantes às circunstâncias deste achado constam do Processo 6-C/135 da extinta Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes-Repatrição do Ensino Superior e das Belas Artes. Este processo foi aberto na sequência de uma carta do Sr. José António Pombinho Júnior, residente em Portel, datada de 10 de Março de 1953, nela dando conta do achado em apreço. No dia seguinte, a descoberta era relatada no Diário de Notícias, que a dava como tendo ocorrido na herdade de Pernes (Hipólito, 1960-61, p. 85, nº 125 e n. 197).

O tesouro de denários republicanos foi achado a 6 de Março de 1953 por um grupo de trabalhadores durante a abertura de uma estrada particular, na herdade da Mília, freguesia da Amieira, concelho de Portel. As moedas foram encontradas sob uma laje e dentro de um recipiente de cerâmica. Não sendo possível calcular a quantidade exacta de moedas, foram ainda assim recuperadas 493 unidades, entregues por alguns dos achadores ao Sr. Manuel Francisco Rosado Murteira, administrador da propriedade. Meses mais tarde, o Museu Numismático Português e o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos adquiriram ao proprietário da herdade, Sr. Francisco Manuel Murteira, pai do administrador, respectivamente 66 e 97 exemplares, sendo-lhe devolvidos os restantes 330. O recipiente de barro, alegadamente uma ânfora, foi emprestado pelo proprietário à Casa de Bragança, nada se sabendo do destino que levou. No Museu Numismático Português, a totalidade dos denários recuperados foi objecto de “completa classificação e descrição”, nas palavras do Prof. Damião Peres. É possível que aquele trabalho seja o mesmo que nos foi mostrado pela Dr.<sup>a</sup> Ana Isabel Santos, do Museu Nacional de Arqueologia, e que tem por título “Relação das moedas de prata, da República Romana, encontradas na Herdade da Mília, concelho de Portel”. Os 97 denários adquiridos pelo Museu Etnológico constam ainda de uma outra lista intitulada “Relação das moedas de prata, da República Romana, achadas na Herdade da Mília, destinadas ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos”. Ambas as relações são anónimas, pelo que apenas podemos presumir ter sido o Prof. Damião Peres o autor delas. A classificação dos denários baseou-se exclusivamente na já então ultrapassada obra de Babelon (1885-1886), facto que não nos permite incluir na classificação de Crawford (*RRC*), que a seguir apresentamos, pelo menos 41 exemplares, mormente os denários anónimos com símbolos. Pela mesma razão, as variantes não contempladas por Babelon passam agora despercebidas.

Magistrado	RRC	Data (a. C.)	N.º de Exs.
Anónimo	44/5	211	39
Anónimo	50/2-182/1	209-158	18
Anónimo	51/1-107/1	209-208	1
Anónimo	107/1a-c	209-208	2
TAMP	133/2b	194-190	1
L. PL. H.	134/1a	194-190	2
AN/AV	136/1	194-190	2
Anónimo	140/1	189-180	18
AVTR	146/1	189-180	1
CN. DOM	147/1	189-180	2
SX. Q	152/1a-b	189-180	2
CN. CALP	153/1	189-180	1
TAL	161/1	179-170	1
MAT	162/2a	179-170	1
PVR	187/1	169-158	7
NAT	200/1	155	3
C. SCR	201/1	154	9
L. SAVF	204/1	152	10
P. SVLA	205/1	151	6
SAFRA	206/1	150	9
FLAVS	207/1	150	1
NATTA	208/1	149	12
C. IVNI C. F.	210/1	149	1
M. ATILI SARAN	214/1b	148	1
Q. MARC LIBO	215/1	148	8
L. SEMPR PITIO	216/1	148	3

Magistrado	RRC	Data (a. C.)	N.º de Exs.
C. TER LVC	217/1	147	1
L. CVP	218/1	147	4
C. ANTESTI	219/1e	146	10
M. IVNI	220/1	145	8
C. CVR TRIGE	223/1	142	3
L. IVLI	224/1	141	1
M. AVF RVS	227/1	140	1
C. VAL C. F FLAC	228/1	140	1
C. VAL C. F FLAC	228/1	140	3
A. SPVRI	230/1	139	2
C. RENI	231/1	138	24
TI. VETVR	234/1	137	1
SEX. POM	235/1a	137	1
M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1a	137	29
CN. LVCR TRIO	237/1	136	12
L. ANTES GRAGV	238/1	136	18
L. TREBANI	241/1a	135	18
C. ABVRI GEM	244/1	134	4
M. MARCI MN. F	245/1	134	5
L. MINVCIV	248/1	133	1
P. MAE ANT M. F	249/1	132	3
M. ABVRI M. F GEM	250/1	132	10
L. POST ALB	252/1	131	2
L. OPEIMI	253/1	131	2
M. ACILIVS M. F	255/1	130	2

Magistrado	RRC	Data (a. C.)	N.º de Exs.
Q. METE	256/1	130	1
M. VARGV	257/1	130	6
T. CLOVLI	260/1	128	2
C. CASSI	266/1	126	9
T. Q	267/1	126	3
M. PORC LAECA	270/1	125	10
Q. FABI LABEO	273/1	124	27
C. CATO	274/1	123	17
M. FAN C. F	275/1	123	23
M. CARBO	276/1	122	15
Q. MINV RVF	277/1	122	9
C. PLVTI	278/1	121	15
CARBO	279/1	121	5
M. TVLLI	280/1	120	11
M. FOURI L. F PHILI	281/1	119	2
L. LIC, CN. DOM,	282/1	118	1
M. AVRELI SCAVRI			
L. LIC, CN. DOM,	282/2	118	2
L. COSCO M. F			
L. LIC, CN. DOM,	282/3	118	3
C. MALLE C. F			
L. LIC, CN. DOM,	282/4	118	1
L. POMPONI CN. F			
Q. MARC, C.F, L.R	283/1b	118/117	1
CN. DOMI, Q. CURTI,	285/2	116/115	1
M. SILA			
L. PHILLIPVS	293/1	113/112	1
Indeterminadas			16

## TESOURO DE MÉRTOLA

Os parcos dados respeitantes a este tesouro foram recolhidos no Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontram 53 exemplares que o compunham. Através do ficheiro da colecção monetária do referido museu, da autoria do Dr. Mário de Castro Hipólito, pudemos saber que as moedas se encontravam, antes da sua actual arrumação, num “envelope impresso com o nome da firma comercial Franc. António Vargas”. Segundo um documento da contabilidade do Museu, examinado pelo Dr. Mário Hipólito, as moedas foram adquiridas juntamente com algumas jóias pelo Prof. Manuel Heleno em 4/6/1958 ao Sr. Arnaldo Caracol, por 1282\$00. Embora na documentação do M. N. A. não sejam conhecidos quaisquer dados relativos à aquisição das referidas jóias, soubemos, por informação pessoal do Dr. Fernando Bandeira Ferreira, a quem agradecemos, que as moedas foram compradas em Mértola ou nas suas imediações, aquando da deslocação que o Prof. Manuel Heleno efectuou com o Dr. Bandeira Ferreira àquela vila, com o propósito de adquirir para o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos o recém-achado tesouro da Herdade da Gralheira (São João dos Caldeireiros) (Hipólito, 1960-61, p. 86-87, n° 128; Hipólito, 1979, p. 69-70, n. 8). Partindo do princípio de que os exemplares adiante discriminados pertenceram ao tesouro descoberto nas margens do Guadiana, próximo de Mértola, por volta de 1941, e que era composto por mais de 800 moedas (Hipólito, 1960-61, p. 89, n° 130), os dados cronológicos fornecidos por meia centena de peças — pouco mais de 5% da totalidade do tesouro — são altamente falíveis. As 666 moedas que pertenciam àquele tesouro e que foram vendidas ao Museu Regional de Beja mantêm-se inéditas, o mesmo acontecendo às outras 60, que foram postas à venda por um ourives ambulante em Lagos (Hipólito, 1960-61, p. 89, n° 130). De qualquer modo, a coerência cronológica do presente conjunto leva-nos a defender para o tesouro de Mértola uma cronologia pouco anterior a 100 a. C.

Assinale-se que a numeração das moedas prende-se com a respectiva localização nas reservas do M. N. A.; assim, a primeira moeda catalogada ocupa o lugar 68 no tabuleiro 48.

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
48/68	Anónimo	152/1a	189-180	3, 06	58
48/69	Anónimo	72/3	211-210	3, 85	38
48/70	Anónimo	167/1	179-170	3, 27	14
48/71	Anónimo	167/1	179-170	3, 60	32
48/72	Anónimo	182/1	169-158	3, 42	4

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
48/73	PVR	187/1	169-158	3,56	22
48/74	C. SCR	201/1	154	4,07	15
48/75	Q. MINV RVF	277/1	122	2,49	20
48/76	L. SAVF	204/1	152	4,01	21
48/77	P. SVLA	205/1	151	3,32	5
48/78	FLAVS	207/1	150	2,99	16
48/79	NATTA	208/1	149	3,99	18
48/80	L. SEMPR PITIO	216/1	148	4,09	42
49/1	Q. MARC LIBO	215/1	148	3,48	10
49/2	Q. MARC LIBO	215/1	148	3,48	49
49/3	C. ANTESTI	219/1e	146	3,74	40
49/4	M. IVNI	220/1	145	3,47	56
49/5	C. CVR TRIGE	223/1	142	3,06	55
49/6	C. VAL C. F FLAC	228/2	140	3,65	35
49/7	C. RENI	231/1	138	3,74	47
49/8	CN. GELI	232/1	138	3,00	34
49/9	M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1e	137	3,78	49
49/10	M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1e	137	3,73	40
49/11	CN. LVCR TRIO	237/1	136	3,71	15
49/12	C. SERVEIL M. F	239/1	136	3,81	24
49/13	M. MARCI MN. F	245/1	134	3,81	45
49/14	L. MINVCIV	248/1	133	3,60	33
49/15	P. MAE ANT M. F	249/1	132	3,87	25
49/16	M. ABVRI M. F GEM	250/1	132	3,82	42
49/17	M. ABVRI M. F GEM	250/1	132	3,77	3

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
49/18	M. OPEIMI	254/1	131	3, 77	11
49/19	M. ACILIVS M. F	255/1	130	---	17
Obs.: exemplar incompleto.					
49/20	M. METELLVS Q. F	263/1b	127	3, 77	45
49/21	M. PORC LAECA	270/1	125	3, 82	17
49/22	Q. FABI LABEO	273/1	124	3, 71	11
49/23	C. CATO	274/1	123	3, 86	40
49/24	M. FAN C. F	275/1	123	3, 81	20
49/25	M. CARBO	276/1	122	3, 81	27
49/26	Q. MINV RVF	277/1	122	3, 88	48
49/27	C. AVG	242/1	60	3, 80	60
49/28	C. PLVTI	278/1	121	3, 79	12
49/29	CARBO	279/1	121	3, 79	12
49/30	M. TVLLI	280/1	120	3, 78	31
49/31	M. FOURI L. F PHILI	281/1	119	3, 46	56
49/32	L. LIC, CN. DOM, C. MALLE C. F	282/3	118	3, 79	15
49/33	L. LIC, CN. DOM, L. POMPONI CN. F	282/4	118	3, 59	18
49/34	CN. DOMI, Q. CURTI, M. SILA	285/2	116/115	3, 10	10
49/35	M. SERGI SILVS	286/1	116/115	3, 80	20
49/36	M. CIPI M. F	289/1	115/114	3, 72	14
49/37	MN. AEMILIO LEP	291/1	114/113	3, 47	43
49/38	MN. AEMILIO LEP	291/1	114/113	3, 57	20
49/39	MN. AEMILIO LEP	291/1	114/113	3, 19	45
49/40	L.CAESI	298/1	112/111	3, 57	50



## TESOURO DO OLIVAL DA SOALHEIRA DO BARBANEJO, MONFORTE DA BEIRA

Este tesouro, que foi descoberto no Olival da Soalheira do Barbanejo-Monte do Castelo (f. Monforte da Beira, c. Castelo Branco) em 1896, era composto por, pelo menos, dois colares de ouro, quatro de prata, todos entrançados, e pelos denários que agora publicamos. Um dos colares de prata foi registado no livro de entradas do Museu Etnológico Português em Março de 1910 (nº de entrada 4496-A = nº inv. 108), tendo sido oferecido pelos herdeiros do Juiz Conselheiro Luís António de Figueiredo por intermédio de Henrique Pereira Soares Couto. Os restantes colares de prata (nºs de inv. 105, 106 e 107 = nºs de entrada 4494, 4495 e 4496) foram adquiridos por Leite de Vasconcellos, em Julho de 1912, por intermédio de Francisco E. Goulão (Lopes, 1913, p. 161). Atendendo ao nº de inv. — 42 — que lhe foi atribuído, um dos colares de ouro que integrava o presente tesouro — o único que deste metal e com aquela proveniência deu entrada no Museu Etnológico — terá ingressado neste museu por volta de 1900. Ora, sucede que, cinco anos depois, Leite de Vasconcellos (1905, p. 68) desconhecia a inclusão daquele colar no presente tesouro; só mais tarde, entre 1910 e 1912, é que o fundador do Museu relacionaria o supracitado colar de ouro com as restantes peças do tesouro, ao mesmo tempo que tomava conhecimento de que eram dois os colares daquele metal. Por outro lado, não obstante o número de inventário, não é de excluir a hipótese de que o referido colar tenha dado entrada no Museu após 1905.

O conhecimento da proveniência do conjunto monetário — individualizado pelo Dr. Mário Hipólito durante a organização das reservas de numismática do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia em 1980 — foi-nos proporcionado pela reprodução de um dos exemplares (nº 59/41) no 3º volume das *Religiões da Lusitania* (Vasconcellos, 1913, p. 123, n. 2). Não obstante as moedas a seguir descritas poderem ser apenas uma parte das que foram encontradas, ao repetir-se a continuidade cronológica que detectámos na composição dos anteriores tesouros, é lícito concluir que a data de ocultação deste conjunto não será muito posterior ao ano em que foi cunhado o denário mais tardio de que temos conhecimento.

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
58/49	Anónimo	53/2	207-200	3,78	32
58/50	C. AL	75/1	209-208	4,14	56
58/51	Anónimo	105/3	209	2,99	48
58/52	Anónimo	113/1	206-195	3,96	23

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
58/53	L. PL H	134/1a	194-190	3,68	12
58/54	P. MAE	138/1	194-190	3,79	47
58/55	CN. DO	147/1	189-180	3,70	55
58/56	Anónimo	159/2	179-170	3,80	59
58/57	Anónimo	182/1	169-158	3,70	53
58/58	PVR	187/1	169-158	3,78	60
58/59	SAR	199/1a	155	3,64	48
58/60	C. SCR	201/1	154	3,09	55
58/61	C. MAIANI	203/1a	153	3,21	53
58/62	L. SAVF	204/1	152	3,57	5
58/63	P. SVLA	205/1	151	3,76	41
58/64	SAFRA	206/1	150	3,76	56
58/65	SAFRA	206/1	150	3,73	60
58/66	FLAVS	207/1	150	3,74	52
58/67	NATTA	208/1	149	3,93	47
58/68	NATTA	208/1	149	3,68	10
58/69	M. ATILI SARAN	214/1b	148	3,85	49
58/70	M. ATILI SARAN	214/1a	148	3,63	10
58/71	Q. MARC LIBO	215/1	148	3,84	10
58/72	L. SEMPR PITIO	216/1	148	3,78	2
58/73	L. SEMPR PITIO	216/1	148	3,81	10
58/74	L. SEMPR PITIO	216/1	148	3,81	12

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
58/75	C. TER LVC	217/1	147	3,54	56
58/76	L. CVP	218/1	147	3,64	11
58/77	L. CVP	218/1	147	3,49	11
58/78	C. ANTESTI	219/1e	146	3,49	12
58/79	M. IVNI	220/1	145	4,10	35
58/80	M. IVNI	220/1	145	3,69	60
59/1	Anónimo (crescente)	222/1	143	3,97	28
59/2	C. CVR TRIGE	223/1	142	3,66	41
59/3	L. IVLI	224/1	141	3,74	14
59/4	C. VAL C. F FLAC	228/1	140	3,02	7
59/5	M. AVRELI COTA	229/1b	139	3,95	28
59/6	C. RENI	231/1	138	3,19	34
59/7	C. RENI	231/1	138	3,70	29
59/8	SEX. POM	235/1	137	3,96	28
59/9	M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1b	137	3,87	32
59/10	M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1e	137	3,74	50
59/11	M. BAEBI Q. F TAMPIL	236/1c	137	3,83	40
59/12	CN. LVCR TRIO	237/1a	136	3,85	39
59/13	CN. LVCR TRIO	237/1a	136	3,73	43
59/14	L. ANTES GRAGV	238/1	136	3,49	17
59/15	L. ANTES GRAGV	238/1	136	3,77	24
59/16	C. SERVEIL M. F	239/1	136	3,82	30

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
59/17	C. CVR TRIGE	240/1b	135	3,73	28
59/18	C. AVG	242/1	135	3,74	11
59/19	TI. MINVCI AVGVRINI	243/1	134	3,85	41
59/20	C. ABVRI GEM	244/1	134	3,78	19
59/21	C. ABVRI GEM	244/1	134	3,88	17
59/22	M. MARCI MN. F	245/1	134	3,83	15
59/23	M. MARCI MN. F	245/1	134	3,84	14
59/24	M. MARCI MN. F	245/1	134	3,93	12
59/25	P. CALP	247/1	133	3,83	17
59/26	L. MINVCIV	248/1	133	3,88	54
59/27	P. MAE ANT M. F	249/1	132	3,92	14
59/28	P. MAE ANT M. F	249/1	132	3,81	22
59/29	L. POST ALB	252/1	131	3,91	59
59/30	L. OPEIMI	253/1	131	3,87	28
59/31	L. OPEIMI	253/1	131	3,85	57
59/32	M. ACILIVS M. F	255/1	130	3,91	47
59/33	Q. METE	256/1	130	3,86	21
59/34	SEX. IVLI CAISAR	258/1	129	3,86	13
59/35	Q. PILIPVS	259/1	129	3,81	55
59/36	T. CLOVLI	260/1	128	3,88	3
59/37	Anónimo (cabeça de elefante)	262/1	54	3,83	54
59/38	M. METELLVS Q. F	263/1b	127	3,72	45
59/39	M. METELLVS Q. F	263/1a	127	3,85	1
59/40	C. SERVEILI	264/1	127	3,86	13
59/41	Q. MAX	265/1	127	3,90	8

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
59/42	C. CASSI	266/1	126	3,71	14
59/43	T. Q	267/1	126	3,76	10
59/44	C. METELLVS	269/1	125	3,88	41
59/45	M. PORC LAECA	270/1	125	3,88	48
59/46	Q. FABI LABEO	273/1	124	3,82	43
59/47	Q. FABI LABEO	273/1	124	3,91	29
59/48	C. CATO	274/1	123	3,82	54
59/49	C. CATO	274/1	123	3,86	28
59/50	M. FAN C. F	275/1	123	3,78	49
59/51	M. FAN C. F	275/1	123	3,73	46
59/52	CARBO	279/1	121	3,86	25
59/53	M. TVLLI	280/1	120	3,88	29
59/54	M. TVLLI	280/1	120	3,74	47
59/55	M. FOURI L. F PHILI	281/1	119	3,90	55
59/56	M. CALID, Q. MET, CN. FL.	284/1 a 117/116		3,91	4
59/57	CN. DOMI, Q. CURTI, M. SILA	285/1 116/115		3,79	42
59/58	CN. DOMI, Q. CURTI, M. SILA	285/2 116/115		3,77	43
59/59	M. SERGI SILVS	286/1 116/115		3,91	12
59/60	M. SERGI SILVS	286/1 116/115		3,93	17
59/61	Anónimo	287/1 115/114		3,90	58
59/62	M. CIPI M. F	289/1 115/114		3,89	47
59/63	C. FONT	290/1 114/113		3,80	4

Obs.: marca de controle (anv.): G

Núm.	Magistrado	RRC	Data	Peso (g)	Eixo (min.)
59/64	C. FONT	290/1	114/113	3,77	20
	Obs.: marca de controle (anv.): N				
59/65	C. FONT	290/1	114/113	3,81	30
	Obs.: marca de controle (anv.): E				
59/66	MN. AEMILIO LEP	291/1	114/113	3,92	59
59/67	P. NERVA	292/1	113/112	3,92	52
59/68	AP. CL, T. MAL, Q. VR	299/1b	111/110	3,92	2
59/69	AP. CL, T. MAL, Q. VR	299/1b	111/110	3,81	13
59/70	C. PVLCHER	300/1	110/109	3,79	12
59/71	Q. LVTATI CERCO Q.	305/1	109/108	3,86	3
59/72	L. COT	314/1c	105	3,90	55
	Obs.: marca de controle (rev.): H				
59/73	L. THORIVS BALBVS	316/1	105	3,99	57
	Obs.: na leg. do rev. lê-se BABVS em vez de BALBVS; marca de controle (rev.): T				
59/74	L. THORIVS BALBVS	316/1	105	3,87	48
	Obs.: marca de controle (rev.): P				
59/75	L. THORIVS BALBVS	316/1	105	3,91	40
	Obs.:marca de controle (rev.): S				
59/76	L. SATVRN	317/3a	104	3,80	50
	Obs.:marca de controle (rev.): • $\dot{V}$				
59/77	L. SATVRN	317/3a	104	3,24	10
	Obs.:marca de controle (rev.): • $\overline{\Lambda}$ •				
59/78	C. COIL. CALD.	318/1a	104	3,87	30
	Obs.:marca de controle (rev.): H :				
59/79	Q. THERM M. F	319/1a	103	3,99	22
59/80	P. SERVILLI M. F RVLLI	328/1	100	3,91	48

## COMENTÁRIOS

Os tesouros acima descritos (ou o que resta deles) devem pertencer a um mesmo contexto cronológico-cultural, definido pela resistência dos Lusitanos à conquista romana nos últimos anos do século II a.C. e nos primeiros do século seguinte (Faria, 1989, p. 95, n. 44; Domergue, 1990, p. 188, n. 55; García Moreno et al., 1987, p. 55-95). É esta mesma conjuntura que explica a ocultação e a não-recuperação dos dois tesouros de Idanha-a-Velha (Hipólito, 1960-61, p. 70, n.º 96; Villaronga, 1980), Penha Garcia (Crawford, 1969, p. 87, n.º 191), Chão de Lamas (Alfaro, 1989) e de Ansião (inédito, a publicar por José Eduardo Reis Coutinho). É para nós evidente que a composição destes tesouros nada nos diz sobre a circulação monetária da área onde foram encontrados, até porque, à data da sua ocultação, ainda não existia no Ocidente hispânico uma economia baseada na moeda (Faria, 1989, p. 93). Só a presença de tropas romanas poderá explicar a existência de tesouros monetários nesta região. Parece-nos menos importante saber qual a origem étnica de quem os ocultou; mesmo que alguns deles tenham sido recolhidos em contextos e em contentores indígenas, não custa nada acreditar que tais conjuntos tenham sido capturados ao exército invasor (Alarcão, 1989, p. 239; Alarcão, 1990, p. 438).

Conquanto não obedeça às mesmas causas, a não-recuperação de tesouros cronologicamente afins, achados nas províncias de Córdoba, Granada e Jaén (Blázquez, 1987-1988, p. 117-123), em especial junto aos antigos complexos mineiros da vertente oriental da Sierra Morena, servem ao menos para mostrar que a exploração intensiva do abundante minério existente na área não principiou de um modo pacífico (Domergue, 1990, p. 188, n. 55); a concentração de tesouros no curso superior do *Baetis* deixa precisamente entrever, na viragem do século II para o século I a.C., a actuação do exército romano no combate a rebeliões, fomentadas quer pelas populações locais (Domergue, 1990, p. 188, n. 55) quer pelos escravos que trabalhavam nas minas (Crawford, 1985, p. 102). Não obstante as reservas colocadas por García-Bellido (1982, p. 42-43), a presença de Sertório em Cástulo, de que nos fala Plutarco, durante a primeira década do século I a.C. (García Morá, 1991, p. 160-166), traduz certamente uma situação de forte instabilidade na *Oretania*, facto que os depósitos monetários devem corroborar.

Cabe ainda a possibilidade de que a ocultação destes tesouros reflecta uma situação de conflito militar fora da área em que eles foram encontrados, à imagem do que sucedeu na Itália em meados do século I a. C. (Crawford, 1985, p. 193), e, possivelmente, no Noroeste hispânico durante as primeiras décadas do século seguinte (Faria, 1987, p. 198; Faria, 1989, p. 93). No caso vertente, os tesouros em questão mais não seriam do que o pecúlio de militares romanos, ocultado em locais considerados pacificados, no intuito de ser recuperado logo que cessassem os combates contra os

Celtiberos, revoltados por aquela altura; acontece, porém, que nem todos os legionários regressariam vivos de tais combates. Esta pode bem ser a razão que subjaz à não-recuperação de muitos tesouros ocultados no vale do *Baetis*, área onde a presença romana era já significativa nos finais do século II a.C.

## BIBLIOGRAFIA

- J. de Alarcão, “[Sobre] J. C. Edmondson, Two Industries in Roman Lusitania: Mining and Garum Production. Oxford, 1987”, *Conimbriga*, 28 1989 p. 236-243.
- J. de Alarcão, “A produção e a circulação dos produtos”, *Nova História de Portugal I: Portugal das Origens à Romanização*, Lisboa 1990 p. 409-441.
- C. Alfaro Asins, “Los denarios del tesoro de Chao de Lamas”. *GN* 94-95 1989 p. 131-134.
- E. Babelon, *Description historique et chronologique des monnaies de la république, vulgairement appelées monnaies consulaires*, Paris 1885-1886.
- M. H. Crawford, *Roman Republican Coin Hoards*, London 1969.
- M. H. Crawford, *Coinage and Money under the Roman Republic*, London 1985.
- C. Domergue, *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l’antiquité romaine*, Rome 1990.
- A. M. de Faria, “Dois tesouros monetários da época de Augusto no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia”, *AP* 4<sup>a</sup> s. 5 1987 p. 195-201.
- A. M. de Faria, “Sobre a moeda no noroeste da Hispânia. Alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno”, *Arqueologia* 20 1989 p. 90-96.
- M. P. García-Bellido, *Las monedas de Cástulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*, Barcelona 1982.
- F. García Morá, *Quinto Sertorio. Roma*, Granada 1991.
- L. A. García Moreno et al., *Hispani tumultuantes: de Numancia a Sertorio*, Alcalá de Henares 1987.
- M. de C. Hipólito, “Dos tesouros de moedas romanas em Portugal”. *Conimbriga* 2-3 1960-61 p. 1-166.
- M. de C. Hipólito, “Tesouro monetário romano da Quinta da Madeira (Ferro, Covilhã)”, *Nummus* 2<sup>a</sup> s. 2 1979 p. 65-71.
- E. A. C. Lopes, “Aquisições do Museu Etnológico Português”, *AP* 18 1913 p. 131-165.
- F. T. de Proença, *Archeologia do districto de Castello Branco*, Leiria 1910.
- RRC = M. H. Crawford, *Roman Republican Coinage*, Cambridge 1974.
- J. L. de Vasconcellos, “Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais; Lisbonne”, *AP* 10 1905 p. 65-71.
- J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, III. Lisboa 1913.
- L. Villaronga, “Tresor de Idanha-a-Velha (Castelo Branco, Portugal), de denaris romans i ibèrics i dracmes d’Arse”, *Numisma* 165-167 1980 p. 103-118.



## TESOURO MONETÁRIO TARDO-ROMANO DE FERMENTÕES (GUIMARÃES)

Carlos Monteiro  
Cristina Silva  
Pedro Barbedo  
Teresa Gomes

Não existem dados muito precisos quanto à localização do achado deste conjunto de moedas romanas do séc. IV. Foi descoberto no concelho de Guimarães, presumivelmente numa quinta da freguesia de Fermentões, por volta dos anos 20 do nosso século. As circunstâncias que rodearam o achado são desconhecidas. Não há notícia de que tenha sido proveniente de qualquer contexto estruturado e também não se conhece qualquer recipiente onde porventura as moedas tivessem sido armazenadas.

Depositado numa dependência dessa quinta (embora haja a possibilidade de provir de uma outra zona, ainda que da mesma região), o conjunto acabou por ser cedido, parcialmente, a alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coube-nos a oportunidade de o estudar na sua totalidade sob a orientação do Prof. Dr. Rui Centeno, no âmbito da cadeira de Numismática.

Grande parte das 484 moedas que compõem este tesouro estão em mau estado de conservação, mas bem consolidadas, o que nos permitiu uma limpeza sem problemas. Esta consistiu numa limpeza mecânica após imersão prévia em água destilada, a temperaturas da ordem dos 70° a 80°, seguida de arrefecimento súbito. Algumas peças foram mesmo tratadas em câmara de vácuo, com limpeza à binocular pelo Dr. Filipe Teixeira, colaboração que agradecemos. Este tratamento permitiu remover as concreções cúpricas acumuladas durante o período em que esteve oculto e desde a data do achado até à data deste estudo.

Foi nosso propósito prioritário dar a conhecer na sua totalidade este conjunto monetário do séc. IV, mais um do NW peninsular. Chegamos assim a este inventário do qual extraímos alguns dados a título estatístico, susceptíveis de serem utilizados em trabalhos de maior profundidade e de âmbito mais lato.

A nível metodológico, optou-se por um tratamento informático com o programa File Maker 4.0 para Macintosh. Criou-se uma base de dados a partir de uma folha de recolha.

Depois de devidamente ordenados, os dados foram exportados para o programa Aldus Page Maker 4.0, o que permitiu compôr o catálogo.

Deste grupo de 484 moedas, dado o seu estado de conservação ser bastante deficiente, conseguiu-se classificar, pelo menos relativamente, cerca de 45,05%. Esta amostra parece-nos suficiente para validar eventuais conclusões.

Assim, quanto à sua distribuição pelos centros emissores, detectou-se uma presença natural de maior número de moedas provenientes de ateliers monetários ocidentais. De referir, que além do factor proximidade, desde o último quartel do séc. IV as moedas orientais deixam, praticamente, de circular no ocidente. Em termos absolutos, 48% têm a sua origem definida, repartida por 13 centros emissores, das duas dezenas que funcionavam no séc. IV. Dentre estas, 76,60% pertencem a ateliers ocidentais. Destes destacam-se *Arelate* e *Roma* a que correspondem mais de metade, estando ainda *Treveri* e *Lugdunvm* bem representados (ver quadro I).

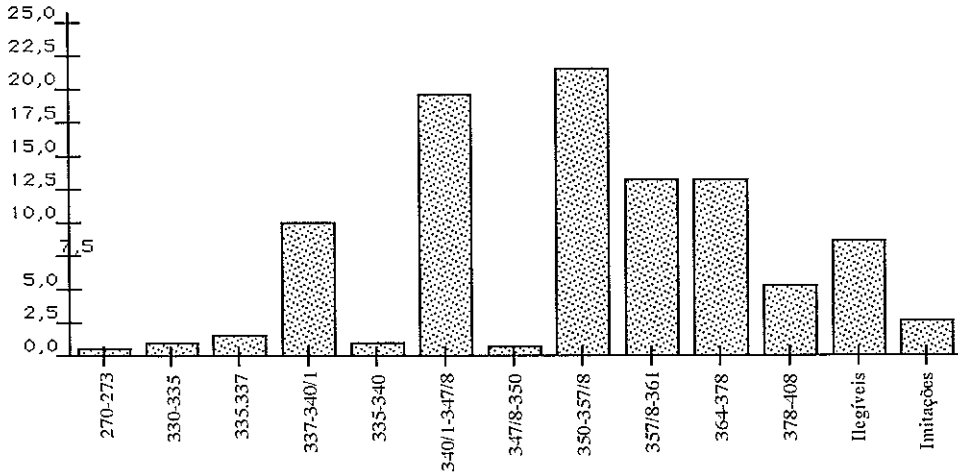
	TRE	LVG	ARL	ROM	SIS	AQV	THE	HIER	CON	NIC	CYZ	ANT	ALE	OCT	ORI	?	Total
270-273			1														1
330-335	1	1	1													1	4
335-337			2	4						1							7
337-340/I	9	2	2	11		1		1	3	2		1		1	1	14	48
335-340				1						6	2						9
340/I-347/8	5	8	31	8	1	1		1				2	1	32	4		94
347/8-350			1			1							1				3
350-358		2	3	5	3		1	1	5		1	1	1			90	113
357/8-361			4	4			2		1	5	1		1				
364-378		1	3	5						3							
378-408		1	1	7						1						15	25
Ilegível																41	41
Imitações																12	12
Total	15	15	49	45	4	3	3	3	9	18	4	6	6	33	5	266	484

Quadro I — Distribuição cronológicas por centros emissores

Numa perspectiva diacrónica, o período 335-361 é o que abarca maior número de moedas (69,66% do total), correspondendo precisamente ao período em que se registam maior número de emissões no contexto Peninsular. De facto, nos achados coevos, e nomeadamente no Noroeste, este período é o mais representativo, enquadrando-se entre fases de rarefacção (307-335) e de quebra (364-408) <sup>(1)</sup>. Este facto explica também a abundância de peças cunhadas em nome de *Constantinus II*, que se destaca indiscutivelmente como o mais frequente (144 moedas). Note-se também a longevidade do seu reinado. Em parte pelas mesmas razões, *Constans*

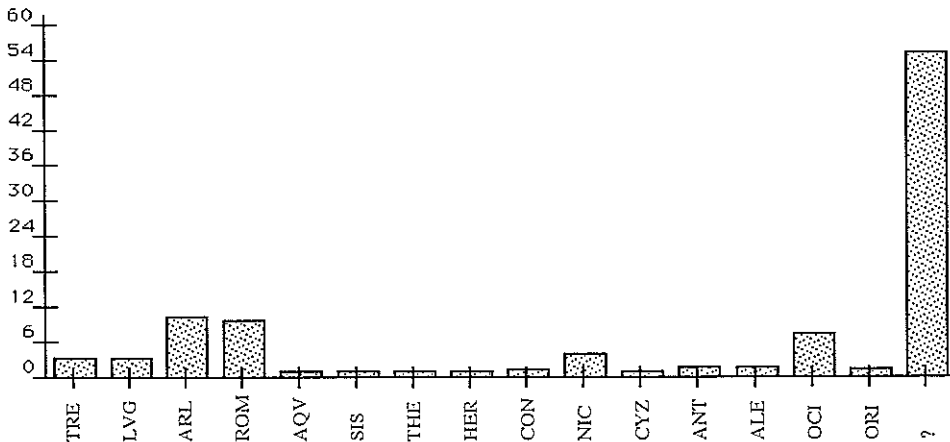
<sup>(1)</sup> I. PEREIRA, J. P. BOSÇ, J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga, vol. III. Les monnaies*, Paris, 1974.

separa-se dos restantes imperadores, tendo sido reconhecidas 47 peças. As emissões apresentam tipos privilegiados que se sucedem<sup>(1)</sup>, no quais predominam as *VICTORIAE DD AVGG QNN* e *FEL TEMP REPARATIO*. Este último tipo marca uma inversão da tendência, sendo o tipo seguinte — *SPES REPUBLICAE* — emitido em menor número, se bem que ainda em quantias apreciáveis. A ruptura estabelece-se a partir de 364 (18,17% de 364 a 392-408).



Quadro II — Distribuição cronológica

As 41 unidades totalmente ilegíveis, o que corresponde a menos de 10%, não permitem contrariar estes dados. Apesar disso, a amplitude cronológica máxima situa-se entre 270 e 393/408, correspondendo o início e final, respectivamente aos reinados de *Tetricvs* e *Honorivs*.



Quadro III — Distribuição por centros emissores

As moedas mais recentes correspondem a emissões de *Honorivs*, que pelo tipo de reverso são situáveis entre 393-408 (moedas n.º 425, 426 e 427). Considerando estes factos, uma data de inícios do séc. V parece-nos a mais correcta para a datação do ocultamento. Uma vez que as moedas utilizadas para esta datação, obviamente as mais recentes, são de má qualidade, quer a nível do material utilizado, quer a nível da técnica de fabrico, pareceu-nos aleatório entrar em linha de conta com o factor *desgaste*. No entanto, a sua ocultação estará, provavelmente, relacionadas com as perturbações sociais dos finais do séc. IV - inícios do séc. V, como consequência das invasões Bárbaras.

## CATÁLOGO

O presente catálogo foi ordenado tomando como primeira referência os centros emissores. Das divisões resultantes separaram-se os diversos reinados e imperadores neles inclusos. Os elementos descritivos aparecem na seguinte sequência:

N.º DE MOEDA, DENOMINAÇÃO, LEGENDA DO ANVERSO, LEGENDA DO REVERSO, MARCA, CRONOLOGIA, PESO (gr), REF.ª BIBLIOGRÁFICA (RIC).

### *Abreviaturas e legendas*

#### Imperadores referenciados

- A - Arcadius
- CI - Constantinus I
- CII - Constantinus II
- CG - Constantinus Gallus
- Cn - Constans
- Cp - Constantinopolis
- CsII - Constantinus II
- G - Gratianus
- H - Honorius
- He - Helena
- JA - Iulianus Augustus
- JC - Iulianus Caesar
- T - Tetricus
- Th - Theodosius I
- UR - Urbs Roma
- VI - Valentinianus I
- VII - Valentinianus II
- Vn - Valens

FEL TEMP REPARATIO

- (1) - Soldado atacando cavaleiro caído, de joelhos, que estende os dois braços para o atacante.
- (2) - Soldado atacando cavaleiro caído que estende o braço esquerdo para o atacante.
- (3) - Soldado atacando cavaleiro que se agarra ao pescoço do cavalo.

*Bibliografia*

RIC — P. H. WEBB, *The Roman Imperial Coinage*, vol. V-2: Probus to Amandvs, Londres, 1968

RIC — P. M. BRUNN, *The Roman Imperial Coinage*, vol. VII: Constantine and Licinvs, A. D. 313-337, Londres, 1980

RIC — J. P. C. KENT, *The Roman Imperial Coinage*, vol. VIII: The Family of Constantine I, A. D. 337-367, Londres, 1980

RIC — J. W. E. PEARCE, *The Roman Imperial Coinage*, vol. IX: Valentinian I - Theodosivs I, Londres, 1951

## TREVERI

### CONSTANTINVS I (307-337)

1 N. UR VRB[S]-ROMA Vitoria na proa TR[P] 330-331 1.45 VII-524

### CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

2 N. C DN CONSTANTII - NVS PF AVG Quadriga  
 3 N. Cs II CONSTAN - TIVS AVG GLORI - [A EXER] - CITVS I est.  
 4 N. He FL IVL HE - LENAЕ AVG PA - X PV[BLICA]  
 5 N. He FL IVL HE - LENAЕ AVG [PA - X PV] - BLICA  
 6 N. He FL IVL HE - LENAЕ AVG [PA - X] PV - BLICA  
 7 N. Cp CONST[AN-TINOPO]LIS Vitoria na proa  
 8 N. Cn [CON]ITANS-PF AVG [GLORIA EXERCITVS] I est.  
 9 N. Cn CONSTANS - PF AVG GLOR - IA EXERC - ITVS I est.

### CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)

10 N. Cn CONSTAN-S PF AVG VICTORIAE DD AVGG Q NN  
 11 N. Cn [CON]TAN - S PF AVG VICTORIAE DD AVGG Q NN  
 12 N. Cn [CON]ITANS - PF AVG VIC[TORIAE DD AVGG] Q NN  
 13 N. Cn CONSTANS - PF AVG VICTORIAE DD AVGG Q NN  
 14 N. CsII/Cn CONSTAN [..]PF AVG GLORI - A EXER - CITVS I est.  
 15 N. Cs II/Cn CONSTAN - [S PF AVG] VICTORIAE DD AVGG Q NN

## LVGDVNVNVM

### CONSTANTINVS I (307-337)

16 N. Cp CONSTAN-[TINO]POLIS Vitoria na proa PLG 330-335 0.88 VII-241

### CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

17 N. Cs II CONSTANTIVS [PF AVG] [GLOR-IA] EXERCITVS I est. P // [PLG]  
 18 N. Cn CONSTANS - [PF] AVG [GLOR - IA EX]ERC - ITVS I est. I // SLG 337-340 1.34 VIII-8  
 340 1.5 VIII-30

### CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)

19 N. Cs II CONST[ANTI] - [VS] PF AVG VICTORIAE DD AVGG Q NN S/T//SLG VIII-45  
 20 N. Cs II [CON]ITANTI - [VS PF AVG] [VICTORIAE DD AVGG] Q NN P<sub>L</sub>//PLG 347-348 1.59 VIII-55

21	N.	Cs II	[CONSTANTII] - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	S/T//[...]I[...] ]	347-348	1.55	VIII-45
22	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	S/T//SLG	347-348	1.14	VIII-45
23	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	S/T//PLG	347-348	1.51	VIII-45
24	N.	Cs II	[CONSTANTI] - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	P <sub>1</sub> //PL[G]	347-348	1.28	VIII-55
25	N.	Cn	CONSTAN[-S PF AVG]	VIC[TORIAE DD AVGG Q] NN	✱ // PLG	347-348	2	VIII-68
26	N.	Cs II/Cn	illegivel	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	✱ // PLG	347-348	1.4	
			CONSTANTIVS II (350-361)					
27	AE3	Cs II	DN CONSTAN -[ITVS PF] AVG	FEL [TEMP]-REPARATIO (2)	CPLG	355-358	2.11	VIII-189/90
28	AE3	JC	[...]IANVS [...]	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	CSLG	355-358	2.58	VIII-198
			VALENS (364-375)					
29	AE3	Vn	DN [VALEN] - S PF AVG	[SECVRITA] - S REIPVBLICAE	OF I//[...]	364-375	2.41	
			GRATIANVS (378-388)					
30	AE2	G	DN GRATIA- [NVS PF AVG]	[REPARATIO]-REIPVB	S//[LVGJS	378-388	2.3	IX-32
			<b>ARELATE</b>					
			TETRICVS (270-273)					
31	Ant.	T	[IMP TETR]ICVS PF AV[G]	SPES - AVGG		270-273	1.63	V(II)-133
			CONSTANTIVS I (307-337)					
32	N.	UR	VRB[S]- ROMA	Loba com géneos	P // SCONST	334	1.27	VII-385
33	N.	Cs II	FL IVL CONSTANTIVS NOB C	GLOP - [IA EXERC] - ITVS I est.	O // SCONST	335-337	1.55	VII-413
34	N.	Cp	[CONSTAN-TINOPOLIS]	Vitoria na proa	X // PCONST	336-337	1.6	VII-408
			CONSTANTIVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)					
35	N.	Cn	IMP CONSTANS AVG	GLOP - IA EXERC - ITVS I est.	v // SCONST	337-340	1.57	VIII-11
36	N		IMP CONS-[...]	[G]LOP[-IA EXERCITVS] I est.	X // PCON[ST]	337-340	1.72	
			CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)					
37	N.	Cs II	[C]ONSTAN[TII]-VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	PARL	347-348	1.55	VIII-78
38	N.	Cs II	CONSTANTI-VS PF AVG	[VICTORIAE] DD AVGG Q NN	N // [PARL]	347-348	1.59	VIII-76
39	N.	Cs II	CONST[ANTI] - VS PF] AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	M // SARL	347-348	1.55	VIII-78
40	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF A[VG]	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P // PARL	347-348	1.6	VIII-83

41	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF A[VG]	VICTORIAE] - [DD AVGG] Q NN	P//PARL	347-348	1.48	VIII-83
42	N.	Cs II	CONSTANTI] - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG QNN	AA//PARL	347-348	1.77	VIII-78
43	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF AVG	[VICTORIAE DD AVGG Q NN	AA//SARL	347-348	1.37	VIII-78
44	N.	Cs II	CONSTANTI] - [VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	NE//PARL	347-348	1.75	VIII-76
45	N.	Cs II	CONSTANTI - VS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	P//PARL]	347-348	1.65	VIII-83
46	N.	Cs II	CONSTANT] - IVS PF AVG	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P//PARL	347-348	1.39	VIII-83
47	N.	Cs II	[CONSTANT] - IVS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P//PARL	347-348	1.39	VIII-83
48	N.	Cs II	CONSTANT - [VS PFAVG]	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	AA//PARL	347-348	1.52	VIII-78
49	N.	Cn	[CONSTANS] - PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q [NN]	AA//PARL	347-348	1	VIII-80
50	N.	Cn	CONSTANS - [PF AVG]	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P // PARL	347-348	1.53	VIII-86
51	N.	Cn	CONSTAN- [S PF AVG]	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	✱ // [S]ARL	347-348	1.38	VIII-92
52	N.	Cn	[CONSTAN]S]-PF [AVG]	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	/ N // SARL	347-348	1.31	VIII-77
53	N.	Cn	CONSTANS - PF AVG	[VICTORIAE DD AVGG Q NN	AA//PARL]	347-348	1.37	VIII-80
54	N.	Cn	CONSTANS - PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	AA//SARL	347-348	1.5	VIII-81
55	N.	Cn	CONSTAN[S] - PF AVG	VICTOR[AE DD AVGG Q NN	P//PARL]	347-348	1.78	VIII-85
56	N.	Cn	[CON]STANS - PF AVG	VICTORIAE] DD AVGG Q NN	AA//SARL	347-348	1.75	VIII-80
57	N.	Cn	CONSTANS - PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	AA//SARL	347-348	1.36	VIII-80
58	N.	Cn	[CON]STANS - [PF AVG]	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P//SARL	347-348	1.68	VIII-85
59	N.	Cn	CON]STANS] PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	NE//SARL	347-348	1.67	VIII-47
60	N.	Cn	CONSTAN - [S PF AVG]	VICTORIAE DD AVGG [NN]	✱ // PARL	347-348	1.33	VIII-92
61	N.	Cn	CONSTANS PF AVG]	[VICTOR]AE DD AVGG Q NN]	AA//P]ARL	347-378	1.88	VIII-80
62	N.	Cn	[CON]STANS PF AVG]	VICTORIAE D]D AVGG Q NN]	AA // [PARL]	347-348	0.98	VIII-80
63	N.	Cs II/Cn	CONSTAN [...]	[VICTOR]IAE DD AVGG Q [NN]	NE//[PARL]	347-348	1.59	VIII-76/77
64	N.	Cs II/Cn	[...] CON]STANS/TIVS...]	[VICTOR]IAE DD AVGG Q NN]	✱ //SA[R]	347-348	1.66	
65	N.	Cs II/Cn	CONSTAN[...]	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P//PARL	347-348	1.1	VIII-83/85
66	N.	Cs II/Cn	ilegivel	VICTORIAE DD AVGG Q NN]	P//PARL	347-348	1.93	VIII-83/85
67	N.	Cs II/Cn	ilegivel	VICTORIAE DD AVGG Q NN	✱ // PARL	347-348	1.26	
68	N.	Cs II	DN CONSTAN - [TIVS PF AVG]	FEL TEMP - [REPARATIO] (galé)	// PARL	348-350	1.98	VIII-99
CONSTANTIVS II (350-361)								
69	AE3	Cs II	DN CON[...H...]	[FEL TEMP-REPA]RATIO (2)	D // PCON	353-355	1.84	VIII-215
70	AE3	Cs II	DN CONSTAN-T[...] PF AVG	FEL TE]MP]REPARATIO (2)	D // PCON	353-355	1.87	VIII-215
71	AE3	Cs II	DN CON]STAN ]-TIVS PF AVG	FEL T]EMP-RE]PARATIO (2)	TCON	355-358	2.06	VIII-266
72	AE3	Cs II	DN CONSTAN - TIVS PF AVG	SPES REI - PVBLICE	TCON[N]	358-360	1.42	VIII-275
73	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN] - TIVS PF AVG	SPES REI - PVBLI[CE]	PCON	358-360	1.48	VIII-275
74	AE4	JC	[DN IVL]IANVS]-NOB CAES	[SPES REL-PV]BLICE	[P]CON	358-360	0.8	
75	AE4	JC	DN IVL]IA[NV-S NOB CAES]	[SPES REI]-PVBLICE	[P]CON	358-360	1.21	VIII-276



VALENTINIANVS I, VALENS, GRATIANVS, VALENTINIANVS II (364-378)

76	AE3	Vn	[DN VALE]N-S[PF] AVG	[SECVRITAS REIPVBLICAE]	[S]CONT	364-367	2.51	IX-9(b)
77	AE3	V	DN VALENTINI - ANVS PF AVG	SECVRITAS REIPVBLICAE	CON	367-375	2.1	IX-17a
78	AE3	V/nl/G	llegivel	[SECVRITAS - REIPVBLICAE]	PC[ON]	375-378	1.43	IX-19a,b,c

VALENTINIANVS II (388-392)

79	AE4	V	DN VALENTINI-ANVS PF AVG	VICTOR-[IA AVGGG]	// PC[ON]	388-392	1.2	IX-30(a)
----	-----	---	--------------------------	-------------------	-----------	---------	-----	----------

**ROMA**

CONSTANTINVS I (307-337)

80	N.	CI	CON]STANTI - NVS MAX AVG	GLOR - [IA] EXER[C-ITVS] I est.	R*P	335-337	1.16	VII-391
81	N.	CII	CONSTANTI-NVS [IVN NC]	[GLORIA EXERCITVS] I est.	R*S	336-337	0.91	VII-392
82	N.	Cn	FL CONSTANS NOB [CAES]	[GLOR - IA] EXERC - ITVS I est.	R QP	335-337	2.12	VII-384
83	N.	Cn	FL CONSTANS NOB CAES	SECVRI - TAS REIPVB	R Q̇Q	337	1.49	VII-404

CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

84	N.	CII	[VIC]CONSTA - NTINVS AVG	VIRTVS - AVGVSTI	R Q̇P	337-340	1.33	VIII-4
85	N.	CII	VIC [CONSTA - NTINVS] AVG	VIR[ITVS AVGVSTI]	R Q̇P	337-340	1.28	VIII-4
86	N.	Cs/Cn	[...]S PF AVG	GLOR - [IA] EXERC] - [ITVS] I est.	R*S	337-340	1.59	VIII-25/26
87	N.	He	[FL IVL-HE-LE]NAE AVG	[PAX PV-BLICA]	R Q̇Q	337-340	0.81	VIII-27/53
88	N.	Cn	DN FL CON]STANS]AVG	SECVRITAS REIP		337-340	1.64	VIII-16
89	N.	Cn	DN FL CON]STANS] AVG	[S]ECURITAS REI-P		337-340	1.09	
90	N.	Cn	DN FL CONS - TANS AVG	[SE]CVRI - [TAS] REIP	[R Q̇P]	337-340	1.27	VIII-13
91	N.	Cn	DN FL CONSTANS AVG	SECVRITAS REIP	R Q̇P	337-340	1.56	VIII-16
92	N.	Cn	DN FL CONS - TANS AVG	SECVRI - TAS REIP[VB]	R Q̇P	337-340	1.4	VIII-8
93	N.	CsII/Cn	[...]PF AVG	GLOR-IA EXERC[ITVS] I est.	R*S	337-340	0.99	VIII-25/26
94	N.	llegivel		GLOR[IA EXERCITVS] I est.	[R*P]	337-340	1.35	
95	N.	Cs II/Cn	llegivel	[SECVRI - TAS REIP]	[R Q̇P]	337-340	1.34	VIII-9 a 13

CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)

96	N.	Cn	CON]STA-S PF AVG]	[VICTORIAE]DD AVGG QNN	Q̇//R S	347-348	0.93	VIII-100
97	N.	Cn	CON]STAN]S PF AVG	VICTOR[IAE DD] AVGGQ NN	R Q̇ [P]	347-348	1.14	VIII-84
98	N.	Cn	DN FL CONSTANS AVG	VICTO - RIAE DD AVGG Q NN	R[P]	347-348	1.68	
99	N.	Cn	CONSTAN - [S] PFAVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	Q̇//R P	347-348	1.48	VIII-100
100	N.	Cn	[CONST]AN - S P[PAVG]	[VICTOR]IAE DD AVGG Q NN	R Q̇ P	347-348	1.6	VIII-84

101	N.	C <sub>h</sub>	CONSTAN-S-PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	R $\odot$ P	347-348	1.47	VIII-81
102	N.	Cs II/Ch	CON[STANS]STANTIVS PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q NN	R $\neq$ T	347-348	0.42	VIII-91/92
103	N.	Cs II/Ch	CONSTAN[S]TIVS PF AVG	VICTORIAE DD [AVGG Q NN]	ROP	347-348	1.81	
CONSTANTIVS II (350-361)								
104	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG	FEL TEMP-REPARATIO (2)	RP	352-355	1.5	VIII-272
105	AE3	CG	DN CO[NS]TANTI-VS NOB CAE[S]	FEL TE[MP RE - PARATIO] (2)	RE	352-355	0.95	VIII-284
106	AE3	Cs II	[DN CONSTAN - TIVS PF AVG	FE[L ]TEMP RE - PAIRATIO (3)	R M P	357	1.25	VIII-316
107	AE3	Cs II	[DN CONSTAN -TIVS PF AVG]	FEL [TEMP-REPARATIO] (2)	R $\odot$ T	357	2.05	VIII-318
108	AE3	Cs II	[DN C]ONS[ITAN - TIVS PF AVG]	[SPES REI] - PVBLICE	[R*]P	358	1.31	VIII-320
109	AE3	Cs II	DN CONSTAN - [TIVS PF AVG]	[SPES REI - PVB]LIC[E]	R*S	358	1.02	VIII-320
110	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[SPES REI-PVBLICE]	R*T	358	1.03	VIII-320
111	AE4	Cs II	DN CONS[ITANTIVS PF AVG	SPES REI-PVBLICE	R $\odot$ P	358	1.64	VIII-233
112	AE3	JC	[DN CL IVL]-IANVS NC	FEL TEMP.[REPARATIO] (2)	R.M.P.	357	1.69	VIII-315
VALENTINIANVS I, VALENS, GRATIANVS (364-375)								
113	AE3	V	[DN VALENTINI-ANVS] [PF AVG]	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	SMRQ	364-375	1.25	IX-17a  24a
114	AE3	V <sub>h</sub>	DN VALENS PF AVG	SECVRIT[ASREI]PBLICAE	R PRIM[A]	367-375	1.81	IX-24b
115	AE3	V <sub>h</sub>	[DN VALEN-S]PF AVG	[GLORIA ROMANORVM]	RT	367-375	1.2	IX-23(b)
116	AE3	V/Vm/G	[...]- [...]PF AVG	SECVRITAS REIPVBLICAE]	[R]PRI[MA]	367-375	1.81	
117	AE3	V/Vm/G	[...]- PF AVG	SECVR[ITAS] - [REIPVBLICAE]	RPRIMA	367-375	2.16	
THEODOSIVS, ARCADIVS (383-387)								
118	AE4	A	[DN ARCADII]-VS PF AVG	VICTORIA AVGGG]	//R...	383-387	1.01	IX- 57(c)
119	AE3	Th	DN THEODO-SIVS PF AV[G]	VICTO[R]IA AVGG	://R P	383-387	1.36	IX-57(c)
VALENTINIANVS II, THEODOSIVS, ARCADIVS, HONORIVS (388-408)								
120	AE4	A	DN ARCADIVS [PF AVG]	[SPES]REI - PVBLICAE	[R ...]T	388-393	1.04	IX-63c
121	AE4	V II	DN VALENTINI-ANVS] PF AVG	SALVS [REI-PVBL]ICAE	<del>P</del> //R.] B	388-393	1.18	IX-64a
122	AE4	Th	[DN] THEODO -SIVS PF AVG	SALVS REI - [PVBLICAE]	<del>P</del> //R[P]	388-393	1.08	IX-64b
123	AE3		DN C[...]	[SALVS REI-PV]BLICAE	R P	388-408	1.3	
124	AE4		legivel	[SALVS REI]PVBLICAE	<del>P</del> //RT	388-408	0.93	
AQVILEA								
CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)								
125	N.	CsII	[...]- VS PF AVG]	[VICTOR]IAE DD AV[GG Q NN]	$\neq$ // [A]Q...	347-348	1.5	VIII-76

### CONSTANTIVS II (350-361)

126	AE3	Cs II	[DN CONSTAN - TIVS PF AVG]	[FEL] TEMP [RE - PARATIO] (3)	AQ[P]	352-355	1.51	VIII-199
127	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]- TIVS [PF AVG Ilegal]	[FEL] TEMP [REPARATIO] (2)	AQP	352-355	2.61	VIII-199
128	AE3			[FEL] TEMP R[REPARATIO] (2)	[...]Q[...]	352-358	1.54	

### SISCIA

#### CONSTANTIVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

129	N.	Cn	CONSTAN -S PF AVG	GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	ASIS	337-340	1.17	VIII-88
CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)								
130	N.	Cn	CONSTANS - PF AVG	VICTORIAE DD AVGG Q [NN]	ASIS	347-348	1.77	VIII-183
131	AE3	Cs II/Cn	Ilegal	[FE]L TEMP R[E - PARATIO] (1)		348-350	0.94	

### THESSALONICA

#### CONSTANTIVS II (350-361)

132	AE3	Cs II	DN CONSTAN -TIVS PF [AVG]	FEL TEMP-REPARATIO (2)	SMTSA	355-358	2.26	VIII-208
133	AE3	Cs II	DN CONSTAN]- [TIVS PF AVG]	SPES - [REIPV]BLICE	SMTSA	358-361	1.49	VIII-215
134	AE3	Cs II	[DN CONSTAN] - TIVS PF AVG	SPES REI - PVBLICE	[S]M[T]S[A]	358-361	1.39	VIII-213

### HERACLEA

#### CONSTANTIVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

135	N.	C I	CONSTANTI - NVS[AVG]	GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	SMNB	337-340	1.9	VIII-15
CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)								
136	N.	Cs II/Cn	Ilegal.	VOTI/XXMULTI/XXX	[...]HA	347-348	1.19	
CONSTANTIVS II, (350-361)								
137	AE3	Cs II	DN CONSTA[N-TIVS P] AVG	[FEL] TEMP-REPARATIO (2)	SMHA	355-358	1.82	VIII-93

## CONSTANTINOPOLIS

### CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

138	N.	Cs II	DN CONSTAN-TIVS PF AVG	GLOR-[I]A]EXERCITVS I est.	CONSA	337-340	1.38	VIII-27
139	N.	Cs II	[DN]CONSTAN - [T]IVS PF AVG	GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	CONST	337-340	1.17	VIII-43
140	N.	ClI/CsII	[...P]F AVG	GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	CON	337-340	1.34	VIII-41/43/45
CONSTANTIVS II (350-361)								
141	AE3	CG	(DN)FLCLCONSTANTIVSNOB(CAES)	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	[CO]NS[A]	351-354	1.53	VIII-120
142	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN -[T]IVS PF AVG]	FEL TE[MP-REPARATIO] (2)	CONSA	351-355	1.89	VIII-118
143	AE3	Cs II	[DN CONSTAN -T]IVS PF AVG	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	CONSA	355-358	2.5	VIII-137
144	AE3	Cs II	[DN CONSTAN] -TIVS PF AV	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	[C]ONSA	355-358	1.98	VIII-137
145	AE3	Cs II	[...] - TIVS PF AVG	SPES REI[-PVBLICE]	CO[NSA]#	358-361	1.74	VIII-149/151
146	AE3	JC	[DN CL IVLIA]NVS N[C]	[F]EL [TEMP RE-PARATIO] (2)	[CO]NS	355-358	1.32	

## NICOMEDIA

### CONSTANTINVS I (307-337)

147	N.	Cs II	FL IVL CONSTANTIVS NOB C	GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	SMN[R]	335-337	1.2	VII-201
CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)								
148	N.	Cs II	CONSTAN[T]IVS AVG]	GLOR[IA EXERC]ITVS I est.	SMNA	337-340	1.17	VIII-7
149	N.	Cl	[DV CONSTANT]I- NVS PF AVG[G]	Quadriga.	[SM]N Ć	337-340	1.98	VIII-18
CONSTANTIVS II (350-361)								
150	AE3	Cs II	DN[CO]NS[ITAN-T]IVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO]	SMN[A]	355-358	1.74	VIII-112
151	AE3	Cs II	DN CONSTAN -[T]IVS PF AVG]	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	SM[N?]	355-358	2.55	VIII-112
152	AE3	Cs II	[CONS]TA[N...][...]	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	A //SMNA	355-358	2.14	
153	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG	FEL TEMP RE- PARATIO (2)	SMN Ć	355-358	1.7	VIII-110
154	AE3	Cs II	[DN CO]NSTAN-TIVS [PF] AVG	FEL TEMP [RE-PARATIO] (2)	SMNA	355-358	1.72	VIII-110
155	AE3	Cs II	[DN CONSTAN - [T]IVS] PF AVG	SPES REI - PVBLICE	[SMN]A Ć	358-361	1.55	VIII-112
156	AE3	Cs II	[DN CONSTAN ]- TIVS PF AVG	[SPES REI] - PVBLICE	SMNE	358-361	1.66	VIII-112
157	AE3	Cs II	[DN] CON]STAN-TIVS PF AVG]	[SPES REI-PVBLICE]	SMN[ß]	358-361	1.57	VIII-112
158	AE3	JC	DN IVLIANVS-NOB[CAESAR]	FEL TEMP RE-[PARATIO] (2)	SMNA	355-358	1.18	VIII-111

159	AE3	JC	DN IVLIANVS - [NOB CAESAR]	SPES REI[PVB]LICE	SMN[...]	358-361	1.21	VIII-113	
160	AE4	Cs II/JC	Itegivel	[SPES REI - PV]BLICE	[SM]N[...]	358-361	1.22		
<b>VALENTINIANVS I, VALENS (367-375)</b>									
161	AE3	Vn	[DN VA]LENS-[PF AVG]	[GLORIA] RIO-MANORUM]	SMN[A]	367-375	1.67	IX-9(b)	
162	AE3	Vh	[...V]ALEN[...]	[GL]ORIA RIO-MANORUM]		367-375	1.54		
163	AE3	Vn	[DN VA]JENS - [PF AVG]	GLO[RIA - ROMAN]ORVM	SMN Ć	367-375	1.33	IX-9c	
<b>ARCADIVS (383-387)</b>									
164	AE4	A	DN ARCADIVS PF AVG	VOTV	SMNA	383	1.29	IX-37c	

## CYZICVS

### CONSTANTINVS II (350-361)

165	AE3	Cs II	D[N CONS]TAN-TIVS PF AVG	[FEL TEMP] - REP[ARATIO] (2)	SMK	355-358	1.45	
166	AE3	Cs II	DN CONSTAN -TIVS PF AVG	FEL [TEMP]-REPARATIO (2)	SMKB	351-354	1.93	VIII-104
167	AE3	JC	DN FLCL IVLI-[AN]VS NOB CS	[FEL] TEMP-REPARATIO (2)	SMKA	355-358	2.1	VIII-112
168	AE3	JC	DN FLCL IVLI - [ANVS NOB CS]	SPES REI - PVBLICE	S[MK]	358-361	1.72	VIII-118

## ANTIOCHIA

### CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

169	N.	Cs II	CONSTAN - TIVS AVG	GLO[RI]A EXERC - ITVS I csl.	• — •//SMANE	337-341	1.47	VIII-52
-----	----	-------	--------------------	------------------------------	--------------	---------	------	---------

### CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)

170	N.	Cs II	CONSTAN - TIVS PF AVG	VOT/XXAMVLT/XXX	SMANA	347-348	1.02	VIII-113
171	N.	Cs II	CONSTAN - [TIVS] P[IF] AVG	VOT/XXAMVLT/XXX	SMA[NA]	347-348	1.44	VIII-113

### CONSTANTIVS II (350-360)

172	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	AN[...]	351-354	1.72	VIII-142
-----	-----	-------	--------------------------	--------------------------	---------	---------	------	----------

### VALENTINIANVS, VALENS, GRATIANVS (364-375)

173	AE3	V/Vn/G	Itegivel	SECV[RITAS] - [REI]PVB[LI]CAE	ANT[R]	364-375	1.55	IX-12/36
174	AE3	V/Vn/G	Itegivel	GLORIA [ROMANORVM]	ANTE	367-375	2.75	



194	N.		[C]ONST[...]	VICTORIAE DD [AV]GG Q NN]	347-348	1.25
195	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.6
196	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/CONSTANTIVS)	[VICTORIAE]DD AVGGQ NN	347-348	1.26
197	N.	Cs II/Ch	CONSTANS[TIVS...]	VICTORIAE [DD AVGG Q NN]	347-348	1.28
198	N.	Cs II/Ch	[...] PF AV[G]	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.38
199	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.51
200	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	(VICTORIAE DD AVGG Q NN)	347-348	1.19
201	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTOR]IAE] DID AVGG Q NN]	347-348	1.15
202	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	VICTOR[IAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.05
203	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.7
204	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE]D] AVGG Q NN]	347-348	1.07
205	N.	Cs II/Ch	[...CONSTANS/TIVS P]F AVG	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.9
206	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.2
207	N.	Cs II/Ch	[...]CONST[ANS/TIVS...]	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.26
208	N.		ilegivel	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.5
209	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE DD [AVGG Q NN]	347-348	0.94
210	N.	Cs II/Ch	ilegivel.	[VICTORIAE DD AVGG Q INN]	347-348	1.22
211	N.	Cs II/Ch	(CONSTANS/TIVS)	[VICTORIAE] DD AV[GG Q NN]	347-348	1.59
212	N.	Cs II/Ch	ilegivel	[VICTORIAE DD AVGG Q NN]	347-348	1.05
213	N.	Cs II/Ch	ilegivel	[VICTORIAE DD AV[G NN]	347-348	1.4

## ORIENTAIS

### CONSTANTIVS II, CONSTANTIVS II, CONSTANS (337-340)

214	N.	C	[DN CONSTANTI-NVS PT AVGG]	Imperador velado	post.337	1.61
CONSTANTIVS II, CONSTANS (340-350)						
215	N.	Cs II	[CONSTAN] - TIVS PF AVG	VOT/XX/MVL/T/XXXX	347-348	1.49
216	N.	Cn	[CONSTAN]S PF AVG	VOT/XX/MULT/T/XXXX	347-348	1.98
217	N.	Cn	[...] NS PF AVG	VOT/XX/MVL/T/XXXX	347-348	1.18
218	N.	Cs II/Ch	ilegivel.	VOT/XXMULT/T/XXXX	347-348	1.48

## ATELIER INDETERMINADO

### TETRICVS (270-273)

219	Ant.	T	DN TETRIC-[V]S [J]F L VIC	PAX-AV[G]	270-273	0.72
-----	------	---	---------------------------	-----------	---------	------

CONSTANTINVS I (307-337)

220	N.	UR	[VRBS ROMA]	Loba com gêmeos		330-335	1.24
CONSTANTINVS II, CONSTANTIVS, CONSTANS (337-340)							
221	N.	C	CONSTANTI - NVS NA AVG	GLOR - IA EXERCITVS I est.		337-340	1.65
222	N.	Cs II	CONSTAN - TIVS AVG	[GLOR - IA EXERC - [TVS] I est.		337-340	1.19
223	N.	Cs II	[...] CON[STANTIVS]...	[GLOR-IA ] EX[ERCITVS] I est.		337-340	1.04
224	N.	Cs II	DN FL CONS[...]	GL[OR] - IA EXER[...] I est.		337-340	1.32
225	N.	Cs II	CONSTAN [...]	[GLOR - IA EXERC - [TVS] I est.		337-340	1.49
226	N.		[...] PF AVG	[GLOR - IA] EXERC - [ITVS] I est.		337-340	1.9
227	N.	C	TINO AVG CONST(...)	Quadriga	(...)]S(...)	337-340	1.45
228	N.	Cs II	[CONSTAN] - TIVS[ AVG]	[GLOR - IA] EXERC - [ITVS] I est.		337-340	1.56
229	N.	Ch	D[N FL CONST]ANS AVG	GLOR[IA EXERC]ITVS I est.		337-340	1.38
230	N.	Ch	D[N] FL CON[S]TANS AVG	[GLOR - IA EXERC - ITVS I est.	S[...]]S[...]	337-340	2.26
231	N.		Ilegivel	[GLORIA EXERCITVS] I est.		337-340	0.71
232	N.		Ilegivel	(GLORIA EXERCITVS)		337-340	0.81
233	N.		Ilegivel	[GLORIA EXE-RCITVS] I est.	P//	337-340	1.05
234	N.		Ilegivel	[GLORIA EXERCITVS] I est		337-340	1.54

CONSTANTIVS II (350-361)

235	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG	[FEL TEMP]P RE-[PARATIO] (3)		352-355	2.06
236	AE3	Cs II	[DN] CON[STAN]-TIVS PF [AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (3)		352-355	1.7
237	AE3	Cs II	DN CONSTAN - [TIVS PF AVG]	[FEL] TE[MP RE-PARATIO] (3)		352-355	1.3
238	AE4	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG	[FEL] TEMP-RE[PARATIO] (3)		352-355	2.51
239	AE3	Cs II	[DN CONST]AN-TIVS PF AVG	[FEL TEMP] RE-P[ARATIO] (3)		352-355	0.99
240	AE3	Cs II	DN CONSTAN - [TIVS PF AVG]	FEL T[EMP REPARATIO] (3)		352-355	1.97
241	AE3	Cs II	[...CO]NSTAN-T[...]	[FEL] T[EMP RE - PARATIO] (3)		352-355	1.27
242	AE3	Cs II	DN CONST[ANT] - IVS FF [AVG]	[FEL TEMP RE - PARATIO](3)		352-355	1.72
243	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS] PF [AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]		352-358	1.95
244	AE3	Cs II	[DN CONSTAN].TIVS PF [AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]		352-358	1.63
245	AE3	Cs II	DN CONSTAN - [TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE]PARATIO		352-358	1.49
246	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]		352-358	1.4
247	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO]		352-358	2
248	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	(FEL TEMP RE-PARATIO)		352-358	1.15
249	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP] RE[PARATIO]		352-358	1.59
250	AE3	Cs II	[DN CO]NS[TAN]-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]		352-358	1.8



251	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	2.71
252	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	1.06
253	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	1.71
254	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	1.58
255	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	0.88
256	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	1.65
257	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP REPARATIO]	352-358	1.37
258	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	1.68
259	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	2.35
260	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL] TEMP -[RE-PARATIO] (2)	352-358	2.07
261	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	FEL [TEM]P -[REPARATIO] (2)	352-358	1.45
262	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS [PF AVG]	[FEL] TEMP -REPARATIO (2)	352-358	1.8
263	AE3	Cs II	[... CON]STAN-TIVS PF AVG]	[FEL TE]MP RE-[PARATIO] (2)	352-358	1.17
264	AE3	Cs II	[DN C]ONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL T]EMP RE-[PARATIO] (2)	352-358	1.3
265	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	2.35
266	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.4
267	AE3	Cs II	[DN CONSTAN]-TIVS PF AVG	FEL TEMP-REPA[RATIO] (2)	352-358	1.12
268	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP] RE-PARATIO (2)	352-358	1.52
269	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.98
270	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	2.01
271	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS [PF AVG]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	2.13
272	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG	FEL TEMP-REPARATIO (2)	352-358	1.45
273	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG	[FEL] TEMP-REPARATIO (2)	352-358	1.6
274	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1-83
275	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.44
276	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	2.05
277	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AVG	[FEL] TEMP-REPARATIO (2)	352-358	2.23
278	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	FEL TEMP-[REPARATIO] (2)	352-358	1.88
279	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.75
280	AE3	Cs II	[...]STAN-TIVS PF AVG	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.55
281	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS [PF AVG]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.92
282	AE3	Cs II	[...]TIVS P[F AVG]	[FEL TEMP]-REPARATIO (2)	352-358	1.8
283	AE3	Cs II	[...]TIVS PF AV	[FEL TE]MP -REPARATIO (2)	352-358	1.39
284	AE3	Cs II	[...]TIVS PF AV[G]	[FEL] TEMP -REPARATIO (2)	352-358	2.48
285	AE3	Cs II	[CONSTAN]-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP REPARATIO] (2)	352-358	1.89
286	AE3	Cs II	[CONSTAN]-TIVS PF AV[G]	[FEL TEMP REPARATIO] (2)	352-358	1.72
287	AE3	Cs II	[DN] CONSTAN-TIVS PF AV[G]	[F]EL TEMP -REPARATIO (2)	352-358	1.73

M //

M //

M //

SM[-]

288	AE3	Cs II	(DN CONSTAN-TIVS PF AVG)	[FEL TEMP] - REPARATIO (2)	352-358	1.6
289	AE3	Cs II	[DN CONSTAN.TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	1.85
290	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL] TEMP RE-PARATIO (2)	352-358	1.46
291	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	1.34
292	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	[FEL TEMP-REPARATIO] (2)	352-358	1.33
293	AE3	Cs II	[DN CONSTAN-TIVS PF AVG]	FEL TEMP-REPARATIO (2)	352-358	1.3
294	AE3	Cs II	(DN CONSTAN-TIVS PF AVG)	[FEL TEMP REPARATIO] (2)	352-358	1.99
295	AE3	Cs II	DN CONSTAN - TIVS PF AVG	[SPES REIPVBLICE]	358-361	1.8
296	AE3	Cs II	[DN]CONSTAN-[TIVS PF AVG]	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.55
297	AE3	Cs II	DN CONSTANTIVS [...]	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.81
298	AE3	Cs II	[...CONSTANTIVS PF AVG]	[SPES]REI-[PVBLICE]	358-361	1.04
299	AE3	Cs II	[...]CONSTAN-[TIVS]PF [AVG]	[SPES] REI-[PVBLICE]	358-361	1.86
300	AE3	Cs II	[DN CONSTAN] -TIVS PF A[VG]	[SPES]REI[PVBLICE]	358-361	1.52
301	AE3	Cs II	DN CONSTA[...]	SPES REI[PVBLICE]	358-361	2.04
302	AE3	Cs II	[...CONSTAN][...]	[SPES ]REI-[PVBLICE]	358-361	1.85
303	AE3	Cs II	DN CONSTANTIVS...	[SPES R]EI-PVBLICE	358-361	1.6
304	AE3	Cs II	DN CONSTANTIVS...	[SPES REI]-PVBLICE	358-361	2.28
305	AE3	Cs II	[...CO]NS[ANTIVS]PF AVG]	[SPES REI]-PVBLICE]	358-361	1.5
306	AE3	Cs II	DN CONSTANTIVS PF AVG]	[SPES REI- PV]BLICE	358-361	1.49
307	AE3	Cs II	[...CO]NST[ANTIVS...]	[SPES R]EI-[PVBLICE]	358-361	1.07
308	AE3	Cs II	[...]CONSTANTIVS...	[SPES REI]-PVBLICE]	358-361	1.27
309	AE3	Cs II	[...]CONSTAN[TIVS...]	[SPES REI]-PVBLICE]	358-361	1.19
310	AE3	Cs II	[DN C]ONSTAN[...]	[SPES REI]PVBLICE]	358-361	1.68
311	AE3	JC	[...]VL[IANVS...]	A //	355-358	1.9
312	AE3	JC	[D]N IVLIANV-[S NOB CAES]	[FEL TEMP R-EPARATIO] (2)	355-358	1.18
313	AE3	JC	DN IVLIANV-[S...]	[FEL TEMP RE-PARATIO] (3)	355-358	2.64
314	AE3	JC	[DN FL]IVLIA[NVS NOB CAES]	FEL TEMP-REPARATIO (2)	358-361	1.79
315	AE3	JC	DN CL IVLIA[...]	[SPES REI] - PVBLICE	358-361	1.89
316	AE3		DN CONSTAN[...]	SPES REI - [PVBLICE]	352-355	1.59
317	AE3		[...]PF A[VG]	[FEL] TEMP-REPARATIO (3)	352-355	2
318	AE3		ilegivel	[FEL TEMP - REPARATIO] (3)	352-355	1.54
319	AE3		[...]JA [...]	[FEL TEMP - REPARATIO](3)	352-355	3.35
320	AE3		ilegivel	[FEL] [TEMP RE - PARIATIO (3)	352-355	1.66
321	AE3		DN CONSTA[...]	[FEL] TEMP-[REPARATIO (2)	352-358	2.11
322	AE3		DN CONSTAN [...]	[FEL] TEMP - REPARATIO (2)	352-358	1.13
323	AE3		DN CONSTAN - [...]	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	2.57
324	AE3		DN CONSTA[...]	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	1.79

325	AE3	DN CONSTAN[... - PF AVG]	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	2
326	AE3	DN[...JAVG	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	2.64
327	AE3	[...JAVG	[FEL TEMP] - REPARATIO] (2)	352-358	1.82
328	AE3	DN [...]	[FEL TEMP - R[EPARATIO] (2)	352-358	1.49
329	AE3	illegivel	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	1.65
330	AE3	illegivel	[FEL TEMP] - REPARATIO] (2)	352-358	2.47
331	AE3	illegivel	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	2.27
332	AE3	illegivel	[FEL TEMP - REPARATIO] (2)	352-358	2.29
333	AE3	illegivel	[FEL TEMP REPARATIO] (2)	352-358	2.04
334	AE3	illegivel	[FEL TEMP REPARATIO] (2)	352-358	2.04
335	AE3	illegivel.	[FEL TEMP RE-PARATIO]	352-358	2.04
336	AE3	illegivel	[FEL TEMP RE-PARATIO]	352-358	1.33
337	AE3	illegivel	[FEL TEMP RE-PARATIO]	352-358	1.35
338	AE3	illegivel	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	1.71
339	AE2	illegivel	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	1.28
340	AE3	illegivel	[FEL TEMP RE-PARATIO] (2)	352-358	2.01
341	AE3	illegivel	[FEL TEMP R[EPARATIO] (2)	352-358	0.91
342	AE3	illegivel	[FEL TEMP RE - PARATIO]	352-358	1.71
343	AE3	[...JIV[...]	[FEL TEMP] [RE-PARATIO]	352-358	1
344	AE3	DN [...]	SPES[REI-PVBLICE]	358-361	1.05
345	AE3	[...PF A]JVG	[SPES REIP-VBLICE]	358-361	0.91
346	AE3	[...JPF A]JVG	[SPES] REI-[PVBLICE]	358-361	1.25
347	AE3	illegivel	[SPES REI-[PVBLICE]	358-361	0.82
348	AE3	illegivel	SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.97
349	AE3	illegivel	[SPES REIPVBLICE]	358-361	1.9
350	AE3	illegivel	[SPES REIPV]BLICE]	358-361	2.14
351	AE3	illegivel	[SPES REI - PVBLICE]	358-361	1.79
352	AE3	illegivel	[SPES]REI-[PVBLICE]	358-361	1.1
353	AE3	illegivel	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	0.87
354	AE3	illegivel	[SPES REIP-VBLICE]	358-361	1.24
355	AE3	illegivel	[SPES REIP-VBLICE]	358-361	1.9
356	AE3	illegivel	[SPE]S REI-[PVBLICE]	358-361	0.91
357	AE3	illegivel	[SPE]S REI-[PVBLICE]	358-361	1.09
358	AE3	illegivel	[SPE]S REI-[PVBLICE]	358-361	1.47
359	AE3	illegivel	[SPE]S REI-PVBLICE]	358-361	1.54
360	AE3	illegivel	[SPE]S REI-[PVBLICE]	358-361	1.57
361	AE3	illegivel	[SPE]S REI-[PVBLICE]	358-361	1.77
			[SPE]S REI-PVBLICE]	358-361	1.36

M//

362	AE3	Ilegal	[SPE] RE[-PVBLICE]	358-361	1.44
363	AE3	Ilegal	[SPE] RE[-PVBLICE]	358-361	1.19
364	AE3	Ilegal	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.35
365	AE3	Ilegal	[SPE] R[REI-PVBLICE]	358-361	1
366	AE3	Ilegal	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.21
367	AE3	Ilegal	[SPE] R[REI-PVBLICE]	358-361	1.5
368	AE3	Ilegal	[SPE] R[REI-PVBLICE]	358-361	1.22
369	AE3	Ilegal	[SPES REI-PVBLICE]	358-361	1.04

### VALENTINIANVS I, VALENS, GRATIANVS, VALENTINIANVS II (364-378)

370	AE3	Vn	[DN VALE]S PF AVG	364-378	1.34
371	AE3	Vn	[DN VALE]S-[PF AVG]	364-378	1.16
372	AE3	Vn	[DN VALE]S	364-378	1.86
373	AE3	Vn	[DN VALE]S-[PF AVG]	364-378	1.79
374	AE3	Vn/n	[DN]VALE[...]	364-378	1.24
375	AE3	Vn/V	[DN]VALE[...]	364-378	1.2
376	AE3	Vn/V	[DN VALE]S[NTINIANVS...]	364-378	1.91
377	AE3	Vn/V	[DN VALE]S[NTINIANVS...]	364-378	0.65
378	AE3	Vn/V	[DN VALE]S[...]	364-378	2.67
379	AE3	Vn/V	[DN VALE]NTINI - [ANVS]	364-378	1.77
380	AE3	Vn/V	[DN VALE]NTINI - [ANVS PF AVG]	364-378	1.97
381	AE3	[...] AVG	[...] AVG	364-378	1.58
382	AE3	[...] PF AVG	[...] PF AVG	364-378	1.37
383	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.47
384	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.49
385	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.3
386	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.16
387	AE3	Ilegal	[SECURITAS]-REIPVBLICAE]	364-378	1.78
388	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.86
389	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	0.84
390	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.59
391	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.18
392	AE3	Ilegal	[SECURITAS]-REIPVBLICAE]	364-378	1.15
393	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	1.69
394	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	0.95
395	AE3	Ilegal	[SECURITAS]-[REIPVBLICAE]	364-378	1.6
396	AE3	Ilegal	[SECURITAS-REIPVBLICAE]	364-378	0.65

⚔ //











## NOTÍCIA DE UM TESOURO APARECIDO EM BEJA: ADITAMENTO

J. M. Valladares Souto e J. M. Ferreira Leite

Com este título foi noticiada in NVMMVS, 2.ª série, IX/X (1986/87), páginas 100-114, a descoberta em Beja de um importante conjunto de 75 *solidi*. Tivemos então conhecimento que o achado incluiria 2 *solidi* do centro emissor de Ravena, facto que levou a situar a datação do ocultamento do tesouro no século V.

Recentemente foi-nos proporcionada a possibilidade de estudar estas duas peças assim como mais um exemplar de *Gratianus*, o que leva para 14 o total de moedas estudadas deste tesouro.

*Gratianus*

Constantinópolis, 378-383

1a. Anv.) DN GRATIA-NVS PF AVG

Rev.) CONCOR-DIA AVGGG Δ CONOB  
S/Peso RIC 45(a)

*Arcadius*

Ravena, 402-408

8a. Anv.) DN ARCADI-VS PF AVG

Rev.) VICTORI-A AVGGG R | V  
4.49 g COMOB  
HCC 13; LRCD/W 272



*Honorius*

Ravena, 402-408

12. Anv.) DN HONORI-VS PF AVG

Rev.) VICTORI-A AVGGG R | V  
4.41 g COMOB  
HCC 17; LRCD/W 736



*Abreviaturas:*

*RIC* J. W. E. Pearce, *The Roman Imperial Coinage, Vol. IX, Valentinian I - Theodosius I*, London, 1951.

*HCC* A. S. Robertson, *Roman Imperial Coins in the Hunter Cabinet, University of Glasgow, Vol. V, Diocletian (Reform) to Zeno*, Oxford 1982.

*LRCD/W* Ph. Grierson e M. Mays, *Catalogue of Late Roman Coins in the Dumbarton Oaks Collection and in the Wittemore Collection From Arcadius and Honorius to the Accession of Anastasius*, Washington, 1992.



## ACHADOS MONETÁRIOS EM IDANHA-A-VELHA

A. Marques de Faria

### INTRODUÇÃO

Pouco se sabe acerca da Idanha-a-Velha pré-romana. Há notícias da recolha de objectos conotáveis com a Idade do Ferro, nomeadamente um pendente de “xorca” de bronze, cerâmica ibérica pintada, contas de pasta de vidro policromas e fusilhões de fíbulas “hallstätticas” (Almeida e Ferreira, 1964, p. 95-97). Os tesouros monetários encontrados naquela aldeia apontam para a presença de tropas romanas que, desde finais do século II a.C., tentavam, sem grande êxito, pôr fim à resistência lusitana (Faria, 1989, p. 93 e p. 95, nota 44). Em 35/34 a.C., quando a *Colonia Norba Caesarina* foi fundada, \**Igaedi* (Vasconcellos, 1905, p. 32; Jacob, 1986, p. 277-278; Le Roux, 1990, p. 44, nota 50) terá sido incluída no respectivo *ager* (Mantas, 1988, p. 418-420), talvez como um simples *uicus*, passando com Augusto a *oppidum stipendiarium* (Alarcão, 1990, p. 28). Não obstante as reservas de Le Roux (1990, p. 44), o estatuto municipal dever-lhe-á ter sido atribuído pelos Flávios (Mantas, 1988, p. 425).

As moedas agora dadas a conhecer fazem parte do espólio arqueológico recolhido nas escavações de Idanha-a-Velha, dirigidas pelo Prof. Fernando de Almeida entre 1955 e 1973. Tais escavações incidiram em especial na área da catedral, construída provavelmente nos finais do reino suevo (Almeida, 1988, p. 43-46; Alarcão, 1988, p. 74), no espaço antes ocupado por um templo consagrado a Marte (Almeida, 1962, p. 176-179). Infelizmente, não se conhecem nem o contexto estratigráfico nem a exacta distribuição espacial dos achados móveis, porque os resultados das referidas escavações nunca chegaram a ser publicados. Também não é possível saber se estamos perante a totalidade dos numismas recolhidos, nem conhecemos as razões que subjazem à existência de três lotes, dois no Museu Nacional de Arqueologia e o restante no cofre da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova\*. Com o objectivo de facilitar a análise da

distribuição temporal do espólio monetário, dividimo-lo em 27 períodos, seguindo, com algumas adaptações, a sistematização de Casey (1986, p. 90) para a Grã-Bretanha:

1	311 a.C.-27 a.C.	14	180-192
2	27 a.C.-2 a.C.	15	192-222
3	2 a.C.-14 d.C.	16	222-238
4	14-37	17	238-259
5	37-41	18	259-275
6	41-54	20	294-317
7	54-68	21	317-330
8	68-81	22	330-348
9	81-96	23	348-353
10	96-117	24	353-364
11	117-138	25	364-378
12	138-161	26	378-388
13	161-180	27	388-402

Esta periodização serviu de base à feitura do Gráfico 1, que ilustra a pernilagem de moedas perdidas anualmente. Este método de análise permite a comparação com os dados respeitantes a outras estações arqueológicas independentemente do número de moedas nelas recuperadas (Casey, 1986, p. 89; Centeno, 1987, p. 172-173).

## COMENTÁRIOS

A julgar pela raridade de exemplares observados, *Igaeditania* não parece ter dado mostras de uma significativa vitalidade financeira durante o século I d.C. Tendo a romanização desta área sido iniciada, *grosso modo*, a partir do último terço do século I a.C. (Mantas, 1988, p. 418-420), é provável que todas as moedas pré-imperiais aqui

publicadas tenham circulado apenas a partir do reinado de Augusto ou em época posterior. Por exemplo, um bronze de Cassandro da Macedónia (nº 1) terá corrido com numerário que lhe é posterior em, pelo menos, três séculos. O mesmo terá ocorrido com a moeda n.º 3, um divisor de bronze temática e estilisticamente afim de algumas moedas helenísticas, e que continua por identificar. Mais próximos no tempo e no espaço, mas ainda do período republicano, são os exemplares cunhados em *Murtili* (nº 8) e em *Imperatoria Salacia* (nº 9). Encontram-se igualmente representadas as cecas de *Liberalitas Iulia Ebora* (nº 14) e *Augusta Emerita* (nº 16), que, embora situadas na mesma área geográfica daquelas, entraram em funcionamento apenas na época imperial. Curiosamente, *Ebora* reveste a particularidade de reproduzir nas suas moedas a legenda toponímica em genitivo.

### Permilagem de moedas perdidas anualmente

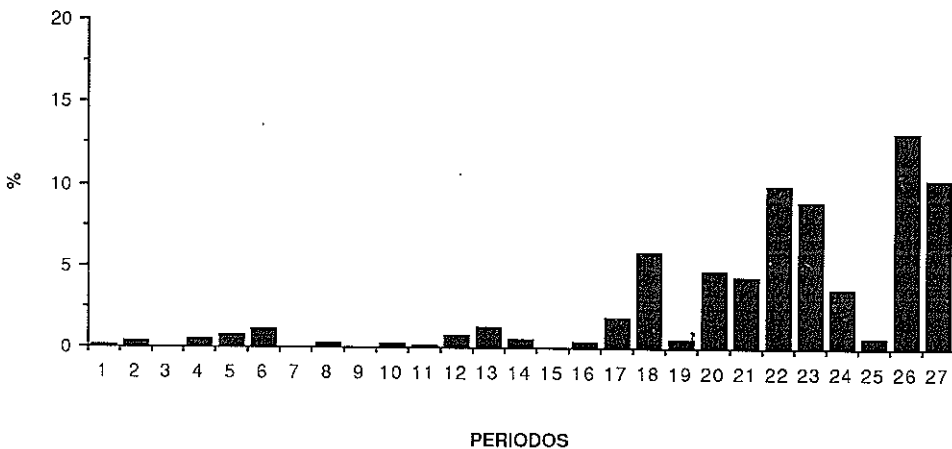


Gráfico 1

De entre os achados pertencentes ao século I d.C., a maior representatividade das moedas cunhadas sob Cláudio tem a ver com a provável origem hispânica de todas elas. A cunhagem deste numerário, tolerada pelas entidades oficiais, veio suprir as necessidades de moeda de bronze que se faziam sentir desde o encerramento por Cláudio das últimas cecas hispânicas, à excepção de *Ebusus* (Gurt Esparraguera, 1985, p. 62-69; Centeno, 1987, p. 225-226; Bost *et alii*, 1987, p. 52-57). É possível que esta relativa abundância se explique igualmente por uma desmonetização realizada durante o reinado de Nero ou sob os Flávios (Bost *et alii*, 1987, p. 57). Tal como noutras cidades da Península (Bost *et alii*, 1987, p. 53, quadro 21), também aqui se verifica a

preponderância do tipo de Minerva entre os asses claudianos. Resta acrescentar que não se vêem de modo algum espelhadas na circulação monetária do século I as realizações arquitectónicas e urbanísticas testemunhadas pelas escavações, nem tão-pouco as mutações de natureza político-militar e administrativa de que *\*Igaeditania* foi alvo no mesmo período (Mantas, 1988, p. 428-436; Francisco Martín, 1989, p. 168-170).

Quanto aos achados do século II, importa registar a importância do sestércio, que predomina entre o significativo número de moedas pertencentes aos Antoninos. Este facto assume uma maior relevância se levarmos em conta que os sestércios, maiores e mais pesados do que asses e dupôndios, eram susceptíveis de ser mais facilmente recuperados (Casey, 1986, p. 74). Porém, não obstante as reduzidas dimensões dos denários, a sua presença é nula durante todo o período imperial, o que contrasta de modo flagrante com os dados recolhidos noutras cidades romanas da Península (Gurt Esparraguera, 1985, p. 92-93).

A penúria monetária que caracteriza o século III em *\*Igaeditania* torna-se evidente logo a partir do 1º quartel: à total ausência de denários, já evidente no século anterior, vem aliar-se um decréscimo no abastecimento de sestércios, só colmatado no reinado de Gordiano III. Serão estes grandes bronzes que dominarão totalmente a circulação até à introdução do “antoniniano” com Valeriano. Os “antoninianos” do seu filho Galieno, ainda que escassos, perfazem quase 50% do total de moedas pertencentes à segunda metade do século III, sendo particularmente notada a raridade de exemplares com a legenda DIVO CLAVDIO, ao contrário do que sucede em numerosas estações arqueológicas hispânicas (Centeno, 1981/1982, p. 125-126). Se a escassez de moedas do império galo-romano (apenas um “antoniniano” de Póstumo) não surpreende pelo facto de a *Lusitania* ter escapado ao seu controlo (Pereira *et alii*, 1974, p. 235 e nota 32; Biffi, 1989, p. 52, nota 106), a fraca representatividade dos “antoninianos” emitidos pelos imperadores legítimos até à reforma de Aureliano poderá ser não só o reflexo de uma iniludível crise social e económica, talvez agravada com operações de pilhagem promovidas por invasores de origem germânica (Santos Yanguas, 1986, p. 151-175), mas também um testemunho da sobrevivência de uma economia natural que não parece predominar antes dos primeiros anos do século V.

A reunificação do Império alcançada por Aureliano tornou possível a instauração, em 274, de uma política de estabilidade monetária que se estenderia por duas décadas. No entanto, as moedas de bolhão batidas neste período não circularam por muito tempo, em virtude do razoável conteúdo de prata que apresentavam. *\*Igaeditania*, por exemplo, forneceu apenas duas. Expulsas da circulação pelos radiados de Valeriano e dos seus sucessores, vamos encontrá-las em vários tesouros distribuídos por toda a Península.

A reforma monetária de Diocleciano, introduzida em 294, também não deixou grandes vestígios em *\*Igaeditania*, a não ser as fracções de *nummi*, talvez destinadas a

substituir os “antoninianos” anteriores a Aureliano. Se, mercê do seu maior valor, os *nummi* da primeira tetrarquia quase não deixaram rasto (Cepeda Ocampo, 1990, p. 178), as guerras intestinas que assolaram o Império até à vitória definitiva de Constantino em 324 não parecem ter travado as relações comerciais que atraíam o dinheiro ao extremo ocidente da Hispânia.

Durante o período compreendido entre 307 e 330 (v. Gráfico 2), assiste-se a um equilíbrio no abastecimento de moeda proveniente das cecas gaulesas e italianas, sobressaindo as de Roma e Arelate, à semelhança do que acontece em *Conimbriga* (Pereira *et alii*, 1974, p. 252). A escassa proporção de numismas orientais deixa entrever a fragilidade dos contactos marítimos com o outro lado do Mediterrâneo enquanto duraram os conflitos militares.

### 307-330

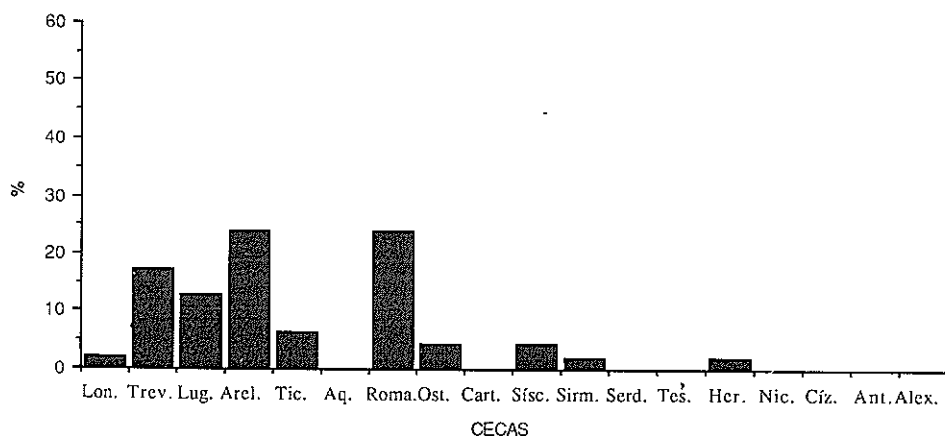


Gráfico 2

O panorama para o período posterior à reforma monetária de 330 e até 348 (v. Gráfico 3) sofre uma alteração no que diz respeito à quantidade de moedas e à sua distribuição por cecas. É o período mais bem representado em número de unidades recolhidas, o que corrobora, de algum modo, a produção de um elevado volume de numerário durante aqueles dezoito anos. As moedas continuam a provir das cecas gaulesas e de Roma, com o predomínio dos tipos *Gloria exercitus* e *Victoriae dd augg q nm*. Importa ainda notar que as cecas gaulesas se equivalem em número de moedas perdidas, facto que dificulta a distinção de vias de penetração que estas terão seguido. A reabertura do Mediterrâneo oriental ao tráfico comercial faz-se sentir através da presença de produções da recém-criada Constantinopla e de outras cidades daquela região.

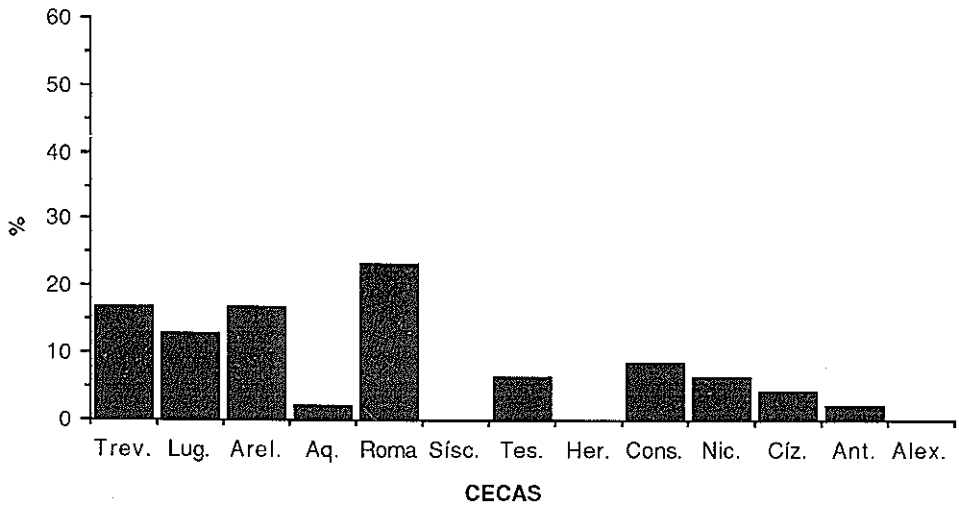
**330-348**

Gráfico 3

O período de 348 a 353 (v. Gráfico 4) caracteriza-se por um decréscimo no abastecimento de numerário, pertencendo a Magnêncio e a Decêncio, tal como em *Baelo* (Bost *et alii*, 1987, p. 88), uma parte significativa dos exemplares observados.

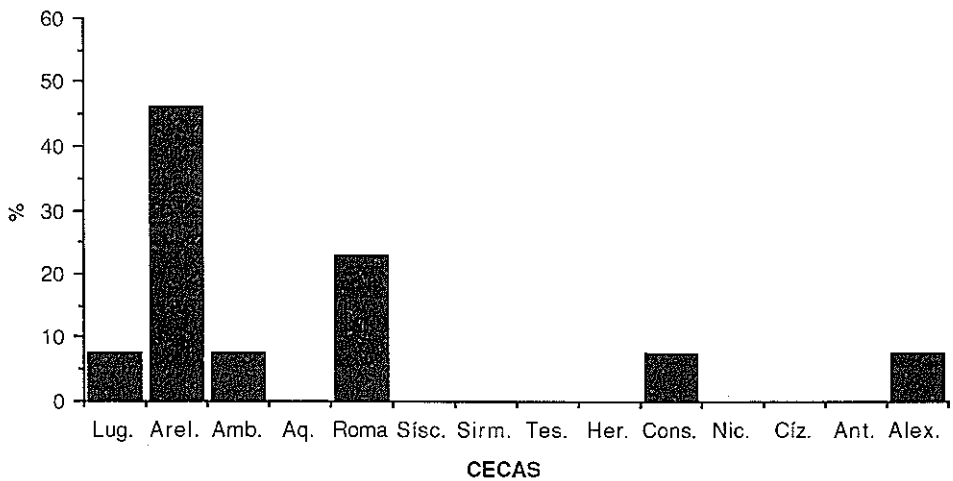
**348-353**

Gráfico 4



Também naquela cidade do Sudoeste, Roma é a segunda ceca mais bem representada a seguir a Arelate (Bost *et alii*, 1987, p. 88). A quantidade de miliários daqueles usurpadores na Península Ibérica parece testemunhar a adesão da maior parte da *Dioecesis Hispaniarum* à rebelião que eles protagonizaram (Cepeda, 1991, p. 372, n. 2; *contra*, Arse, 1982, p. 25-26.). Cremos que a concentração de miliários na *Gallaecia* — reforçada com a recente publicação de mais um, erigido em nome de Magnêncio (Martins, 1990, p. 95) — não deve ser sobrevalorizada, atendendo a que é um fenómeno que se verifica em relação à maior parte dos imperadores romanos.

Na fase seguinte, até 364 (v. Gráfico 5), o panorama da distribuição por cecas não apresenta grandes diferenças.

### 353-364

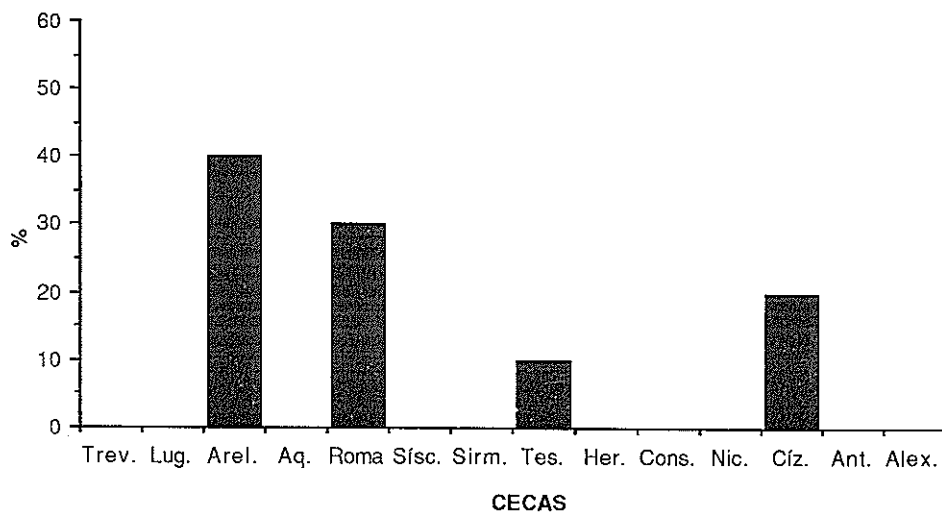


Gráfico 5

Quanto ao período compreendido entre 364 e 378, são apenas duas as moedas que dele nos chegaram (v. Gráfico 6). A raridade dos achados de moeda batida entre aqueles dois anos, típica de toda a Hispânia, constitui um reflexo da escassez de numerário de bronze produzido pelos Valentinianos, que assentaram na prata o seu sistema monetário (Bost *et alii*, 1987, p. 89; outra explicação em Cepeda Ocampo, 1990, p. 178). A forte quebra na produção de moeda nestes anos deve-se também à grande quantidade de moedas do tipo *Fel temp reparatio* (cavaleiro) ainda em circulação.

A emissão do tipo *Reparatio reipub*, produzida entre 379 e 388 (v. Gráfico 7) nas cecas ocidentais, regista um sucesso que não tem precedentes na história da

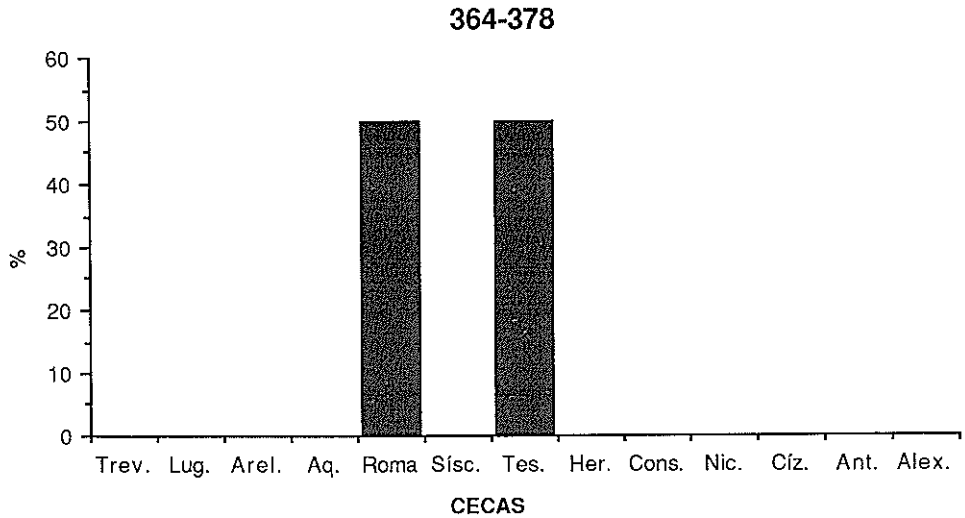


Gráfico 6

circulação monetária de *Igaeditania*. Com 12 a 13 ‰ de moedas perdidas anualmente, o nosso período 26 sobreleva todos os outros. A ceca de Roma é a mais bem representada, com um número de exemplares equivalente à totalidade das moedas de

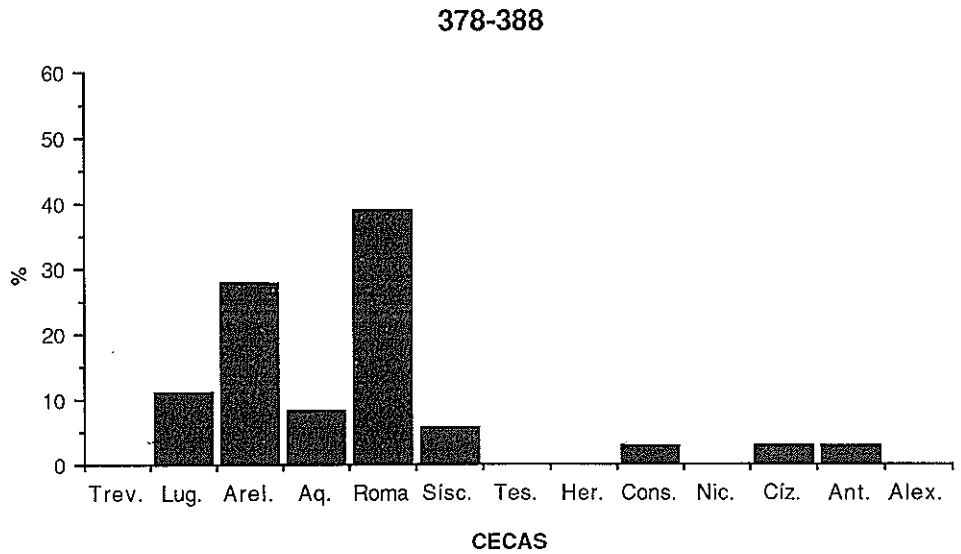


Gráfico 7

Arelate e Lugduno. Registe-se a ausência de moeda de imitação, desnecessária em face da contínua alimentação por parte das cecas oficiais. Após 383, o numerário presente em \**Igaeditania* pertence quase exclusivamente ao usurpador Magno Máximo, facto que parece indiciar quer o domínio político-militar da Península por parte deste quer a ausência de relações comerciais entre o oriente e o extremo ocidente do Império (Pereira *et alii*, 1974, p. 295; Arse, 1982, p. 28).

Em 393, principia a produção em larga escala de Æ 2 do tipo *Gloria Romanorum*, tendentes a substituir os bronzes do tipo *Reparatio reipub*, cuja produção terminara abruptamente em 387, um ano antes da eliminação de Máximo. Desta vez, porém, assiste-se a uma alteração radical nas fontes de aprovisionamento (v. Gráfico 8). A conturbada situação política na *Pars Occidentis* após a morte daquele usurpador bem como a crescente primazia de Constantinopla terão determinado a transferência da produção das emissões de bronze de maior módulo para as cecas do Mediterrâneo oriental. Estas emissões, apesar de produzidas apenas entre 393 e 395, representam cerca de 14% da totalidade dos achados igeditanienses.

### 388-402

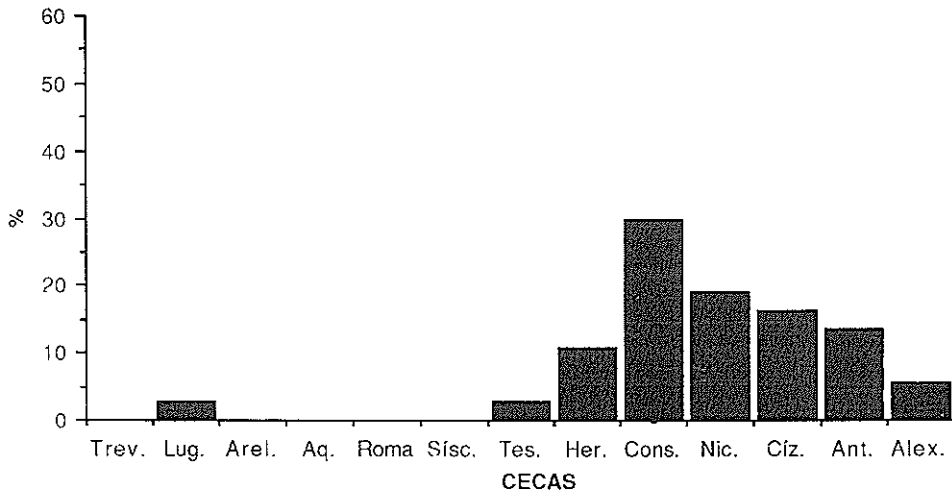


Gráfico 8

Sendo conhecida a abundância de moedas do século IV em numerosos centros urbanos hispânicos, a que razões deverá obedecer a maior representatividade de achados pertencentes ao último quartel daquele século em Idanha?

A menos provável, atendendo ao facto de aquele aumento não ser tão evidente noutras cidades coetâneas, deverá ser a inflação, a que uma lei datada de 395 poria

termo através de uma desmonetização (Burnett, 1987, p. 138; Cepeda Ocampo, 1990, p. 183).

A segunda prender-se-á com a maior densidade de vestígios de ocupação tardia na área escavada pelo Prof. Fernando de Almeida. Convém a propósito sublinhar que os achados de numismas, na sua maioria tardios, ocorreram sobretudo na escavação do interior da catedral sueva e da área circundante, onde anteriormente teria existido um templo dedicado a Marte (Almeida, 1962, p. 176-179). A confirmar-se tal localização, e não havendo sinais de uma cristianização daquele lugar na época romana, as moedas tardias ali recuperadas poderiam apontar para um improvável apogeu do culto a Marte no século IV.

A terceira razão que explicará a presença esmagadora das moedas mais tardias poderá residir na importância que, a partir da 2ª metade do século, \**Igaeditania* viria a reassumir como pólo regional da actividade económica, papel que continuaria a desempenhar durante a ocupação sueva e visigoda, embora já sem o protagonismo da moeda nas relações comerciais. No entanto, desconhece-se o momento em que os bronzes emitidos no último quartel do século IV deixaram de correr. Não é impossível que a sua circulação se tenha estendido ao longo do século seguinte (Pereira *et alii*, 1974, p. 303-304; Centeno, 1976, p. 171-175; Cepeda Ocampo, 1990, p. 184), mas a ausência de dados estratigráficos não nos permite afirmá-lo com segurança. Se a abundância daquelas moedas não constituir a prova da sua inutilidade — o que poderia abonar em favor de um corte radical com o sistema financeiro imperial — é lícito sugerir que, à medida que o metal circulante ia diminuindo em \**Igaeditania*, a partir da primeira década do século V, a economia natural foi abandonando o lugar secundário para que fora relegada no princípio do Império.

\* Aos Drs. Francisco Alves e Ana Isabel Santos, do Museu Nacional de Arqueologia, bem como ao Dr. António Salvado, antigo director do Museu Tavares Proença Júnior, agradecemos as facilidades concedidas para o estudo dos referidos conjuntos.

Soubemos já em 1991 que as moedas depositadas no cofre da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova foram entretanto entregues a um coleccionador particular, o Senhor Frederico Manzarra Marrocos, de Idanha-a-Velha.

## BIBLIOGRAFIA

- J. de Alarcão, *Roman Portugal*, II, I, Warminster 1988.
- J. de Alarcão, “Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios”, *Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris 1990.
- F. de Almeida, “Arte visigótica em Portugal”, *O Arqueólogo Português* 2<sup>a</sup> s. 4 1962 p. 5-278.
- F. de Almeida e O. da V. Ferreira, “Antiguidades da Egitânia. Alguns achados dignos de nota”, *Arqueologia e História* 8<sup>a</sup> s. 11 1964 p. 95-101.
- C. A. F. de Almeida, *História da Arte em Portugal. Arte da Alta Idade Média*, vol. 2, Lisboa 1988.
- J. Arse, *El último siglo de la España romana: 284-409*, Madrid 1982.
- N. Biffi, “Per una rilettura dei fermenti antiromani in Gallia nel terzo secolo. I. Da Materno a Postumo”, *Invigilata Lucernis* 11 1989 p. 17-71.
- J. P. Bost et al., *Belo IV. Les monnaies*, Paris 1987.
- A. Burnett, *Coinage in the Roman World*, London 1987.
- P. J. Casey, *Understanding Ancient Coins. An Introduction for Archaeologists and Historians*, London 1986.
- R. M. S. Centeno, “Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo Império”, *Numisma* 138-143 1976 p. 171-185.
- R. M. S. Centeno, “A circulação dos Divo Claudio na Península Ibérica: notas sobre um tesouro do concelho de Amarante”, *Portugalia*, Porto, nova série II/III 1981/1982 p. 121-129.
- R. M. S. Centeno, *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto 1987.
- J. J. Cepeda Ocampo, *Moneda y circulación monetaria en el País Vasco durante la antigüedad (Siglos II a.C. - V d.C.)*, Bilbao 1990.
- J. J. Cepeda, “La circulación de moneda de Magnêncio en Hispania”, *Memoria del VII Congreso Nacional de Numismática (Madrid, 1989)*, Madrid, 1991, p. 371-379.
- A. M. de Faria, “Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia. Alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno”, *Arqueologia* 20 1989 p. 90-96.
- J. de Francisco Martín, *Conquista y romanización de Lusitania*, Salamanca 1989.
- J. M. Gurt Esparraguera, *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta Norte a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*, Madrid 1985.
- P. Jacob, “À propos des toponymes Callet, Ceret, Osset”, *Emerita* 54 1986 p. 275-280.
- P. Le Roux, “Les villes de statut municipal en Lusitanie romaine”, *Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988)*, Paris, 1990, p. 35-49.
- V. Mantas, “Orarium donavit Igaeditanis: epigrafia funções urbanas numa capital regional lusitana”, *Actas Ier Congreso Peninsular de Historia Antigua (Santiago de Compostela, 1986)*, Santiago de Compostela, II, 1988, p. 415-439.
- M. Martins, *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Braga 1990.
- I. Pereira et alii, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris 1974.
- N. Santos Yanguas, “Las invasiones germanas del siglo III en Hispania. Estado de la cuestión”, *Memorias de Historia Antigua* 7 1986 p. 151-175.
- J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania, II*, Lisboa 1905.

## OBRAS DE REFERÊNCIA UTILIZADAS NO CATÁLOGO

- BASTIEN = P. Bastien, *Le monnayage de l'atelier de Lyon. De la mort de Constantin à la mort de Julien (337-363)*, Wetteren 1985.
- BMC Galatia* = W. Wroth, *Catalogue of Greek Coins in the British Museum, Galatia, Cappadocia and Syria*, London 1899.
- Çanakçalé* = H. G. Pflaum : P. Bastien, *La trouvaille de Çanakçalé (Turquie). Deniers et antoniniani émis de 261 à 284*, Wetteren 1969.
- LRBC* = P. V. Hill *et alii*, *Late Roman Bronze Coinage, AD 324-498*, London 1960.
- RIC I* pág./núm. = C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage, I, 31 BC to AD 69*, London 1984.
- RIC II* pág./núm. = H. Mattingly e E. A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage, II, Vespasian to Hadrian*, London 1926.
- RIC III* pág./núm. = H. Mattingly e E. A. Sydenham, *The Roman Imperial Coinage, III, Antoninus Pius to Commodus*, London 1930.
- RIC IV (2)* pág./núm. = H. Mattingly *et alii*, *The Roman Imperial Coinage, IV, 2, Macrinus to Pupienus*, London 1938.
- RIC IV (3)* pág./núm. = H. Mattingly *et alii*, *The Roman Imperial Coinage, IV, 3, Gordian III - Uranius Antoninus*, London 1949.
- RIC V (1)* pág./núm. = P. H. Webb, *The Roman Imperial Coinage, V, 1, Valerian to Florian*, London 1927.
- RIC V (2)* pág./núm. = P. H. Webb, *The Roman Imperial Coinage, V, 2, Probus to Amandus*, London 1933.
- RIC VI* pág./núm. = C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage, VI, From Diocletian's Reform (AD 294) to the Death of Maximinus (AD 313)*, London 1967.
- RIC VII* pág./núm. = P. M. Bruun, *The Roman Imperial Coinage, VII, Constantine and Licinius, AD 313-337*, London 1966.
- RIC VIII* pág./núm. = J. P. C. Kent, *The Roman Imperial Coinage, VIII, The Family of Constantine, AD 313-337*, London 1981.
- RIC IX* pág./núm. = J. W. E. Pearce, *The Roman Imperial Coinage, IX, Valentinian I - Theodosius I*, London 1951.
- RRC* = M. H. Crawford, *Roman Republican Coinage*, Cambridge 1974.
- SNG München* = P. R. Franke; S. Grunauer-Von Hoerschelmann, *Sylloge Nummorum Graecorum, Deutschland. Staatliche Münzsammlung München*, 5, Berlin 1977.
- SNG Tübingen* = D. Mannsperger, *Sylloge Nummorum Graecorum, Deutschland. Münzsammlung der Universität Tübingen*, 2, Berlin 1982.
- VIVES = A. Vives y Escudero, *La moneda hispánica*, Madrid 1924-1926.

De cada entrada constam sucessivamente o nome da entidade emissora (magistrado/soberano), data, peso, módulo, eixo, referência bibliográfica, oficina (quando existe e é legível) e a proveniência (IN = Câmara Municipal de Idanha-a-Nova; MNA = Museu Nacional de Arqueologia). A ordenação numérica subsequente a IN é arbitrária, correspondendo a numeração do MNA à arrumação das moedas em tabuleiros.

## CATÁLOGO

### I. MOEDAS DA ÉPOCA REPUBLICANA

#### MOEDAS HELENÍSTICAS

##### Macedónia

1. *AE* 20. Cassandro. 311-306 a.C. 4,53 g. 19 mm. 3-4 h. *SNG Tübingen* 1163. IN 85.

##### Catânia

2. *AE* 15. Séc. III a.C. 2,35 g. 15 mm. 1h. *SNG München* 497. IN 5.

##### Ceca desconhecida

3. Quadrante(?) A/ Cab. fem. torreada(?) à dir.: atrás, objecto indeterminado. R/ Proa à dir.: à frente: A(?). 1,92 g. 12,5 mm. 9 h. IN 243.

#### ROMA

4. Denário. *M. Herennius*. 108/107 a.C. 3,68 g. 17 mm. 8 h. *RRC* 308/1a [não tem marca de controle]. *MNA* 191/13.

5. Denário forrado. *L. Iulius*. 101 a.C. 18 mm. 1 h. Como *RRC* 323/1. *MNA* 191/11.

6. Denário. *L. Pomponius Molo*. C. 93 a.C. 3,86 g. 18 mm. 9 h. *RRC* 334/1. *MNA* 191/14.

#### CASTULO

7. Semisse. C. 80 a.C. 6,15 g. 22 mm. 11-12 h. *VIVES* LXXI-2. IN 86.

#### MURTILI

8. Asse. séc. I a.C. 23,62 g. 35 mm. 2 h. *VIVES* CIX-3. *MNA* 153/18.

#### SALACIA

9. Asse. 45-44 a.C. 8,27 g. 25 mm. 8 h. *VIVES* LXXXIV-9. *MNA* 153/15.

#### HISPÂNIA

10. Asse. *Cn. Magnus Imperator*. 46-45 a.C. 20,58 g. 31 mm. 12 h. *RRC* 471/1. *MNA* 153/16.

11. Asse. *Cn. Magnus Imperator*. 46-45 a.C. 15,47 g. 34 mm. 3 h. *RRC* 471/1. *MNA* 153/17.

## II. ALTO IMPÉRIO

### AUGUSTO (27 a. C-14 d.C.)

#### Roma

12. Asse. 15 a.C. 9,85 g. 27 mm. 5-6 h. *RIC* I 70/386. IN 102.  
 13. Asse. 7 a.C. 8,60 g. 28 mm. 5 h. *RIC* I 75/431. MNA 153/31.

#### Ebora

14. Asse. 12 a.C. 12,22g. 29 mm. 11h. VIVES CLXV-2. MNA 191/16.

### AUGUSTO DIVINIZADO

#### Roma

15. Asse. 15-16 d.C. 9,69 g. 27 mm. 12 h. *RIC* I 99/72. IN 90.

### TIBÉRIO (14-37)

#### Emerita

16. Asse. 14-37.12,24 g. 27,5 mm.8-9 h. VIVES CXLV-9. IN 84.

#### Calagurris

17. Asse. 14-37. 9,63 g. 29 mm. 8-9 h. VIVES CLIX-5. IN 83.  
 18. Asse. 14-37. 10,71g. 28,5mm. 2h. VIVES CLIX-6. IN 6.

#### Ítica

19. Asse. 15-16. 11,49 g. 28 mm. 6 h. VIVES CLXVIII-9. IN 163.

### GAIO (37-41)

#### Roma

20. Asse. Germânico. 37-41. 10,52 g. 28 mm. 7 h. *RIC* I 110/35. IN 120.

### CLÁUDIO (41-54)

#### Cunhagens hispânicas

21. Asse. 41-54. 6,22 g. 26 mm. 5 h. Como *RIC* I 128/100. MNA 153/30.  
 22. Asse. 41-54. 8,65 g. 25 mm. 7h. Como *RIC* I 128/100. MNA 153/29.  
 23. Asse. 41-54. 10,48 g. 26 mm. 6 h. Como *RIC* I 128/100. MNA 191/17.  
 24. Asse. 41-54. 6,84 g. 27,5 mm. 7 h. Como *RIC* I 129/97. IN 270.  
 25. Sestércio. 41-54. 13,36 g. 31 mm. 5 h. Como *RIC* I 128/99. IN 238.



**VESPASIANO (69-79)****Roma**

26. Dupôndio. Tito César. 72. 12,59 g. 28 mm. 7 h. *R/C* I 89/633. IN 64.

**NERVA (96-98)****Antioquia (Síria)**

27. AE 26. 97. 14,69 g. 26 mm. 12 h. *BMCG Galatia* 182/259. IN 100.

**MOEDA ATRIBUÍVEL AO SÉCULO I****Roma**

28. Sestércio. 64-79. A/ Cab. à dir. ; R/ Vitória à esq. 15,16 g. 30 mm. 12 h. IN 280.

**TRAJANO (98-117)****Roma**

29. Sestércio. 103-111. 22,94 g. 33 mm. 8 h. *R/C* II 281/527. MNA 153/24.

**ADRIANO (117-138)****Roma**

30. Sestércio. 121-122. 22,50 g. 32 mm. 5-6 h. *R/C* II 420/612(b). IN 61.

**ANTONINO PIO (138-161)****Roma**

31. Sestércio. Faustina I. 138-141. 24,31 g. 33 mm. 5 h. *R/C* III 159/1081. MNA 153/19.

32. Asse. 139. 7,98 g. 27 mm. 12 h. *R/C* II 98/533(b). IN 92.

33. Sestércio. *Diva Faustina*. 141-161. 20,58 g. 30,50 mm. 12 h. *R/C* III 161/1103 A (a). IN 268.

34. Sestércio. *Diva Faustina*. 141-161. 19,85 g. 32 mm. 12 h. *R/C* III 165/1143(a). IN 99.

35. Sestércio. Marco Aurélio César. 159-160. 17,34 g. 31 mm. 12 h. *R/C* III 188/1352 B(b). IN 88.

36. Sestércio. Faustina II. 145-161. A/ Cab. à esq.; R/ Fig. fem. de pé. 17,83 g. 30,50 mm. 11 h. IN 267.

**MARCO AURÉLIO (161-180)****Roma**

37. Sestércio. 161. 20,99 g. 32 mm. 12 h. *R/C* III 277/797. IN 63.

38. Sestércio. 161-162. 24,60 g. 32,5 mm. 6 h. *R/C* III 280/843. IN 195.

39. Sestércio. 163-164. 20,34 g. 31 mm. 12 h. *R/C* III 282/877. MNA 153/25.

40. Asse. 172-173. 9,28 g. 25 mm. 6 h. *R/C* III 299/1085. IN 155.

**Cesareia (Capadócia)**

41. AE 32. 171-172. 19,39 g. 32 mm. 12 h. *BMCG Galatia* 69/189. MNA 153/21.

**LÚCIO VERO (161-169)****Roma**

42. Sestércio. 161-169. A/ Busto à dir.; R/ Fig. fem de pé. 19,84 g. 26 mm. 6 h. MNA 153/32.

43. Dupôndio. Lucila. 164-169. 12,40 g. 27 mm. 12 h. *RIC* III 354/1761. IN 269.

44. Asse. Lucila. 164-169. 9,84 g. 24 mm. 5 h. *RIC* III 353/1743. MNA 191/2.

**CÓMODO (180-192)****Roma**

45. Sestércio. 180-192. A/ Cab. à dir.; R/ Fig. fem. à dir. 17,63 g. 29 mm. 6 h. MNA 153/22.

46. Sestércio. 190-191. 15,17 g. 29 mm. 6 h. *RIC* III 432/582. MNA 153/23.

**III. SÉCULO III****Roma****SEVERO ALEXANDRE (222-235)**

47. Sestércio. 226. 19,50 g. 31,5 mm. 12-1 h. *RIC* IV(2) 106/440. IN 146.

48. Sestércio. 230-231. 16,37 g. 29 mm. 1 h. *RIC* IV(2) 114/549. IN 95.

**GORDIANO III (238-244)****Roma**

49. Sestércio. 238-239. 17,30 g. 29 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 43/254(a). MNA 153/27.

50. Sestércio. 240. 18,96 g. 30 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 47/294(a). IN 279.

51. Sestércio. 240. 12,42 g. 29 mm. 12-1 h. *RIC* IV(3) 29/205(a). IN 192.

52. Sestércio. 241-243. 18,45 g. 32 mm. 11 h. *RIC* IV(3) 48/300(a). MNA 153/20.

53. Sestércio. 241-243. 16,57 g. 29,5 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 49/311(a). IN 240.

54. Sestércio. 241-243. 16,54 g. 30 g. 12 h. *RIC* IV(3) 50/319(a). MNA 153/26.

55. Sestércio. 242. 18,75 g. 28 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 49/307(a). IN 245.

**FILIFE I (244-249)****Roma**

56. Sestércio. Otacília Severa. 244-249. 17,49 g. 27,5 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 94/203(a). IN 123.

**TRAJANO DÉCIO (249-251)****Roma**

57. Sestércio. Herenia Etruscila. 249-251. 13,99 g. 28 mm. 7 h. *RIC* IV(3) 137/133. MNA 153/28.

**TREBONIANO GALO (251-253)****Roma**

58. Sestércio. 253. 15,99 g. 26 mm. 12 h. *RIC* IV(3) 172/124. IN 242.

**VALERIANO I (253-260)****Roma**

59. Sestércio. Galieno. 253-254. 15,67 g. 27,5 mm. 6 h. *RIC* V(1) 85/209. IN 239.  
[a partir do n.º 60 todas as moedas são "antoninianos"]

**Antioquia**

60. 255. 3,40 g. 20 mm. 6 h. *RIC* V(1) 60/287. IN 67.

61. Salonina. 258-259. 2,88 g. 21,5 mm. 6 h. *RIC* V(1) 115/71. IN 135.

**GALIENO (260-268)****Roma**

62. Salonina. 261. 2,92 g. 19 mm. 12 h. *RIC* V(1) 193/13. IN 224.

63. Salonina. 264-265. 2,44 g. 19,5 mm. 6 h. *RIC* V(1) 194/32. Of. ?. IN 65.

64. 265. 2,55 g. 20,5 mm. 6 h. *RIC* V(1) 144/160. Of. 3. IN 220.

65. Salonina. 265. 2,43 g. 20 mm. 6 h. *RIC* V(1) 192/5. Of. 1. IN 2.

66. Salonina. 266. 2,50 g. 18,5 mm. 5 h. *RIC* V(1) 193/11. Of. ?. IN 221.

67. Salonina. 266. 1,96 g. 20,5 mm. 12 h. *RIC* V(1) 193/11. Of. 9. IN 94.

68. 266. 2,32 g. 19 mm. 6-7 h. *Çanakkalé* 96. Of. 5. IN 75.

69. 266. 2,16 g. 21 mm. 8 h. *RIC* V(1) 147/192a. Of. 9. IN 131.

70. 266. 2,34 g. 20,5 mm. 12 h. *RIC* V(1) 144/160. Of. 3. IN 110.

71. 266-267. 3,26 g. 19 mm. 6 h. *Çanakkalé* 120. Of. 6. IN 68.

72. 266-267. 1,93 g. 19 mm. 12 h. *Çanakkalé* 120. Of. 6. IN 126.

73. 267-268. 2,36 g. 20,5 mm. 12 h. *RIC* V(1) 145/164. IN 134.

**Mediolano**

74. 263. 2,54 g. 22mm. 6 h. *RIC* V(1) 174/494. Of. 2. IN 185.

75. 266. 2,74 g. 20,5 mm. 12 h. *RIC* V(1) 176/511b. Of.1. IN 66.

76. Salonina. 266. 2,74 g. 19,5 mm. 12 h. *Çanakkalé* 73. IN 76.

**Imitações**

77. 261. 2,35 g. 16,5 mm. 8 h. Como *Çanakalé* 4. (Of. 3). IN 197.

78. 267-268. 2,63 g. 17,5 mm. 6 h. Como *RIC V(1) 155/283*. (Of. 1). IN 136.

79. 261-266. A/ Cab. rad. à dir.; R/ Soldado alimentando criança. 1,78 g. 17 mm. 1 h. MNA 153/36.

**PÓSTUMO (259-268)****Tréveros**

80. 268. 3,71 g. 21,5 mm. 6 h. *RIC V(2) 343/77*. IN 93.

**CLÁUDIO II (268-270)****Roma**

81. 269. 1,93 g. 21 mm. 4-5 h. *RIC V(1) 215/48*. IN 137.

82. 269. 2,19 g. 20,5 mm. 12 h. *RIC V(1) 219/109*. IN 222.

83. 269. 2,43 g. 21 mm. 12-1 h. *RIC V(1) 219/109*. Of. 5. IN 223.

**Mediolano**

84. 268-270. 4,58 g. 20,5 mm. 11-12 h. *RIC V(1) 225/171*. Of. 2. IN 101.

**Imitações**

85. 268-270. 1,76 g. 16,5 mm. 6 h. Como *RIC V(1) 218/98*. IN 169.

86. 269-270. 2,67 g. 18 mm. 11 h. Como *RIC V(1) 219/104*. MNA 153/37.

87. 269-270. 2,47 g. 18 mm. 12 h. Como *RIC V(1) 218/94*. (Of. 6). IN 175.

88. 268-270. 2,38 g. 20 mm. 12 h. MNA 153/35.

**CLÁUDIO II DIVINIZADO****Imitações**

89. 270-275. 1,53 g. 16 mm. 12 h. Como *RIC V(1) 233/261* (altar com grinalda). IN 170.

90. 270-275. 1,73 g. 18 mm. 12 h. Como *RIC V(1) 233/261* (altar compartimentado). IN 225.

**QUINTILO (270)****Mediolano**

91. 270. 2,96 g. 18 mm. 12 h. *RIC V(1) 243/45*. Of. 3. IN 219.

**AURELIANO (270-275)****Siscia**

92. 271-272. 3,44 g. 22,5 mm. 12 h. *RIC V(1) 289/225*. Of. 3. IN 111.

**PROBO (276-282)****Ceca indeterminada**

93. 276-282. A/ Busto à dir.; R/ ilegível. 2,02 g. 22 mm. 6 h. IN 266.

**CARINO (283-285)****Antioquia (Pisídia)**

94. 283-285. 3,62 g. 20 mm. 5-6 h. *RIC* V(2) 179/325. Of. 7. IN 138.

**“antoniniano” indeterminado**

95. 238-270. 1,79 g. 19,5 mm. 6 h. IN 207.

**MAXIMIANO (286-305)****Roma**

96. 291. 3, 48 g. 22 mm. 12-1 h. *RIC* V(2) 279/515. Of. 1. IN 139.

**PRIMEIRA TETRARQUIA (293-305)****Ticino**

97. *Nummus*. Maximiano. 298-299. 10,41 g. 27,5 mm. 11 h. *RIC* VI 284/33 b. Of. 2. MNA 153/33.

98. *Nummus*. Constâncio I Cloro. 304-305. 8,34 g. 26,5 mm. 12 h. *RIC* VI 286/48 a. Of. 1. IN 11.

**Cartago**

99. Fracção de *nummus*. Constâncio I Cloro. 303. 2,92 g. 21,5 mm. 12 h. *RIC* VI 427/35 a. IN 62.

100. Fracção de *nummus*. Constâncio I Cloro. 303. 3,29 g. 21 mm. 6 h. *RIC* VI 427/35 a. IN 133.

**Cízico**

101. Fracção de *nummus*. Constâncio I Cloro. 295-299. 2,48 g. 22 mm. 12 h. *RIC* VI 581/19 a. Of. 2. IN 228.

**Alexandria**

102. Fracção de *nummus*. Maximiano. 297-298. 3,20 g. 21,5 mm. 12 h. *RIC* VI 667/46 b. Of. 3. IN 10.

**IV. SÉCULO IV****1. Emissões de 307 a 330****Londínio**

103. Constantino I. 313. 3,54 g. 21,5 mm. 5-6 h. *RIC* VI 140/279. Of.1. IN 118.

**Tréveros**

104. Maximino II. 309-313. 3,91 g. 23,5 mm. 12-1 h. *RIC* VI 226/845 a. Of. 1. IN 181.  
105. Maximino II. 309-313. 3,27 g. 23 mm. 6 h. *RIC* VI 226/845 a. Of. 1. IN 109.  
106. Constantino I. 313-315. 2,31 g. 19,5 mm. 12 h. *RIC* VII 168/40. Of. 1. IN 152.  
107. Constantino I. 316-317. 3,26 g. 20 mm. 6 h. *RIC* VII 173/104. Of. 1. IN 103.  
108. Constantino I. 321. 3,01 g. 19 mm. 6-7 h. *RIC* 191/305. Of. 1. IN 166.  
109. Crispo. 321. 2,12 g. 18,5 mm. 5 h. *RIC* VII 192/324. Of. ?. IN 210.  
110. Helena. 324-325. 3,02 g. 18 mm. 6 h. *RIC* VII 205/458. Of. 1. IN 291.  
111. Constantino I. 324-330. 2,53 g. 18,5 mm. 5 h. *RIC* VII 209/475. Of. 1. IN 125.

**Lugduno**

112. Constantino I. 309-311. 3,15 g. 23,5 mm. 12 h. *RIC* VI 265/307. Of. 1. IN 263.  
113. Constantino I. 309-310. 4,03 g. 22 mm. 12 h. *RIC* VI 265/310. Of. 2. MNA 153/34.  
114. Constantino I. 309-310. 3,90 g. 23 mm. 6 h. *RIC* VI 265/310. Of. 1. MNA 191/3.  
115. Constantino I. 312-313. 2,51 g. 22,5 mm. 10-11 h. *RIC* VII 122/3. Of. 1. IN 176.  
116. Constantino I. 312-313. 3,85 g. 21,5 mm. 12 h. *RIC* VII 122/3. Of. 1. IN 72  
117. Constantino I. 314-315. 2,55 g. 21 mm. 12 h. *RIC* VII 123/20. Of. 1. IN 284.

**Arelate**

118. Constantino I. 315-316. 3,40 g. 19,5 mm. 2 h. *RIC* VII 240/75. Of. 3. IN 7.  
119. Constantino I. 316. 3,34 g. 21 mm. 6 h. *RIC* VII 241/81. Of. 4. IN 108.  
120. Constantino I. 316. 1,93 g. 20 mm. 12 h. *RIC* VII 241/85. Of. 1. IN 178.  
121. Constantino I. 316. 2,89 g. 18,5 mm. 6 h. *RIC* VII 241/89. Of. 1. IN 151.  
122. Constantino I. 316-317. 3,46 g. 21 mm. 6 h. Cf. *RIC* VII 248/144. Of. 4 (desc. em *RIC*). IN 209.  
123. Constantino I. 316-317. 2,54 g. 19,5 mm. 5-6 h. *RIC* VII 249/146. Of. 1. IN 226.  
124. Constantino I. 316-317. 2,29 g. 18,5 mm. 6 h. *RIC* VII 249/146. Of. ?. IN 216.  
125. Constantino II César. 321. 2,54 g. 18 mm. 6 h. *RIC* VII 259/232. Of. 4. IN 115.  
126. Constantino II César. 321. 2,75 g. 19 mm. 12 h. *RIC* VII 259/232. Of. 4. IN 180.  
127. Crispo. 322-323. 2,31 g. 20 mm. 12 h. *RIC* VII 261/254. Of. 3. IN 81.  
128. Constantino II César. 325-326. 3,68 g. 20 mm. 7 h. *RIC* VII 265/289. Of. 3. IN 174.

**Ticino**

129. Maxêncio. 308. 5,74 g. 24 mm. 5-6 h. *RIC* VI 294/95. Of. 3. IN 114.  
130. Constantino I. 314. 3,11 g. 20 mm. 6 h. *RIC* VII 361/16. Of. 1. IN 264.  
131. Constantino I. 320-321. 2,74 g. 19,5 mm. 11 h. *RIC* VII 379/140. Of. 1. IN 167.

**Roma**

132. Constantino I. 312-313. 3,79 g. 20,5 mm. 1 h. *RIC* VI 390/350 a. Of. 2. IN 132.  
133. Constantino I. 313. 2,19 g. 20,5 mm. 8 h. *RIC* VII 296/2. Of. ?. IN 1.  
134. Constantino I. 313. 3,06 g. 19,5 mm. 12 h. *RIC* VII 296/2. Of. 2. IN 14.  
135. Constantino I. 314-315. 2,91 g. 20 mm. 12 h. *RIC* VII 299/27. Of. 4. IN 20.  
136. Licínio I. 314-315. 3,13 g. 21,5 mm. 6 h. *RIC* VII 299/29. Of. 1. IN 74.  
137. Constantino I. 321. 2,17 g. 19,5 mm. 12 h. *RIC* VII 321/237. Of. 4. IN 8.  
138. Crispo. 324-325. 3,13 g. 19,5 mm. 12 h. *RIC* VII 325/266. Of. 2. IN 117.  
139. Constâncio II César. 324-325. 2,95 g. 19 mm. 6 h. *RIC* VII 325/269. Of. 4. IN 18.  
140. Constantino I. 326. 2,06 g. 19,5 mm. 1 h. *RIC* VII 330/287. Of. 2. IN 140.  
141. Constâncio II César. 326. 3,09 g. 19 mm. 6 h. *RIC* VII 330/290. Of. 4. IN 97.  
142. Constâncio II César. 326. 2,63 g. 19,5 mm. 11-12 h. *RIC* VII 330/290. Of. 4. IN 172.

**Óstia**

143. Maxêncio. 309-312. 6,84 g. 24 mm. 12 h. *RIC* VI 404/35. Of. 3. IN 129.  
144. Maxêncio. 309-312. 5,79 g. 23,5 mm. 12 h. *RIC* VI 404/35. Of. ?. IN 119.

**Sísicia**

145. Constantino I. 321-324. 2,52 g. 19 mm. 1 h. *RIC* VII 445/171. Of. 5. IN 273.  
146. Constantino I. 328-329. 3,30 g. 18,5 mm. 1-2 h. *RIC* VII 452/214. Of. 2. IN 60.

**Sirmio**

147. Constâncio II César. 324-325. 2,68 g. 19 mm. 12 h. *RIC* VII 475/53. IN 15.

**Heracleia**

148. Constantino I. 325-326. 3,02 g. 19 mm. 12 h. *RIC* VII 550/69. Of. 1. IN 128.

**Cecas indeterminadas**

149. Constantino I. 309-318. R/ [Soli inuicto comiti]. 3,04 g. 23,5 mm. 6 h. IN 262.  
150. Constantino I. 309-318. R/ [Soli inuicto comiti]. 2,63 g. 20 mm. 6 h. IN 217.  
151. Constantino I. 315-316. R/ [Soli inuicto comiti]. 2,88 g. 18,5 mm. 6 h. IN 265.

**2. Emissões de 330 a 348****Tréveros**

152. Constantino I. 333-334. 1,97 g. 16,5 mm. 12 h. *RIC* VII 218/549. Of. 1. IN 12.  
153. Constantino II César. 333-334. 2,39 g. 17 mm. 7 h. *RIC* VII 218/556. Of. 1. IN 285.

154. Constâncio II César. 335-337. 2,13 g. 15,5 mm. 6 h. *RIC* VII 223/592. Of. 2. IN 141.  
155. Constâncio II César. 335-337. 1,38 g. 16 mm. 6 h. *RIC* VII 223/592. Of. 1. IN 79.  
156. Teodora. 337-340. 1,53 g. 15 mm. 12 h. *RIC* VIII 143/65. Of. 1. IN 27.  
157. Helena. 337-340. 1,35 g. 14 mm. 6 h. *RIC* VIII 144/78. Of. 1. IN 42.  
158. Teodora. 337-340. 1,36 g. 14 mm. 12 h. *RIC* VIII 144/91. Of. 1. IN 43.  
159. Constante. 346. 1,55 g. 15,5 mm. 12 h. *RIC* VIII 151/185. Of. 2. IN 22.

### Lugduno

160. *Vrbs Roma*. 333-334. 2,32 g. 16 mm. 7 h. *RIC* VII 139/267. Of. 1. IN 107.  
161. Constâncio II. 337-340. 1,46 g. 16 mm. 7 h. *RIC* VIII 178/8. Of. 1. IN 160.  
162. Constante. 346-347. 1,36 g. 16 mm. 6 h. BASTIEN 49 a). Of. 1. IN 196.  
163. Constante. 347. 1,85 g. 14 mm. 12 h. *RIC* VIII 180/51. Of. 1. IN 23.  
164. Constâncio II. 347. 1,36 g. 15 mm. 12 h. *RIC* VIII 181/52. Of. ?. IN 171.  
165. Imp. indeterminado. 347. 1,53 g. 14,5 mm. 12 h. *RIC* VIII 181/66 ou 68. Of. 1. IN 28.

### Arelate

166. Constantino I. 333. 2,04 g. 18,5 mm. 12 h. *RIC* VII 274/370. Of. ?. IN 127.  
167. *Vrbs Roma*. 334. 1,59 g. 15,5 mm. 6 h. *RIC* VII 275/385. Of. 2. IN 69.  
168. Constantinópolis. 336. 1,33 g. 16,5 mm. 6-7 h. *RIC* VII 277/401. Of. 1. IN 236.  
169. Imp. indeterminado. 337-340. 1,48 g. 14 mm. 5-6 h. Como *RIC* VIII 205/1. Of. ?. IN 205.  
170. Constante. 340. 1,30 g. 16 mm. 6 h. *RIC* VIII 206/58. Of. 2. IN 13.  
171. Constâncio II. 347. 1,30 g. 14,5 mm. 5-6 h. *RIC* VIII 209/78. Of. 2. IN 186.  
172. Constâncio II. 347. 1,74 g. 15 mm. 6 h. *RIC* VIII 209/78. Of. 1. IN 213.  
173. Constâncio II. 347. 1,52 g. 14 mm. 6 h. *RIC* VIII 209/84. Of. 1. IN 34.

### Aquileia

174. Constante. 347. 1,26 g. 16 mm. 6 h. *RIC* VIII 322/87. Of. 1. IN 73.

### Roma

175. *Vrbs Roma*. 330. 2,27 g. 19 mm. 12 h. *RIC* VII 336/331. Of. 4. IN 96.  
176. Constantino II César. 330-331. 2,12 g. 17 mm. 12 h. *RIC* VII 336/336. Of. 2. IN 16.  
177. Constantino II César. 333-335. 2,20 g. 17,5 mm. 12 h. *RIC* VII 339/351. Of. 2. IN 153.  
178. Constantino II César. 333-335. 2,01 g. 17 mm. 12 h. *RIC* VII 339/352. Of. 3. IN 161.  
179. Constâncio II César. 335-336. 1,26 g. 17 mm. 12 h. *RIC* VII 341/366. Of. 3. IN 143.  
180. *Vrbs Roma*. 335-336. 2,62 g. 17 mm. 6 h. *RIC* VII 341/370. Of. 4. IN 142.



181. *Constantinopolis*. 336-337. 2,74 g. 18 mm. 12 h. *RIC* VII 345/397. Of. 5. IN 19.  
 182. Constante. 337-340. 1,51 g. 15 mm. 11-12 h. Cf. *RIC* VIII 249/3. Of. 3 (desc. em *RIC*). IN 29.  
 183. Constâncio II. 337-340. 1,36 g. 15 mm. 12 h. *RIC* VIII 250/15. Of. ?. IN 80.  
 184. Constante. 337-340. 2,04 g. 14 mm. 12 h. *RIC* VIII 250/46 A. Of. 4. IN 44.  
 185. Constante. 346. 1,29 g. 15 mm. 6 h. *RIC* VIII 253/84. Of. 5. IN 214.

### Tessalonica

186. Constante. 337-340. 1,26 g. 16 mm. 6 h. *RIC* VIII 407/57. Of. 4. IN 37.  
 187. Constâncio II. 347. 1,47 g. 16 mm. 1 h. *RIC* VIII 411/99. Of. 5. IN 87.  
 188. Constâncio II. 347. 1,40 g. 16,5 mm. 11 h. *RIC* VIII 411/99. Of. 5. IN 40.

### Constantinopla

189. *Constantinopolis*. 330-333. 2,63 g. 17 mm. 5 h. *RIC* VII 579/63. Of. ?. IN 150.  
 190. *Constantinopolis*. 330-333. 2,44 g. 18 mm. 6 h. *RIC* VII 579/63. Of. ?. IN 98.  
 191. Constantino I. 336-337. 1,93 g. 16 mm. 6 h. *RIC* VII 590/149. Of. 8. IN 9.  
 192. Constantino II César. 336-337. 1,55 g. 17 mm. 6 h. *RIC* VII 590/150. Of. 2. IN 71.

### Nicomedia

193. Constantino I. 330-335. 2,60 g. 18 mm. 6 h. *RIC* VII 633/188. Of. 3. IN 130.  
 194. Constantino I. 336-337. 1,34 g. 15,5 mm. 12 h. *RIC* VII 635/199. Of. 3. IN 17.  
 195. Constante. 347. 1,81 g. 14,5 mm. 11 h. *RIC* VIII 475/56. Of. 1. IN 33.

### Cízico

196. *Vrbs Roma*. 331-334. 2,45 g. 18 mm. 12 h. *RIC* VII 655/90. Of. 2. IN 70.  
 197. Constante. 337-340. 2,10 g. 15 mm. 6 h. *RIC* VIII 490/18. Of. 1. IN 215.

### Antioquia

198. Constâncio II. 337-340. 1,08 g. 15 mm. 11 h. *RIC* VIII 515/52. Of. 14. IN 41.

### Cecas indeterminadas

199. Constantino II César. 330-335. R/ Dois estandartes. 2,10 g. 20 mm. 12 h. IN 261.  
 200. *Constantinopolis*. 330-335. 2,62 g. 17 mm. 11 h. IN 272.  
 201. *Constantinopolis*. 330-335. 1,78 g. 17 mm. 12 h. IN 201.  
 202. Constâncio II César. 335-337. R/ Um estandarte. 1,60 g. 14,5 mm. 5 h. IN 237.  
 203. *Vrbs Roma*. 335-337. R/ Um estandarte. 0,91 g. 17 mm. 11 h. IN 153/38.  
 204. Imp. indeterminado. 335-340. R/ Um estandarte. 1,53 g. 14 mm. 5 h. IN 203.

205. *Diuo Constantino*. 347. R/ VN-MR. 1,26 g. 13,5 mm. 6 h. IN 230.

206. *Diuo Constantino*. 347. R/ VN-MR. 1,61 g. 14 mm. 6 h. IN 199.

207. *Constâncio II*. 347. R/ [Vot xx mult xxx]. 1,82 g. 15 mm. 5 h. IN 206.

### Imitações

208. *Constante*. 347-348. 1,59 g. 12 mm. 12 h. Como *RIC VIII 209/81*. IN 21.

209. *Constâncio II*. 347-348. 1,23 g. 13 mm. 12 h. Como *RIC VIII 209/84*. IN 91.

210. *Constante*. 347-348. R/ tipo *Vict-augg*. 1,44 g. 18,5 mm. 6 h. IN 193.

211. *Constâncio II*. 347-348. R/ tipo *Victoriae dd augg q nn*. 1,26 g. 13 mm. 7 h. IN 189.

## 3. Emissões de 348 a 353

### Lugduno

212. *Magnêncio*. 350. 4,43 g. 23 mm. 7 h. *RIC VIII 185/115*. Of. 2. IN 258.

### Arelate

213. *Constâncio II*. 348-349. 4,59 g. 22 mm. 12 h. *RIC VIII 210/99*. Of. 1. IN 35.

214. *Constâncio II*. 348-349. 2,06 g. 17 mm. 6 h. *RIC VIII 211/116*. Of. 1. IN 36.

215. *Constâncio II*. 348-350. 4,43 g. 22 mm. 6 h. *RIC VIII 211/122*. Of. 1. IN 39.

216. *Decêncio*. 351-353. 4,38 g. 21 mm. 12 h. *RIC VIII 216/165*. Of. 2. IN 116.

217. *Magnêncio*. 351-353. 3,64 g. 21 mm. 6 h. *RIC VIII 216/171*. Of. 1. IN 154.

218. *Decêncio*. 351-353. 4,87 g. 21 mm. 6 h. *RIC VIII 216/180*. Of. 2. IN 38.

### Ambiano

219. *Magnêncio*. 351-352. 4,61 g. 23 mm. 6 h. *RIC VIII 122/11*. Of. ?. IN 78.

### Roma

220. *Constante*. 348-350. 3,70 g. 21 mm. 5-6 h. *RIC VIII 258/140*. Of. 1. IN 157.

221. *Constâncio II*. 348-350. 3,05 g. 20 mm. 12 h. *RIC VIII 259/157*. Of. 2. IN 156.

222. *Magnêncio*. 350. 5,75 g. 23 mm. 6 h. *RIC VIII 265/197*. Of. 4. IN 290.

### Constantinopla

223. *Constâncio II*. 348-351. 3,30 g. 23 mm. 12 h. *RIC VIII 454/82*. Of. ?. IN 112.

### Alexandria

224. *Constâncio II*. 351-355. 5,35 g. 23 mm. 5 h. *RIC VIII 543/72*. Of. 3. IN 30.

**Imitações**

225. 348-350. Constâncio II. R/ tipo *Fel temp reparatio* (galera). 1,65 g. 15 mm. 12 h. IN 208.  
226. Magnêncio. 351-353. 1,98 g. 17 mm. 6 h. Como *RIC VIII 186/121=BASTIEN I 84 e I 85*. IN 187.

**4. Emissões de 353 a 364****Arelate**

227. Constâncio II. 355-358. 2,38 g. 19 mm. 11-12 h. *RIC VIII 224/266*. Of. 3. IN 165.  
228. Constâncio II. 355-358. 1,99 g. 19 mm. 6 h. *RIC 224/272*. Of. 2. IN 24.  
229. Juliano II. 360-361. 2,83 g. 17 mm. 11 h. *RIC VIII 227/301*. Of. 3. IN 32.

**Roma**

230. Constâncio II. 353-358. 1,99 g. 17 mm. 4 h. *RIC VIII 275/355*. Of. 5. IN 89.  
231. Constâncio II. 353-358. 1,90 g. 18 mm. 12-1 h. *RIC VIII 278/305*. Of. 2. IN 25.  
232. Constâncio II. 353-358. R/ [Fel temp reparatio] (cavaleiro). 1,65 g. 17 mm. 12 h. IN 260.  
233. Juliano II César. 358-360. 1,51 g. 15 mm. 6 h. *RIC VIII 279/319*. Of. ?. IN 257.

**Tessalonica**

234. Constâncio II. 350-355. 2,09 g. 17 mm. 6 h. *RIC VIII 419/189*. IN 31.

**Cízico**

235. Constâncio II. 351-354. 2,13 g. 17 mm. 7 h. *RIC VIII 497/104*. Of. 1. IN 121.  
236. Juliano César. 355-361. 1,68 g. 15 mm. 12 h. *RIC VIII 499/118*. Of. ?. IN 26.

**Imitações**

237. Constâncio II. 353-358. R/ tipo *Fel temp reparatio* (cavaleiro). 1,75 g. 15 mm. 6 h. IN 144.  
238. Constâncio II. 358-363. R/ tipo *Spes reipublice*. 2,02 g. 14 mm. 6 h. IN 198.  
239. Constâncio II. 358-363. R/ tipo *Spes reipublice*. 2,00 g. 15 mm. 12 h. IN 259.

**5. Emissões de 364 a 378****Roma**

240. Graciano. 367-378. 1,58 g. 17 mm. 6 h. *LRBC 731*. Of. 2. IN 54.

**Tessalonica**

241. Valentiniano I. 364-375. 1,99 g. 18 mm. 12 h. *RIC IX 176/16* (a) marca VI. Of. ?. IN 212.

**6. Emissões de 378 a 388****Lugduno**

242. Graciano. 379-383. 3,87 g. 22 mm. 5 h. *LRBC* 372. Of. 1. IN 211.

243. Graciano. 379-383. 4,60 g. 24 mm. 6 h. *LRBC* 372. Of. ?. IN 286.

244. Graciano. 379-383. 4,97 g. 22 mm. 7 h. *LRBC* 372. Of. 2. IN 278.

245. Máximo. 383-387. 3,70 g. 23 mm. 7 h. *LRBC* 383. Of. 2. IN 275.

**Arelate**

246. Graciano. 379-383. 3,85 g. 23 mm. 6 h. *LRBC* 548. Of. 2. IN 162.

247. Graciano. 379-383. 6,08 g. 22 mm. 8 h. *LRBC* 548. Of. 1. IN 277.

248. Valentiniano II. 379-383. 5,36 g. 24 mm. 7 h. *LRBC* 550. Of. 2. IN 190.

249. Graciano. 379-383. 1,66 g. 14 mm. 5 h. *LRBC* 552. Of. 1. IN 77.

250. Graciano. 379-383. 1,20 g. 15 mm. 6 h. *LRBC* 552. Of. 2. IN 51.

251. Máximo. 383-387. 4,45 g. 25 mm. 1 h. *LRBC* 553. Of. 2. IN 292

252. Máximo. 383-387. 4,39 g. 22 mm. 12 h. *LRBC* 553. Of. ?. IN 164.

253. Máximo. 383-387. 4,94 g. 23 mm. 11 h. *LRBC* 553. Of. 1. IN 233.

254. Máximo. 383-387. 3,16 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 553. Of. 2. IN 168.

255. Máximo. 383-387. 4,70 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 553. Of. ?. IN 232.

**Aquileia**

256. Valentiniano II. 379-383. 4,36 g. 24 mm. 12 h. *LRBC* 1065. Of. 2. IN 104.

257. Valentiniano II. 379-383. 3,62 g. 22 mm. 12 h. *LRBC* 1065. Of. 1. IN 49.

258. Valentiniano II. 379-383. 4,78 g. 24 mm. 12 h. *LRBC* 1066. Of. 1. MNA 191/15.

**Roma**

259. Graciano. 379-383. 5,17 g. 23 mm. 6 h. *LRBC* 750. Of. 2. IN 289.

260. Graciano. 379-383. 4,96 g. 24 mm. 7 h. *LRBC* 750. Of. 4. MNA 191/4.

261. Graciano. 379-383. 5,10 g. 27 mm. 12 h. *LRBC* 750. Of. 4. MNA 191/8.

262. Graciano. 379-383. 4,79 g. 24 mm. 1 h. *LRBC* 750. Of. 4. IN 57.

263. Graciano. 379-383. 3,50 g. 24 mm. 6 h. *LRBC* 750. Of. 3. IN 235.

264. Graciano. 379-383. 5,35 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 750. Of. 4. IN 48.

265. Valentiniano II. 379-383. 4,39 g. 23 mm. 1 h. *LRBC* 752. Of. 2. IN 288.

266. Valentiniano II. 379-383. 5,11 g. 23,5 mm. 6 h. *LRBC* 752. Of. 5. IN 182.

267. Valentiniano II. 379-383. 5,46 g. 21,5 mm. 1 h. *LRBC* 752. Of. 2. IN 124.

268. Teodósio I. 379-383. 5,26 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 753. Of. 2. IN 255.  
 269. Teodósio I. 379-383. 4,51 g. 24 mm. 6 h. *LRBC* 753. Of. 1. IN 173.  
 270. Teodósio I. 379-383. 4,35 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 753. Of. ?. IN 204.  
 271. Teodósio I. 379-383. 4,59 g. 23 mm. 1 h. *LRBC* 753. Of. 2. IN 282.  
 272. Teodósio I. 383-387. 1,58 g. 12 mm. 6 h. *LRBC* 787. Of. 2. IN 53.

#### Sísacia

273. Valentiniano II. 379-383. 5,00 g. 22,5 mm. 12 h. *LRBC* 1526. Of. 1. IN 191.  
 274. Imp. indeterminado. 379-387. R/ [Reparatio reipub]. 4,72 g. 21 mm. 6 h. IN 250.

#### Constantinopla

275. Teodósio I. 385. 3,81 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 2178. Of. 1. IN 52.

#### Cízico

276. Graciano. 383. 1,20 g. 15 mm. 6 h. *LRBC* 2552. Of. 1. IN 188.

#### Antioquia

277. Graciano. 379-383. 5,19 g. 23 mm. 12 h. *LRBC* 2680. Of. 4. IN 58.

#### Cecas indeterminadas

278. Valentiniano II. 379-383. R/ [Reparatio reipub]. 3,09 g. 25 mm. 6 h. Of. ?. IN 254.  
 279. Imp. indeterminado. 379-387. R/ [Reparatio reipub]. 3,35 g. 21 mm. 6 h. Of. ?. IN 256.  
 280. Imp. indeterminado. 379-387. R/ [Reparatio reipub]. 3,51 g. 21 mm. 5 h. Of. ?. MNA 191/1.  
 281. Máximo. 383-387. R/ [Reparatio reipub]. 3,12 g. 22 mm. 6 h. Of. ?. IN 294.  
 282. Máximo. 383-387. R/ [Reparatio reipub]. 4,00 g. 22 mm. 12 h. Of. ?. MNA 191/6.  
 283. Máximo. 383-387. R/ [Reparatio reipub]. 3,52 g. 22 mm. 12 h. Of. ?. IN 145.  
 284. Máximo. 383-387. R/ [Reparatio reipub]. 3,46 g. 24 mm. 5 h. Of. ?. IN 274.  
 285. Máximo. 387. R/ [Spes romanorum]. 1,34 g. 12 mm. 12 h. Of. ?. IN 200.

### 7. Emissões de 388 a 402

#### Lugduno

286. Valentiniano II. 388-392. 1,50 g. 13 mm. 2 h. *LRBC* 389. Of. 1. IN 47.

#### Tessalonica

287. Teodósio I. 393-395. 4,56 g. 21 mm. 12 h. *LRBC* 1986. Of. 2. IN 177.

**Heracleia**

288. Honório. 393-395. 5,36 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 1988. Of. 1. IN 105.  
289. Honório. 393-395. 3,78 g. 22 mm. 12 h. *LRBC* 1988. Of. 1. IN 287.  
290. Arcádio. 393-395. 4,17 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 1990. Of. 2. MNA 191/10.  
291. Honório. 393-395. 4,70 g. 22,5 mm. 12 h. *LRBC* 1991. Of. 1. IN 149

**Constantinopla**

292. Arcádio. 388-402. 0,96 g. 13 mm. 12 h. *LRBC* 2185. Of. ?. IN 227.  
293. Teodósio I. 393-395. 4,13 g. 21 mm. 7 h. *LRBC* 2186. Of. 1. IN 82.  
294. Teodósio I. 393-395. 4,78 g. 23 mm. 7 h. *LRBC* 2186. Of. 2. IN 46.  
295. Teodósio I. 393-395. 4,10 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2186. Of. 2. IN 59.  
296. Teodósio I. 393-395. 3,47 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2186. Of. ?. MNA 191/7.  
297. Arcádio. 393-395. 3,47 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 2187. Of. 1. IN 3.  
298. Arcádio. 393-395. 5,78 g. 21 mm. 12-1 h. *LRBC* 2187. Of. 3. IN 122.  
299. Arcádio. 393-395. 5,30 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2187. Of. 3. IN 184.  
300. Arcádio. 393-395. 4,62 g. 22 mm. 12 h. *LRBC* 2187. Of. ?. IN 271.  
301. Arcádio. 393-395. 4,05 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2187. Of. 2. IN 158.  
302. Honório. 393-395. 4,36 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2201. Of. 2. IN 106.

**Nicomedia**

303. Arcádio. 393-395. 3,74 g. 21 mm. 11 h. *LRBC* 2423. Of. 2. MNA 191/12.  
304. Arcádio. 393-395. 3,61 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2423. Of. 2. IN 50.  
305. Arcádio. 393-395. 3,73 g. 22 mm. 1 h. *LRBC* 2423. Of. 2. IN 56.  
306. Arcádio. 393-395. 5,91 g. 22,5 mm. 12 h. *LRBC* 2423. Of. 2. IN 179.  
307. Honório. 393-395. 3,61 g. 21 mm. 1 h. *LRBC* 2424. Of. 3. IN 281.  
308. Honório. 393-395. 2,82 g. 22 mm. 12 h. *LRBC* 2433. Of. 1. IN 231.  
309. Imp. indeterminado. 393-395. 4,77 g. 19 mm. 6 h. Of. 2. MNA 191/5.

**Cízico**

310. Teodósio I. 393-395. 5,73 g. 22 mm. 12-1 h. *LRBC* 2571. Of. 1. IN 159.  
311. Arcádio. 393-395. 4,98 g. 22 mm. 6 h. *LRBC* 2572. Of. 2. IN 113.  
312. Arcádio. 393-395. 3,52 g. 20 mm. 1 h. *LRBC* 2572. Of. 3. IN 4.  
313. Arcádio. 393-395. 3,62 g. 21 mm. 6 h. *LRBC* 2572. Of. ?. IN 295.  
314. Honório. 393-395. 4,02 g. 19 mm. 6 h. *LRBC* 2573. Of. 1. IN 147.  
315. Honório. 393-395. 4,08 g. 20 mm. 6 h. *LRBC* 2573. Of. 3. IN 276.

**Antioquia**

316. Teodósio I. 393-395. 3,72 g. 21 mm. 1 h. *LRBC* 2682. Of. 5. MNA 191/9.  
 317. Teodósio I. 393-395. 5,16 g. 21 mm. 11-12 h. *LRBC* 2779. Of. 1. IN 55.  
 318. Teodósio I. 393-395. 4,55 g. 22 mm. 5-6 h. *LRBC* 2780. Of. 4. IN 183.  
 319. Arcádio. 393-395. 4,27 g. 21 mm. 5 h. *LRBC* 2780. Of. 2. IN 148.  
 320. Honório. 393-395. 4,41 g. 19 mm. 11 h. *LRBC* 2784. Of. 4. IN 45.

**Alexandria**

321. Teodósio I. 393-395. 6,49 g. 20 mm. 5 h. *LRBC* 2910. Of. 1. IN 234.  
 322. Honório. 393-395. 3,91 g. 20 mm. 11 h. *LRBC* 2913. Of. 2. IN 247.

**Cecas indeterminadas**

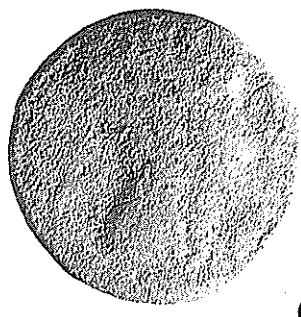
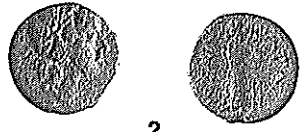
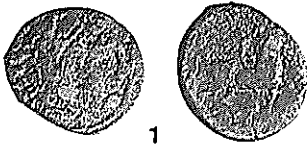
323. Valentiniano II. 388-392. R/ [Victoria auggg]. 1,12 g. 13 mm. 5 h. Of. ?. IN 229.  
 324. Imp. indeterminado. 388-402. R/ [Salus reipublice]. 1,00 g. 12 mm. 6 h. Of. ?. IN 194.  
 325. Teodósio I. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 2,86 g. 20 mm. 5-6 h. Of. ?. IN 202.  
 326. Teodósio I. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 4,12 g. 17 mm. 12 h. Of. ?. IN 283.  
 327. Teodósio I. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 4,29 g. 20 mm. 11 h. Of. ?. IN 218.  
 328. Arcádio. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 4,14 g. 20 mm. 12 h. Of. ?. IN 253.  
 329. Honório. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 6,54 g. 21 mm. 7 h. Of. ?. IN 293.  
 330. Honório. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 4,08 g. 21 mm. 12 h. Of. ?. IN 251.  
 331. Honório. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 3,26 g. 22,5 mm. 12 h. Of. ?. IN 252.  
 332. Honório. 393-395. R/ [Gloria romanorum]. 4,11 g. 22 mm. 11 h. Of. ?. IN 246.

**Imitação**

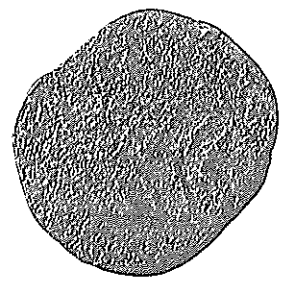
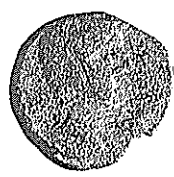
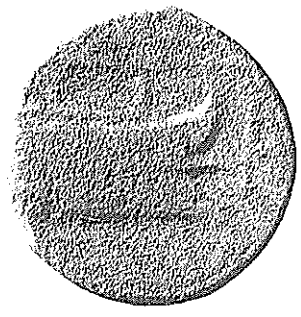
333. Imp. indeterminado. 388-402. R/ tipo *Salus reipublice*. 1,15 g. 11 mm. 6 h. IN 244.

**8. Recunhagem**

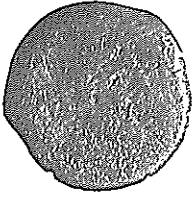
334. 364-367. A/ Valente ou Valentiniano I sobre *Fel temp reparatio*. R/ *Restitutor reip* sobre DN CONSTANTIN[...]. 2,16 g. 19 mm. 6 h. IN 241.



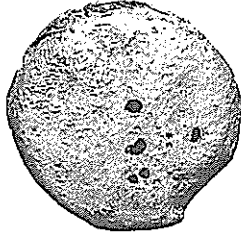
(3x)



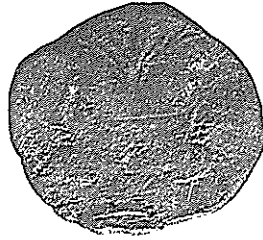




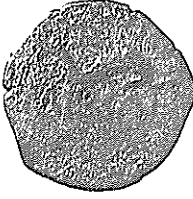
9



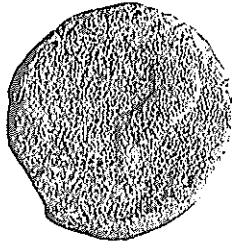
10



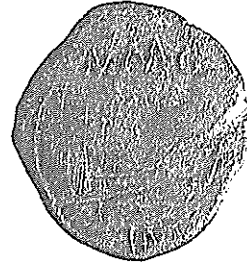
11



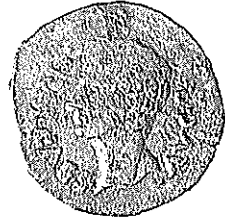
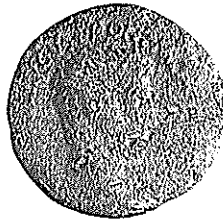
12



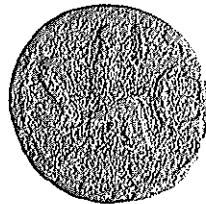
13

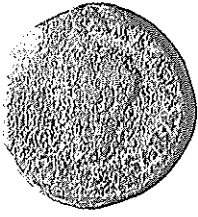


14

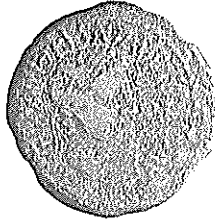


15

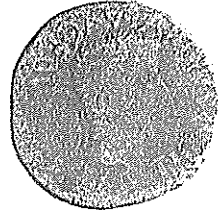




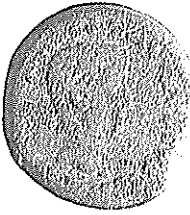
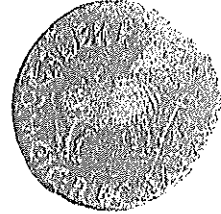
16



17



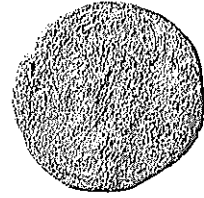
18



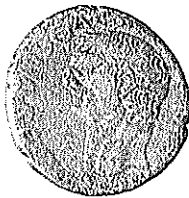
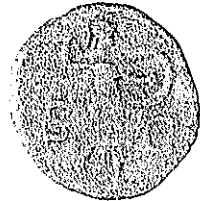
19



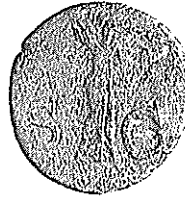
20

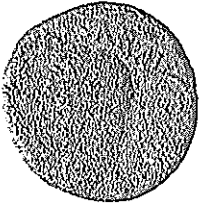


21

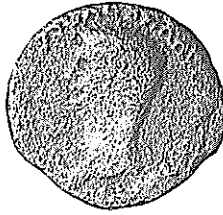


22

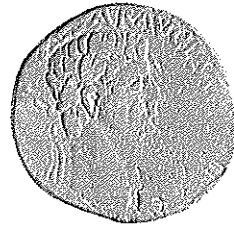




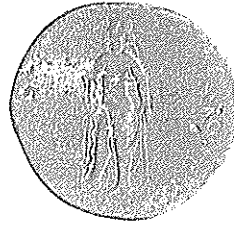
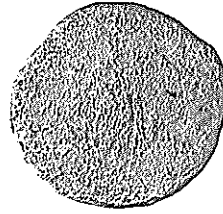
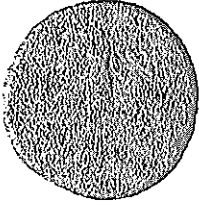
23



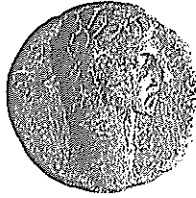
24



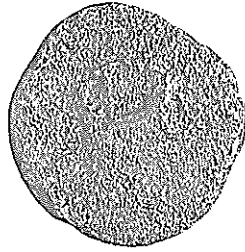
25



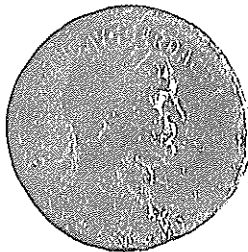
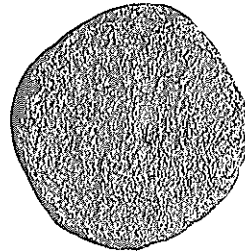
26



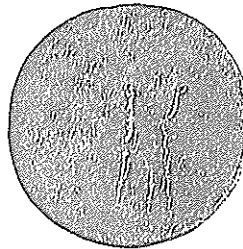
27



28



29

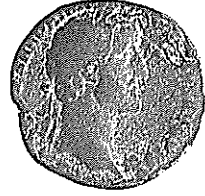




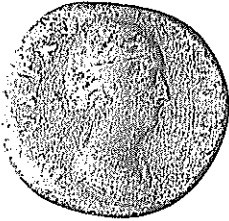
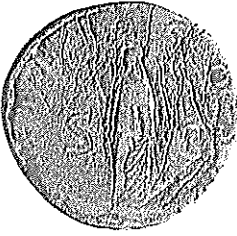
30



31



32



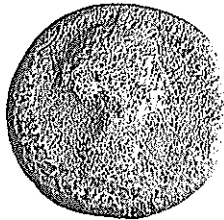
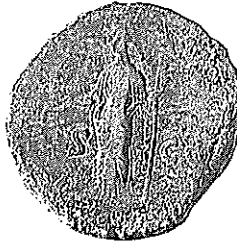
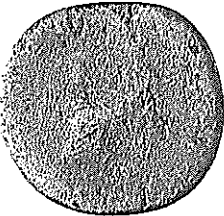
33



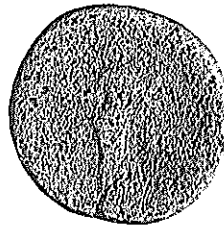
34

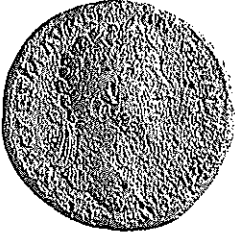


35

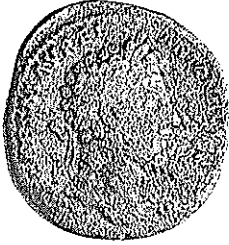


36

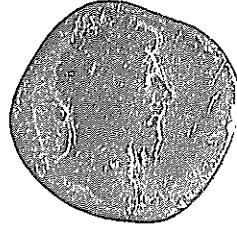




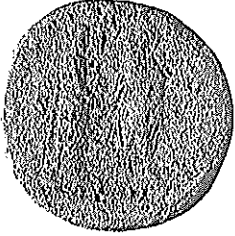
37



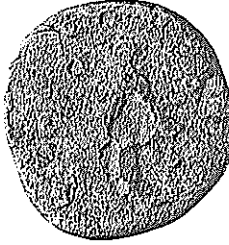
38



39



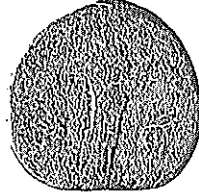
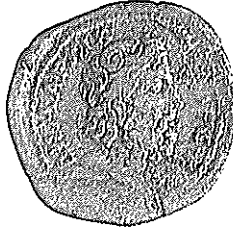
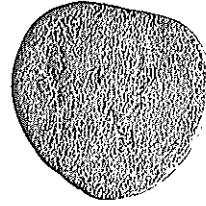
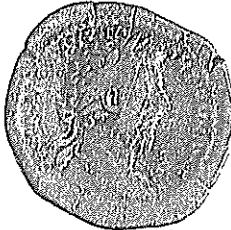
40



41

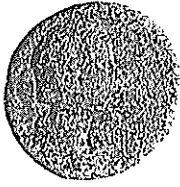


42

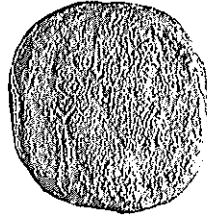


43

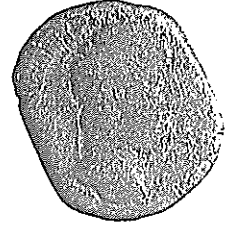




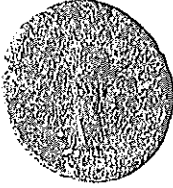
44



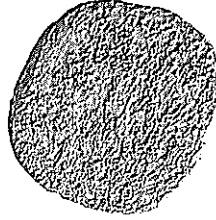
45



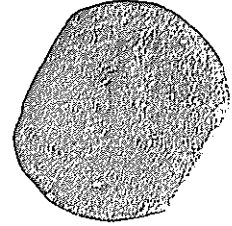
46



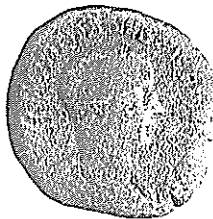
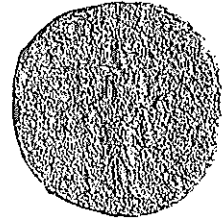
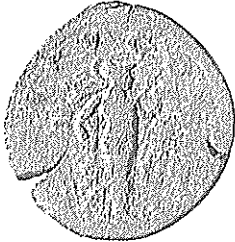
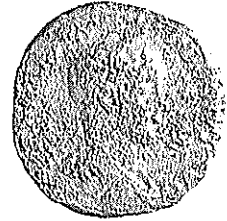
47



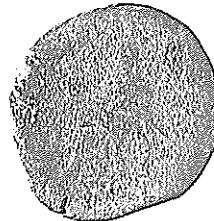
48



49



50





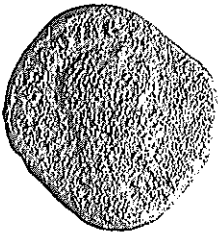
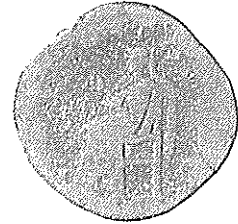
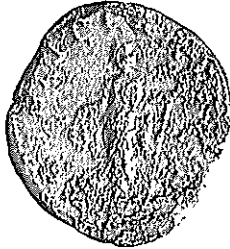
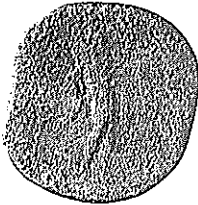
51



52



53



54



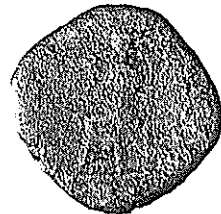
55



56



57





58



59



60



61



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71







72



73



74



75



76



77



78



79



80



81



82



83

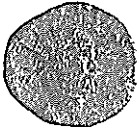


84



85

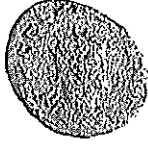




86



87



88



89



90



91



92



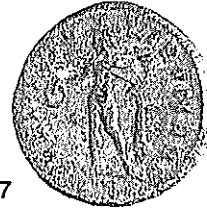
94



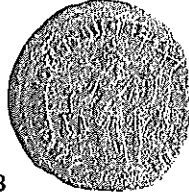
96



97



98



99



100



101





102



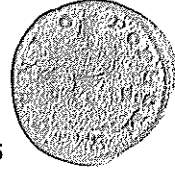
103



104



105



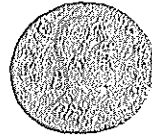
106



107



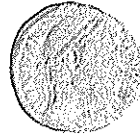
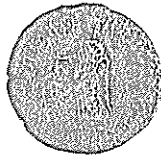
108



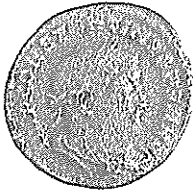
109



110



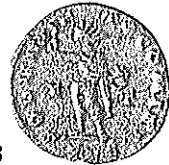
111



112



113



114



115







130



131



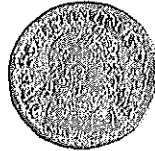
132



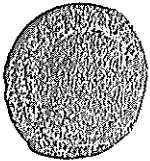
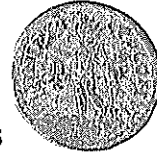
133



134



135



136



137



138



139



140



141



142



143





146



147



148



151



152



153



154



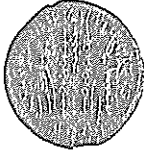
155



156



157



158



159



160



161



162



163



164



165



166



167

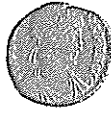




168



171



172



173



174



175



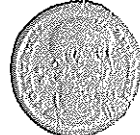
182



183



184



193



202



205



208



209



210



211



212



213



214



215





216



217



218



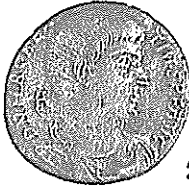
219



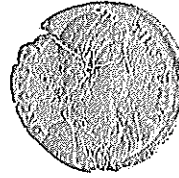
220



221



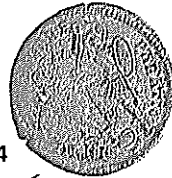
222



223



224



225



226



227



228



229







230



235



237



238



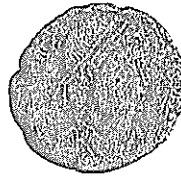
240



241



242



245



246



253



255



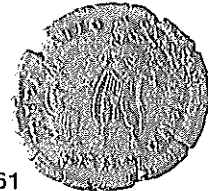
256

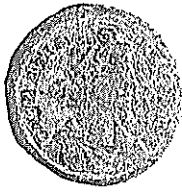


258

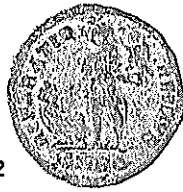


261

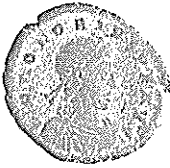




262



287



291



295



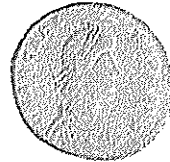
301



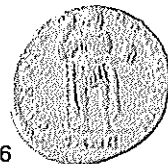
302



305



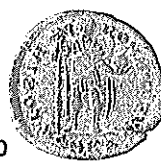
306



308



310



312



328



333



334



## NOVAS MOEDAS DE PRATA DAS OFICINAS MUÇULMANAS DE BEJA E DE SILVES

José Rodrigues Marinho

Foi em 1968 que, com o estudo «Moedas muçulmanas de Beja e de Silves» (1), se teve conhecimento de uma oficina em Beja ter emitido moeda durante a permanência dos muçulmanos no território que é hoje Portugal.

Essa moeda é do tipo qirat, pequena espécie em prata que os berberes Almorávidas batiam em África e tinham, oficialmente, trazido para a Península quando, após o ano de 1090, decidiram apoderar-se das Taifas do Ândalus. Fora encontrada em 1956, com vários outros qirates e fracções, pelo arqueólogo Eduardo Serrão, numa gruta dos arredores de Sesimbra denominada Lapa do Fumo.

Este conjunto monetário fora, dois anos depois, publicado pelo arabista Joaquim Figanier (2). Como muitas vezes sucede, em primeiras interpretações dos caracteres árabes gravados pelos antigos moedeiros, ficaram por definir, nesse exemplar, o local de cunhagem, Beja, e o nome completo de uma personagem referida, o emir Abu Talib. Este nome aparecia ali associado ao de Ahmad ibn Qasi — famoso e bem conhecido filósofo, chefe religioso e político, intitulado *mahdi* — que, em Setembro de 1144 se apoderara de Mértola e passara a superintender, religiosa e politicamente, em toda uma vasta região onde se incluía Beja.

O nome do emir foi interpretado, no estudo de 1968, como Abu Talib al-Zahra, com nota de que a leitura era conjectural. Um segundo exemplar, adquirido pela conhecida firma leiloeira Numisma, foi por nós apresentado na sua revista de Março de 1988, com a mesma leitura, reconhecendo-se, contudo, pela nova disposição da legenda, que a palavra em dúvida — al-Zahra — fazia, definitivamente, parte do nome do emir.

---

(1) J. R. Marinho, Imprensa Nacional de Lisboa, 1968.

(2) «Moedas Árabes do Século XII Encontradas no Concelho de Sesimbra», *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, 8, 1958.

Em 1993, mais outro exemplar, desta emissão de qirates, é recolhido durante escavações arqueológicas em Alcaria Longa, próxima de Mértola. A sua apresentação é feita num trabalho subscrito pelo Dr. Miguel Telles Antunes e pelo Dr. Adel Sidarus, professor de História e Língua Árabe na Universidade de Évora <sup>(3)</sup>. Este interessante estudo mostra-nos o nome do emir como Abu Talib al-Zuhri, informando-se que as bases desta leitura e uma nova interpretação histórica eram apresentadas noutra trabalho, ainda no prelo <sup>(4)</sup>.

Relativamente à oficina monetária de Silves muçulmana, o seu conhecimento tem uma narração semelhante à de Beja. A primeira moeda que apareceu foi também um qirat, apresentado em 1893 por Antonio Vives y Escudero, no seu ainda hoje importante trabalho sobre as séries muçulmanas peninsulares <sup>(5)</sup>. Está descrito sob o n.º 2018, mas com a leitura do topónimo erradamente interpretada como Ceuta. A leitura Silves só veio a ser dada por nós, no estudo «The monetary issues of Ahmad ibn Qasi in Silves and the beginning of the characteristic Almohad coinage», levado em 1986 ao 2.º Simpósio sobre problemas da cunhagem medieval na área ibérica <sup>(6)</sup>.

Verdadeiramente, o conhecimento de Silves como oficina monetária muçulmana vem de 1958, com o estudo, já referido, de Joaquim Figanier sobre as moedas da Lapa do Fumo. São então apresentados três tipos de qirates, até aí desconhecidos, onde pode ser lido aquele topónimo. Foram mandados bater por Sidray ibn Wazir — um colaborador de Ahmad ben Qasi em Mértola, mas depois seu inimigo, o qual foi governador daquela cidade algarvia —, estando num deles também o nome de Hamdin ben Muhammad, que tomara o governo de Córdova com os títulos de «billah al-Mansur» e de príncipe dos Muçulmanos.

Ora acontece que, também no ano passado, em escavações arqueológicas ainda a decorrer nos claustros da Sé de Lisboa, foi encontrado um bloco compacto que, após tratamento, revelou até agora, além de algumas jóias, várias centenas de pequenos fragmentos de moedas muçulmanas, na maioria almorávidas, e bastantes inteiras, onde estão cerca de meia dúzia de qirates de Beja. Afortunadamente, entre os diversos meios-qirates, há dois com o nome Beja e outros com o nome Silves, espécies que, embora de presumir, não havia prova da sua emissão.

Quanto aos meios-qirates de Beja, são os divisores do qirat já conhecido, pelos três espécimes anteriormente citados. Aqueles têm, no anverso, uma legenda em três linhas, que diz «O imame/Ahmad ben Qasi/Beja», e no reverso, dentro de um pequeno

---

(3) «Mais um qirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri», *Arqueologia Medieval* 2 1993.

(4) «Moedas árabes de Beja invocando Ibn Qasi: Nova leitura e interpretação histórica», neste volume de *Nvmmvs*.

(5) *Monedas de las dinastias árabe-españolas*, Madrid 1893.

(6) *Problems of medieval coinage in the Iberian area*, 2, Avilés 1986.

quadrado, cantonado com arruelas, a palavra الزهري (Al-Zuhri), escrita com as cinco primeiras letras na metade inferior, e com a última letra ي, na forma ى — muito comum —, colocada por cima da quinta letra ل. É de referir que essa sexta letra figura ser um *alif* no qirat da Lapa do Fumo, onde está feita a traço direito, e na moeda de Numisma assemelha a letra ذ. Só nos meios-qirates ela mostra, claramente, ser a letra ي, que se transcreve por *i*. Esclarece-se, também, que a terceira letra ز, tem um ponto diacrítico, e não deve entender-se como a letra ز, como é apresentada no qirat de Alcaria Longa, e que não podemos ver na fotografia publicada, devido a um orifício nesse ponto da moeda.

Os meios-qirates de Silves têm, também, muito interesse, sendo de igual forma polémicos. Apresentam no anverso, em três linhas, a legenda «Billah/al-Mansur/Ibn Wazir», e na outra face apenas a palavra Xilb. A legenda do anverso tinha aparecido já em três outros meios-qirates da Lapa do Fumo (descritos no n.º 12 do estudo «Moedas muçulmanas de Beja e de Silves») que, todavia, têm na outra face um desenho ornamental e não a menção de Silves. Com mais esta emissão diferente, a polémica renasce, pelo facto de haver quem entenda que o *lacab* ou título real «al-Mansur billah» — o tornado vitorioso por Deus — não se refere a Hamdin ben Muhammad, de Córdoba, que o tomou e pelo qual passou a ser designado, mas é, sim, um título também usado pelo próprio Ibn Wazir. Nós entendemos que esse título refere aqui Hamdin, pois, além de a Lapa do Fumo nos ter proporcionado outro exemplar, de fábrica muito semelhante aos três anteriores, e onde a legenda é «Hamdin/Ibn Wazir», em vez de «Billah/al-Mansur/Ibn Wazir», a verdade é que, após o afastamento de Hamdin em Córdoba, o título não mais apareceu nas moedas de Ibn Wazir.

Curiosamente já notámos neste tesouro um outro tipo de qirat ou meio-qirat, que irá alimentar aquela polémica. Tem numa face a legenda «Billah/al-Mansur/príncipe dos muçulmanos/Hamdin ben/Muhammad» e na outra face a legenda «Billah/al-Mansur/Ibn Wazir». Assim, com esta moeda, os dois políticos teriam usado o título honorífico de «al-Mansur billah». Mas a moeda é, também, em si própria, outro problema, pois tem características anómalas. Além de uma gravura muito rude e de traçado irregular — que difere inteiramente das letras bem traçadas e muito certas em cunhagens bem centradas, de emissões anteriores e posteriores a esta — apresenta as legendas das duas faces em cinco e em três linhas, características do tipo qirat, para que a população facilmente o distinguísse, mas aqui com pesos de 0,44g e 0,35g, incompatíveis, pois estão abaixo da média teórica que os próprios meios-qirates deveriam apresentar.

Uma mostra significativa deste importante achado — certamente ligado à tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques, pelas datas em que muitas destas moedas foram batidas — pode ser vista até final do ano no Museu Nacional de Arqueologia, na exposição Lisboa Subterrânea, integrada nas exposições de «Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura».



## ÍNDICE

A. MARQUES DE FARIA — <i>Novos elementos para o estudo das moedas romanas carimbadas</i> .....	7
RUI M. S. CENTENO — <i>Um Tesouro de Aurei Romanos da antiga Índia Portuguesa: Aditamento</i> .....	19
MIGUEL TELLES ANTUNES E ADEL SIDARUS — <i>Moedas Árabes de Beja invocando Ibn Qasi. Nova leitura e interpretação histórica</i> .....	25
MIGUEL TELLES ANTUNES E ADEL SIDARUS — <i>Fracção de Dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o Emir Almorávida Ishaq Ibn`Ali. Significado histórico e político</i> .....	41
FELIX TEICHNER — <i>Escavações no templo romano de Évora — Acerca da relevância cronológica de uma série de moedas</i> .....	53
JOSÉ RODRIGUES MARINHO — <i>Ainda sobre a moeda de X réis de 1799</i> .....	67
ACHADOS MONETÁRIOS	
A. MARQUES DE FARIA — <i>Três tesouros monetários romanos da época republicana</i> .....	79
CARLOS MONTEIRO, CRISTINA SILVA, PEDRO BARBEDO E TERESA GOMES — <i>Tesouro monetário Tardo-Romano de Fermentões (Guimarães)</i> .....	95
J. M. VALLADARES SOUTO E J. M. FERREIRA LEITE — <i>Notícia de um tesouro aparecido em Beja: Aditamento</i> .....	119
A. MARQUES DE FARIA — <i>Achados monetários em Idanha-A-Velha</i> .....	121
JOSÉ RODRIGUES MARINHO — <i>Novas moedas de prata das oficinas muçulmanas de Beja e de Silves</i> .....	169









## GUIA PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS

1. Os originais serão apresentados dactilografados em folhas de tamanho A4, a dois espaços e com uma margem esquerda de pelo menos 3 cm. A SPN agradece a todos os Autores que utilizam computadores MACINTOSH para processamento de texto, o envio dos seus trabalhos em *disquete*.
2. As referências bibliográficas devem seguir as normas adoptadas pela revista *NVMMS* e utilizar as abreviaturas em baixo listadas. Dispensa-se a indicação do editor nos livros e do lugar de edição nas revistas.

*Exemplo de citação de um livro:*

R.M.S. Centeno, *Circulação monetária no noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos *Nvmms* n.º 1), Porto 1987.

*Exemplo de citação de um artigo de revista, actas de congresso ou outra colectânea:*

J. G. Barata, «Moedas portuenses no reinado de D. Maria (1833 e 1847)», *Nvmms* 2.ª Série, XI 1987 p. 15-41.

3. As ilustrações (fotografias, desenhos, mapas...) podem ser organizadas em estampas acompanhadas da respectiva numeração romana ou entrar no texto como figuras numeradas em árabe.
4. Os originais devem ser acompanhados por um **resumo em português** e, se possível, por uma versão em francês ou inglês.
5. Aconselha-se os Autores a conservar uma cópia de todos os originais enviados, uma vez que a SPN não se compromete na sua devolução.
6. Por cada original publicado a SPN oferece 25 separatas e um exemplar do volume correspondente da revista *Nvmms*.
7. Para todos os assuntos relacionados com a preparação e envio de originais contactar a redacção da revista.

## ABREVIATURAS

- AIIN* — *Annali del Istituto Italiano di Numismatica*, Roma.
- AJN* — *American Journal of Numismatics*, Nova Iorque.
- AN* — *Acta Numismática*, Barcelona.
- AP* — *O Archeologo Português / O Archeólogo Português*, Lisboa.
- Aragão — A. C. Teixeira de Aragão, *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 3 vols., Lisboa 1874-1880.
- BAR — Série British Archaeological Reports.
- CIL* — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim 1863 —
- CNH* — L. Villaronga, *Corpus nummum hispaniae ante Augusti aetatem*, Madrid 1994.
- Cohen — H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain*, 8 vols., Paris 1880-1892.
- F. Vaz — J. Ferraro Vaz, *Livro das moedas de Portugal*, 2 vols., Braga 1969.
- GN* — *Gaceta Numismática*, Barcelona.
- JNG* — *Jarhbuch für Numismatik und Geldgeschichte*, Munique.
- LRBC* — P. V. Hill, J. P. C. Kent, R. A. G. Carson, *Late Roman Bronze Coinage, A. D. 324-498*, Londres 1965.
- MIB* — W. Hahn, *Moneta Imperii Byzantini*, Viena 1973 —
- Miles — G. Miles, *The Coinage of the Visigoths of Spain: Leovigild to Achila II*, Nova Iorque 1952.
- MN* — *The American Numismatic Society Museum Notes*, Nova Iorque.
- NC* — *The Numismatic Chronicle*, Londres.
- NH* — *Numario Hispánico*, Barcelona.
- NZ* — *Numismatische Zeitschrift*, Viena.
- RIC* — H. Mattingly, E. A. Sydenham e outros, *The Roman Imperial Coinage*, Londres 1923 —
- RN* — *Revue Numismatique*, Paris.
- RPC* — A. Burnett, M. Amandry, P. P. Ripollès, *Roman Provincial Coinage, Vol. I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44BC-AD69)*, Londres/Paris 1992.
- RRC* — M. H. Crawford, *The Roman Republican Coinage*, Cambridge 1974.
- QT* — *Quaderni Ticinesi. Numismatica e Antichità Classiche*, Lugano.
- SNG* — *Sylloge Nummorum Graecorum*.
- SNR* — *Schweizerische Numismatische Rundschau*, Berna.
- Tomasini — W. J. Tomasini, *The Barbaric Tremissis in Spain and Southern France: Anastasius to Leovigild*, (Numismatic Notes and Monographs n.º 152), Nova Iorque 1964.
- Vives — A. Vives y Escudero, *La moneda hispánica*, 5 vols. + Atlas, Madrid 1924-1926.

